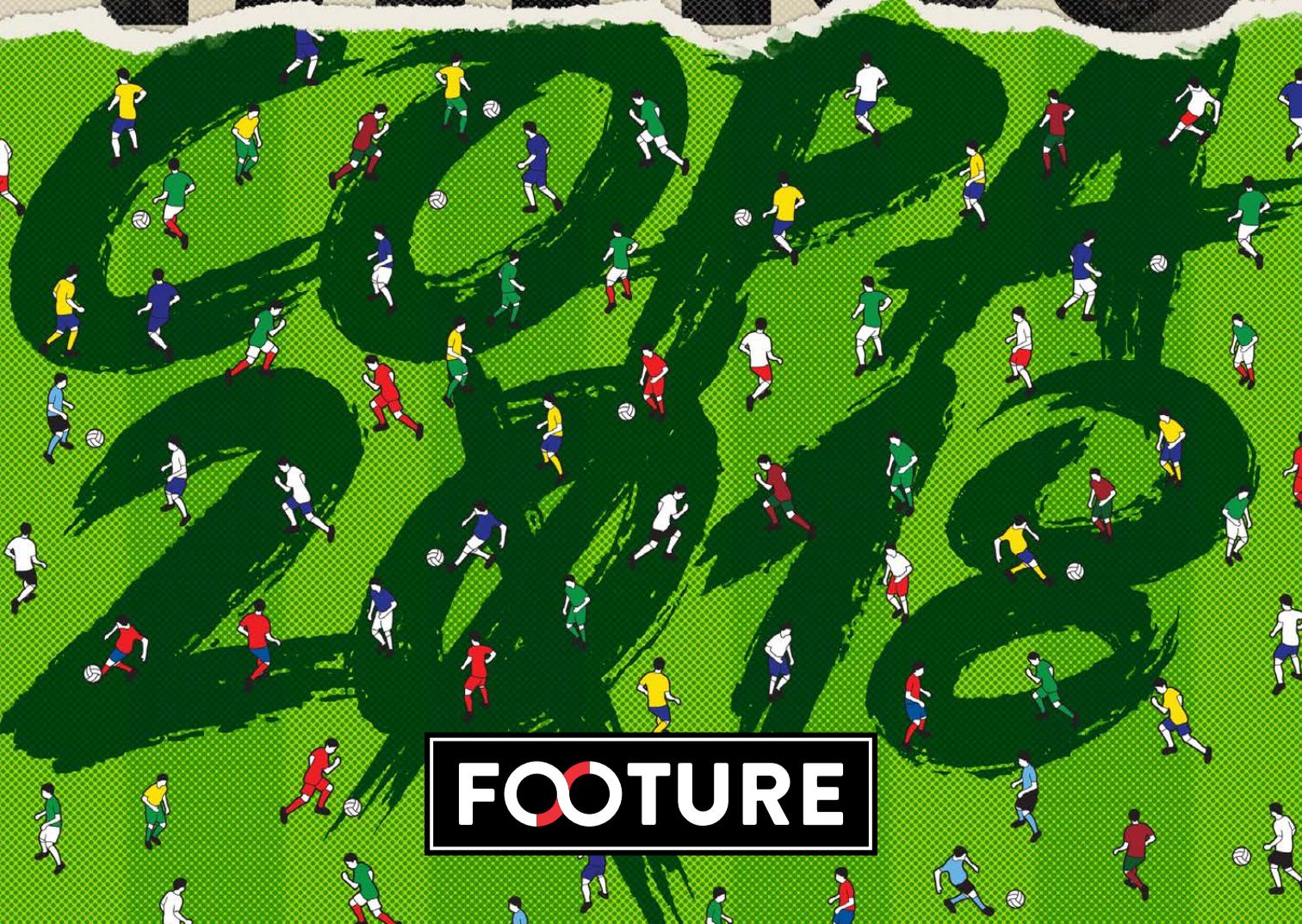




TATIGO



FOOTURE

LIVES ESPECIAIS DA COPA

You **Tube**
/footurefc

CONSULTE
A AGENDA
NO TWITTER
@FOOTUREFC



 GABRIEL CORRÊA



 VINÍCIUS FERNANDES



 EDUARDO DIAS



 MAIRON RODRIGUES



 BOLÍVAR SILVEIRA

UNBOXING

Quartas 12h

O programa
semanal
de análise



FOOTURE

Presidente | Eduardo Dias

Diretor geral | Emílio Fialho

Analistas | Bolívar Silveira, Gabriel Corrêa, Mairon Rodrigues e Vinícius Fernandes

Diretor de arte | Filipe Borin

GUIA DA COPA 2018

Editor | Vinícius Fernandes

Editor assistente | Gabriel Corrêa

Analistas | Bolívar Silveira e Mairon Rodrigues

Direção de arte | Filipe Borin

Artigos de: André Kfourri, Paulo Calçade e Jéssica Miranda

Analistas colaboradores: André Andrade, André Ribas, Dimitri Barcelos, Douglas Batista, Eryck Gomes, Igor Junio, João Lira, Leonardo Hartung, Leonardo Mirand, Luís Cristóvão, Lucas Batista, Lucas Filus, Marcelo Grava, Matheus Eduardo Souza, Matheus Fiuza, Rafael Brayan, Rafael Maciel, Renato Gomes Rodrigues, Sergio Santana, Smack Neto, Vinicius Dutra e Willian Pipolo

Ilustrações de: Vanessa Reyes

ACESSE



www.footurefc.com.br



[/footurefc](https://www.facebook.com/footurefc)



[@footurefc](https://twitter.com/footurefc)



[@footurefc](https://www.instagram.com/footurefc)



[/footurefc](https://www.youtube.com/footurefc)



[footurefc](https://play.google.com/store/apps/details?id=com.footurefc)

PENSE A COPA

Por: *Eduardo Dias*

Estamos no céu, é tempo de Copa! E para nós futeboleiros essa época é o paraíso na terra, mesmo, não importa que seja Colômbia x Japão numa terça-feira às 9h da manhã, aliás nada vai ser mais importante que esse duelo nesse dia e nesse horário, como em todas as partidas da Copa do Mundo, a cada dia, até a grande final. Tudo nos interessa, os times, os perfis de jogadores, as plataformas táticas, o índice de posse de bola, os passes para o último terço, os gols improváveis, a torcida, os uniformes, os comerciais de TV, absolutamente tudo.

Mas o primeiro Guia Footure de uma Copa do Mundo tem um foco, uma ambição, deixar um spoiler sobre cada seleção, dar uma sensação de “eu sabia disso” para quem se aventurar a entender a forma de jogar de cada time e não ser pego de surpresa, na medida do possível permitido pelo futebol.

Nosso Guia é colaborativo, são dezenas de analistas dissecando inúmeros dados em análises objetivas que identificam padrões táticos em uma linguagem acessível e de fácil localização.

Análises, dados, estatísticas e muita arte. Se em todos os nossos ca-

nais tratamos o jogo de forma séria, profunda e, reflexiva, neste caso não só procuramos manter essa nossa identidade, mas também investimos em uma roupa de gala, como a ocasião impõe. O Guia Footure tem conteúdo e forma.

A era da inteligência chegou ao futebol e em nenhuma Copa do Mundo houve tanta disponibilização de dados, tanta análise, tanto conteúdo sério sobre o futebol acessível a quem gosta do jogo de verdade e busca respostas a cada partida. Este, de fato, é o grande legado da Copa de 2014 onde o amargo da derrota do Brasil despertou por aqui o interesse pelo conhecimento e pela ciência, além do talento, tão importante e já insuficiente por si só.

O Footure nasceu nesse ciclo também atrás destas respostas, movido pela paixão e em busca de uma razão, coração e mente, como uma alternativa à superficialidade do tratamento dado ao futebol, e é assim que encaramos a nossa primeira Copa, e este Guia é a representação de nossa caminhada até aqui.

Aproveite cada jogo, cada minuto, vibre, chore, estude, analise, confirme suas previsões e reveja suas convicções, mas acima de tudo, **#PenseOJogo**.

SUMÁRIO



8

PREFÁCIO
POR: PAULO CALÇADE

12

ARTIGO
POR: ANDRÉ KFOURI

16

FUTEBOL + CULTURA
POR: JESSICA MIRANDA

GRUPO A

24

RÚSSIA

28

ARÁBIA SAUDITA

32

EGITO

36

URUGUAI

GRUPO B

44

PORTUGAL

50

ESPANHA

56

MARROCOS

60

IRÃ

GRUPO C

66

FRANÇA

72

AUSTRÁLIA

76

PERU

80

DINAMARCA

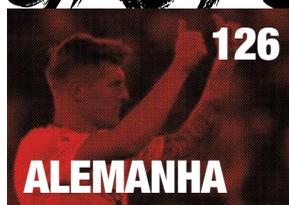
GRUPO D



GRUPO E



GRUPO F

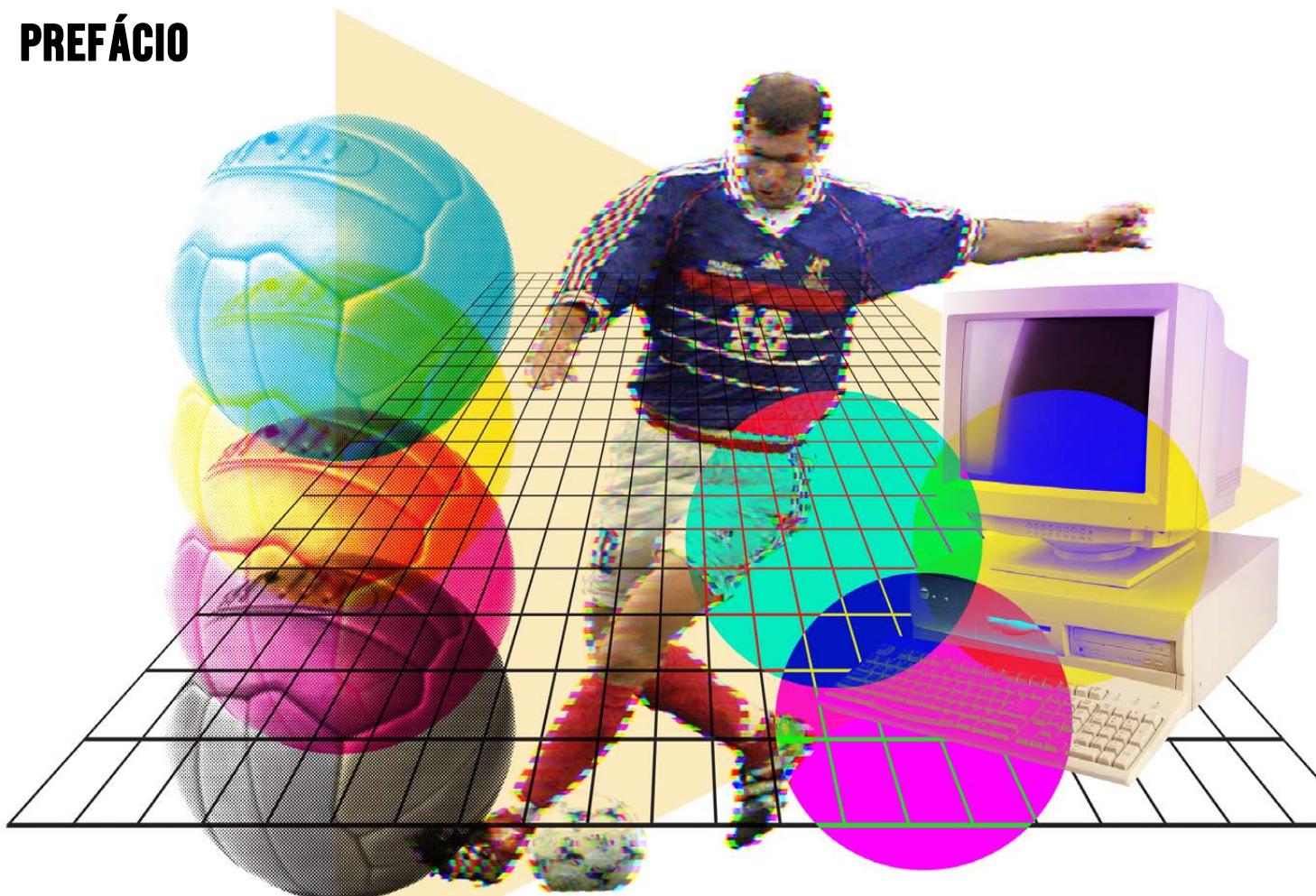


GRUPO G



GRUPO H





AS COPA E AS TRANSFORMAÇÕES

Por: Paulo Calçade

Cada Copa do Mundo tem sua importância histórica dentro de um contexto que transcende a dimensão do futebol. O evento reconhecido e admirado em qualquer pedaço de terra do planeta é capaz de mover e até redefinir elementos que apenas um tratado de geopolítica seria capaz de fazer.

O Mundial da França, em 1998, foi um marco para a redefinição do conhecimento que viria a seguir, dentro e fora do gramado: a internet. Foram os primeiros passos de uma rede complexa que hoje é via de evolução e base sólida para quem quer se aprofundar nos detalhes do futebol. Ou apenas apri-

rar seus conhecimentos para alcançar um outro patamar como torcedor.

Vinte anos atrás, no Centro de Imprensa, em Paris, havia apenas uma intranet, com limitação de dados e de conteúdo, mas podemos dizer que era o início do futuro, hoje o nosso presente. Sou grato por ter vivido intensamente aquele momento e por participar dessas transformações.

Voltei no tempo com a honrosa missão do Footure de apresentar este trabalho, relembrei não só minha trajetória pessoal como a de uma revolução que alterou a forma de como consumimos informação e entendemos o jogo de futebol.

É missão para um bom trabalho acadêmico, estabelecer um paralelo entre esse mundo de oportunidades e conhecimento e suas consequências no aprendizado das novas gerações de trabalhadores do futebol, sejam eles jogadores, treinadores ou jornalistas. E nem chegamos às redes sociais, termômetro de como pulsa o mundo em que vivemos, para bem e para o mal.

Eu poderia dizer que o Footure é uma grata surpresa, mas certamente seria a forma mais pobre de tentar apresentar-lhes o trabalho digno de uma equipe que respira o futebol com um profissionalismo exemplar. Dizer que o Footure é o futuro é também uma tentação, mas seguimos em frente.

Quatro Mundiais depois da aventura francesa, o nível de conteúdo disponível para o fã de futebol é incalculável,

do acadêmico ao bizarro. Felizmente a trincheira do Footure é a do conhecimento e do respeito à inteligência alheia, o compromisso com o jogo e sua variante tática, o principal alicerce na construção das equipes que vão disputar a Copa da Rússia.

Propositadamente evitei aqui abordar o futebol moderno, porque para mim futebol moderno não existe. Fiquemos com futebol contemporâneo, o jogo como narrativa e tradução da sociedade em que ele habita, reinventando-se todos os dias, do micro ao macro ambiente.

Essa loucura em identificar e carimbar o moderno empobrece o papo futebolístico, principalmente neste Brasil polarizado em todos os debates. Quem sabe até o final da Copa a gente perceba que esse mistério chamado futebol é tão rico que nada melhor do que a informação e o conhecimento para tentar decifrá-lo.

Leia o Guia do Footure e acompanhe as partidas tentando identificar como um conteúdo tão poderoso e o esporte que você ama podem se encontrar e mudar o entendimento deste fenômeno em sua cabeça.

Se você chegou até aqui é porque é movido por algum tipo de curiosidade e talvez queira mais. E posso te garantir que este guia foi feito com muito amor e respeito ao futebol.

Footure. Feito por futeboleiros, para futeboleiros. 🏆

FOOTURE LAB

A era do conhecimento chegou ao futebol
e o Footure Lab prepara uma
nova geração que vai mudar o jogo.



FOOTURE



**PERO
UNTE
O JOGO**

**Curso de Análise Tática
por Eduardo Cecconi.**

Em breve!

penseojogo.footure.com.br

UM JEITO DE VER E SENTIR

Por: André Kfourri

Ver a seleção brasileira subir ao gramado em um estádio fora do país gera uma sensação especial. O lugar ainda está meio vazio, a música nos autofalantes acompanha a chegada das pessoas àquele ambiente pré-jogo em que as atenções estão dispersas, algo familiar e ao mesmo tempo estranho. De repente, um som distinto – o barulho de torcedores mais exaltados com o que veem ou outra trilha sonora, em volume mais alto – anuncia que há jogadores em campo para iniciar o processo de aquecimento. E instantaneamente uma conexão interna desperta um sentimento capaz de te levar para casa. É como se, independentemen-

te dos nomes e das histórias, aquelas pessoas lhe fossem próximas, tão somente pelo fato de virem do mesmo lugar. Uma visão que diminui distâncias e oferece conforto.

Gostar muito de futebol é um pré-requisito para se sentir assim, pois, embora seja frequente a relação entre esse tipo de ocasião e o conceito de patriotismo, é ao jogo – e não necessariamente à bandeira – que essa sensação se funde. Quem consegue se desvencilhar de toda a carga negativa que sobrevive na órbita da seleção brasileira e estabelecer uma convivência puramente futebolística com a camisa descobre, sem dramas, que é possível enxergá-la como um time



que lhe pertence. E é precisamente aí que está a magia do jogo: se o futebol é uma parte tão importante da vida de alguém, a seleção é uma expressão dessa importância. Sentir-se representado pelos seus passa pela forma como se joga e como o jogo satisfaz – ou não – um conjunto de naturezas comuns. A Copa do Mundo é isso, elevado à máxima potência.

Também é preciso saber afastar a politicagem, os negócios e as intenções inconfessáveis que se alimentam desse período e proteger o que o futebol significa. Ser capaz de se relacionar apenas com o que tem valor. Embora não seja simples, esse é o exercício pessoal que o jogo merece: vê-lo como quando se é criança. Cada Copa apresenta a possibilidade do reencontro com um momento específico que está na origem de tudo, a semente de um jeito de vivenciar o jogo que pode durar para sempre. O gol de Falcão contra a Itália, em 1982, por exemplo, será lembrado assim por uma geração que teve o privilégio de ser for-

mada em futebol por valores que não se apagam, o que não tem nada a ver com inocência ou romantismo. A renovação da memória afetiva é uma felicidade que depende de cada um.

Romântica, sim, é a ideia da Copa como uma exposição de tendências, um ponto de encontro do mundo a cada quatro anos, em que as seleções se reúnem para mostrar o que fazem bem e decidir quem é a melhor. A velocidade das coisas atropelou essa noção e o que se tem hoje é um futebol compartilhado quase que em tempo real. Mas os Mundiais continuam revelando uma fotografia dos fundamentos que caracterizam o jogo não só no momento presente, mas também as rotas que podem ser percorridas a partir dali. Fartura de conteúdo embalada por um componente emocional que une cada time a um jeito de ver a vida e sentir o jogo, evocado sempre que um estádio é preenchido pela presença de jogadores em campo. ⚽



**NÃO HÁ MOMENTO MELHOR
DO QUE ESTE CLIMA
DE COPA PARA APROFUNDAR
SEUS CONHECIMENTOS
SOBRE FUTEBOL.
CONHEÇA O PRINCIPAL**

CRAQUE DOS
LIVROS

**CONVOCADOS PELA
EDITORA GRANDE ÁREA!**

EDITORA

**GRANDE
ÁREA**

ALÉM DAS 4 LINHAS



SAIBA TUDO SOBRE ESTA
BÍBLIA DAS TÁTICAS EM:
www.editoragrandearea.com.br

SAIBA MAIS

Além deste título, a Editora Grande Área tem um time inteiro de livros para os amantes do futebol! Acesse o site e conheça: www.editoragrandearea.com.br





A POLÔNIA DO IMAGINÁRIO POPULAR

Texto: *Jessica Miranda* | Ilustrações: *Vanessa Reyes*

Lá pelos idos de 1980, Madonna proclamava que vivíamos num mundo material. Ainda assim, a degeneração do nível médio da sociedade, três décadas depois, é alarmante. Quem poderia imaginar tendo de lidar, diariamente, com a era da pós verdade? Quando até mesmo chefes de Estado adotam este viés, paramos, perplexos, a indagar: e agora, José?

Aprendi o básico e um pouco mais sobre a Segunda Guerra Mundial a partir dos sete anos de idade, com meu pai a explicar durante os trajetos de transporte público, à espera de ouvirmos um jogo de futebol naquele radinho rosa, de pilha dupla. Nazismo e regimes ditatoriais são errados, aprendi. Milhares — uma quantia imensurável para uma criança — morreram nos



campos de concentração, como judeus e outras minorias.

Em setembro de 1939 a Alemanha e a União Soviética decidiram invadir a Polônia e dividir, entre si, suas terras. Um ano depois, na região polonesa da Cracóvia, era inaugurado Auschwitz, mais um local de extermínio nazista. É significativo que o campo de Birkenau, maior ainda, também seja localizado na Polônia, pois aproximadamente metade dos judeus mortos eram de origem polaca.

Neste ano de 2018, a seleção da Polônia volta a disputar uma Copa do Mundo, após doze anos de ausência. Tendo caído na primeira fase em 2002 e 2006, a cabeça da chave H buscará ins-

piração em seu passado, tentando fazer boas campanhas como as dos mundiais das décadas de 70 e 80. Já o estado polonês, na figura do político Andrzej Duda, escolheu o caminho oposto, de ofuscar o passado. Eleito presidente em 2015 pelo partido PiS (Direito e Justiça, em polonês), o conservador promulgou em fevereiro deste ano uma lei que proíbe a discussão sobre o envolvimento polonês no Holocausto, inclusive com pena de prisão.

Em matéria para a Folha de São Paulo, o jornalista Guilherme Magalhães entrevistou o responsável pelo Museu do Holocausto, David Silberkang. O historiador analisou diários e cartas de poloneses durante a Segunda Guerra Mundial e é categórico ao afirmar o envolvimento não apenas do estado polaco, como também dos cidadãos, no holocausto. “Em muitos casos descobrimos que as pessoas caçando os judeus sequer entregaram eles para os alemães, matavam por conta própria”, disse o historiador do Yad Vashem. Ele lembra que isso contrariava a norma alemã, que pedia que os judeus fossem entregues vivos”, conforme matéria para a Folha.

Ao se valer de mecanismos estatais para sufocar o pensamento, Duda atiza novo embate internacional, após entrar em conflito com a União Europeia. O bloco econômico ameaça impor sanções e retirar o direito de voto da Polônia caso a proposta de reforma do judiciário e a censura à imprensa, dentre outras pautas mais conservadoras, virem realidade.

A POLÔNIA DO IMAGINÁRIO POPULAR

Wembley, 1973. Inglaterra contra Polônia, eliminatórias europeias para o Mundial da Alemanha. Camisa amarela, shorts vermelho, meias brancas. Assim se vestia o goleiro polonês Jan Tomaszewski. Nas costas de sua camisa longa, um enorme número 1, uma tipografia diferente dos seus companheiros em campo. Ele parecia o Ronald McDonald. Não à toa, junto com seu estilo de defesas acrobáticas, Brian Clough, comentando a partida para a televisão inglesa, chamou Tomaszewski de um palhaço, mal sabendo, o lendário treinador, as travessuras reservadas na partida.

O primeiro ataque do jogo foi, claro, dos mandantes. Uma inofensiva bola alçada na área, agarrada com tranquilidade. Tentando construir um contragolpe, Jan largou a pelota à frente, visando a ligação direta com um chute. Porém, ele não contava com a atenção afiada de Allan Clarke. O camisa dez acelerou para roubar a bola. Tomaszewski se jogou como pode para recuperá-la. BANG, um choque entre eles, mas domínio polonês. Portando uma expressão de dor, o goleiro se ergue e lança para o lateral esquerdo, caindo no chão. Nem Allan, nem o árbitro, nem o próprio jogador: ninguém percebeu que Tomaszewski fraturou o pulso, com lesões múltiplas nos ossos.

A adrenalina de decisão nebulava a percepção dos presentes, afinal, os dois países chegaram para o último jogo do



grupo empatados no número de pontos, com vantagem polonesa no saldo de gols. A todo custo a Inglaterra precisava vencer. Não conseguir o triunfo, em casa, contra um time do leste europeu, composto de jogadores isolados no seu país de origem, dentro de uma cortina de ferro soviética, era inadmissível.

Num lado do banco de reservas estava Alf Ramsey, no cargo de treinador da Inglaterra desde 1963, responsável pelo triunfo isolado inglês em Mundiais, até hoje. Do outro, Kazimierz Górski, com passagens no comando técnico das seleções de base de seu país até assumir o time principal da Polônia em 1970. Antes do fatídico jogo em Wembley, Górski conquistara a medalha de ouro nas Olimpíadas de Munique, em 1972 e encerraria sua trajetória na seleção alvirrubra com o terceiro lugar na Copa de 1974 e uma prata nos Jogos de Montreal, dois anos depois.

Naquele momento em Wembley, contudo, Górski precisaria ainda guiar



sua equipe para conquistar a classificação, em meio a um bombardeio adversário. Literalmente a Inglaterra criou duas dezenas de chances de gol a mais. Tomaszewski fez o melhor jogo de sua carreira. Quando não conseguia defender, contava com as benditas traves e os companheiros para tirar a bola em cima da linha.

A Polônia resistia, esperando o momento de sair da trincheira e golpear. Antes dos quinze do segundo tempo, o ponta direita Tony Currie tenta pedalar e driblar Henryk Kasperczak e é desarmado. O jogador que décadas depois classificaria a Tunísia para a Copa do Mundo da Rússia, antes de ser demitido por desavenças sobre renovação contratual, se livra da bola com pressa, tocando muito a frente de Grzegorz Lato.

O atacante não desiste e continua a correr rente a linha lateral, na altura do meio campo. A situação parece tranquila para Norman Hunter dominar e

afastar o perigo. Mas talvez o excesso de pressa de Kasperczak tenha induzido o excesso de confiança de Hunter e ele tenta, de lado, parar a bola para ajeitá-la de calcanhar, fintando Lato. O movimento é feito com letargia e o atacante dá um tapa bem à frente, iniciando o contragolpe. Em desvantagem numérica, os zagueiros se perdem e deixam Jan Domarski livre para arrematar a três passos dentro da pequena área, de primeira, com o defensor Emlyn Hughes caído ao chão e o goleiro Peter Shilton batido.

Exasperada, a Inglaterra conseguiu vencer Tomaszewski com um pênalti cobrado justamente por Clarke, empatando a partida, com mais meia hora de jogo a rolar. Mas ficou só nisso. Aos campees de 1966 restou o segundo lugar — Alf Ramsey teve seu ciclo na seleção encerrado logo depois, em consequência do fracasso —, enquanto que aos polacas restou a chance de trazer de volta o sentimento de pertencimento nacional,



para um povo que vivia sob as rédeas de uma firme ditadura comunista.

Retornando ao torneio mundial, a Polônia até então apresentou um futebol mais vistoso do que seus adversários, à exceção, claro, da Laranja Mecânica de Johan Crujff. Através de passes curtos e explosões de velocidade para buscar espaço, a seleção alvirrubra era ofensiva e efetiva. Além dos jogadores já citados acima, contava com Kazimierz Deyna, tido como melhor jogador polonês, em seu auge, aos 26 anos. Deyna viria a ser um dos pioneiros a deixar a cortina de ferro, tendo jogado pelo Manchester City antes de rumar aos EUA, onde faleceu pouco tempo depois de se aposentar, em um acidente de carro.

Não houve dificuldades para os poloneses passarem da fase de grupos, com 100% de aproveitamento. Já na segunda fase, em outro grupo, também vencera dois duelos, chegando para a partida derradeira empatada em pontos com o seu adversário, a Alemanha Ocidental. Porém, ao contrário do que acontecera em Wembley, os alemães tinham a vantagem do empate para avançar à final.

MARCAS DO PASSADO

Em entrevista do site da Fifa, o ex-lateral Paul Breitner afirmou categoricamente que o triunfo de seu país sobre



a Polônia se deu por questões climáticas. O início da partida, naquele três de julho de 1974, foi posto em xeque desde o início do dia, visto a tempestade torrencial despencada em Frankfurt. Talvez nem os mais tecnológicos campos atuais dariam conta de escoar o dilúvio, mas para não travar mais o já apertado calendário do Mundial, o árbitro deu início à partida com trinta minutos de atraso.

Apesar do dilúvio ter cessado, as condições do campo estavam péssimas, com áreas cheias de barro ou poças d'água. A bola rolava com dificuldade, como em câmera lenta. Ao caírem — e como caíram —, os jogadores moviam litros de água no gramado. O uniforme todo branco da Alemanha contrastava com o vermelho intenso, também completo, dos poloneses. Nenhum dos dois times conseguia trocar uma sequência decente de passes sem recorrer a chutões, tentando vencer a resistência do ambiente.

Jan Tomaszewski, desta vez ostentando o número 2 às costas, e Sepp Maier fizeram defesas cruciais, nas poucas chances criadas. O “ex-palhaço” inclusive defendeu uma penalidade de Uli Hoeness. Mas a partir de uma bola recuada, Tomaszewski tentou uma ligação direta para o flanco direito, botando no entanto a bola para fora. Breitner cobrou o lateral para Beckenbauer e o Kaiser, após trocas curtas de passes entre seus companheiros, lançou nos pés de Wolfgang Overath. Como um maestro, ele aguardou por uma fração de segundos, esperando Bernd Hölzenbein correr até o limite

da linha defensiva polaca, pronto para receber o passe. Mesmo perdendo o equilíbrio, Bernd conseguiu elevar a bola à meia altura. Ela quicou duas vezes no gramado antes de Gerard Muller, pilhado pelos gritos dos locais, fuzilar de primeira, no canto direito de Tomaszewski, a quinze minutos do fim da partida.

Talvez, no subconsciente, as marcas do passado fossem fortes demais para se buscar uma virada em tão pouco tempo: o árbitro era austríaco, jogavam contra a Alemanha em solo alemão e viviam sob o regime central e Moscou. Explica-se: em 1772, a Polônia como nação deixou de existir e seu território foi dividido entre o Império da Prússia (futura Alemanha), Rússia e Império Austro-Húngaro. Apenas com os desmantelamentos da Primeira Guerra Mundial a Polônia reconquistou a soberania de seu território, em 1918, ainda que temporariamente pois, como visto, duas décadas depois a Alemanha invadiu a Polônia, iniciando a Segunda Guerra Mundial e, com o fim dela, instalou-se a ditadura soviética até 1989.

O enaltecimento do nacionalismo fora de campo, no governo atual do presidente polonês Duda é um fenômeno de muitas vertentes, locais e mundiais. Ainda assim, o futebol continua a ser uma ferramenta de resgate do orgulho coletivo. Uma campanha acima das expectativas, liderada pelo capitão Robert Lewandowski, pode representar o início de uma reflexão social e união de uma nação tão historicamente fragmentada. 🏈



02



GRUPO A

RÚSSIA

A CASA COMO TRUNFO

Por: *André Andrade*

Sem nunca ter passado da primeira fase de um mundial após o fim da União Soviética, e com péssima campanha na Euro 2016, a Rússia chega na Copa do Mundo 2018 de técnico novo e na expectativa por quebrar este ciclo negativo. O comandante é Stanislav Tchertchessov, cujo a principal credencial é um bom trabalho à frente do Legia Warsowia, da Polônia, na temporada 2015–2016, quando venceu a Liga e a Copa local. Tchertchessov padecia com resultados desapontadores na Copa das Confederações 2017 e também na maior parte dos amistosos. Para os anfitriões, o fator local será o principal (e talvez único) trunfo.

AMPARADA PELA LINHA DE 5

Os donos da casa têm uma estrutura de jogo muito bem definida, que se caracteriza por um sistema defensivo no 5–3–2, com algumas variações dependendo dos jogadores que estão em campo e dos adversários em questão – a variação mais comum se dá entre o 5–4–1 e o 5–3–1–1. No momento defensivo, os 3 zagueiros formam a primeira linha de defesa com o ala-direito e o ala-esquerdo nos flancos. A frente deles, uma linha se forma com os 3 meio-campistas que

costumam bascular, isso é se movimentarem de um lado para o outro de acordo com o local da bola. Mais a frente os 2 atacantes ficam responsáveis por dar o primeiro combate.

É comum ver esta linha de 5 “quebrada” quando um dos zagueiros deixa o posto para realizar perseguições curtas ao adversário. Uma das falhas desse sistema intenso de jogo se encontra nas laterais, onde os russos têm muita dificuldade com bolas invertidas. Não raro os alas ficam sozinhos, gerando uma vantagem de espaço-tempo para o time atacante adversário realizar sua ação. Dois destaques do setor defensivo russo são o goleiro Akinfeev e o zagueiro Kudryashov, que tem boa qualidade no passe.

UMA EQUIPE DIRETA

No momento ofensivo a equipe costuma atuar no 3–5–2. a Rússia não tem muitos jogadores técnicos e capazes de gerar o jogo. Dzagoev é um dos poucos que reúne estas qualidades, mas muitas vezes é preterido por outros nomes que cumprem funções defensivas com maior intensidade e responsabilidade no meio-campo. O time russo costuma privilegiar mais o jogo pelos lados, com a amplitude através dos alas, que

FIQUE DE OLHO



FEDOR SMOLOV, atacante de 28 anos do FK Krasnodar impressiona com mobilidade, finalizações precisas e energia e aplicação tática na defesa.

CAMPANHA NA COPA DAS CONFEDERAÇÕES:

Rússia 2–0 Nova Zelândia

Rússia 0–1 Portugal

Rússia 1–2 México.

(Eliminada na fase de grupos)

AMISTOSOS APÓS A COPA DAS CONFEDERAÇÕES:

Dynamo 0 x 3 Rússia

Rússia 4 x 2 Coreia do Sul

Rússia 1 x 1 Irã

Rússia 0 x 1 Argentina

Rússia 3 x 3 Espanha

Rússia 0 x 3 Brasil

Rússia 1 x 3 França

UNDERDOG



ALEKSANDR GOLOVIN

Meio-campista de 21 anos do CSKA Moscou, é um jogador de uma boa técnica para dribles em espaços curtos e boa condução de bola. Estas características podem ajudar muito a Rússia nas transições. Contando com boa capacidade de desarmar e assistir, Golovin pode acabar a Copa valorizado e, quem sabe, atraindo clubes de grande expressão.

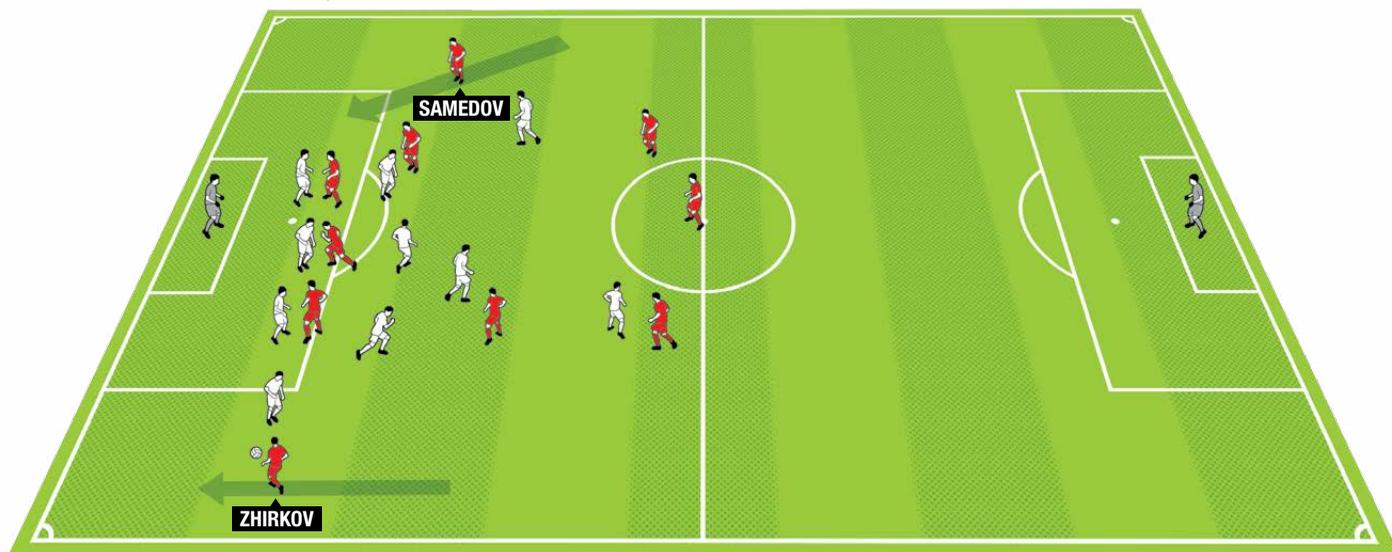
são bastante acionados. Destaca-se o incansável Zhirkov pela esquerda. Ele compõe uma equipe que ataca em bloco, contando com vários jogadores na área e nos arredores dela.

O ponto de referência ofensivo é o centroavante Smolov, uma vez que Kokorin se lesionou e ficou de fora da lista final. É comum nas saídas o uso de bolas longas para o atacante do Krasnodar. Em alguns casos o lançamento vem direto do goleiro e em outras dos pés do zagueiro Kudryashov. Será muito importante na primeira fase, sobretudo contra equipes em que a Rússia tem chance de fazer jogos equilibrados, como Arábia Saudita e Egito, a participação do meio-campo na fase ofensiva. Os meias terão que se movimentar para criar chances para os homens da frente e facilitar a transição ao ataque.

A Rússia é uma equipe bastante física e não se furta em abusar deste fator e da intensidade de seu jogo nos diversos momentos da partida. Nas transições ofensiva e defensiva a característica fica bastante evidenciada. Quando perde a bola, a equipe costuma aplicar uma forte e intensa pressão no adversário. Quando não consegue retomar a posse forma um bloco para defender e ajusta a altura de sua linha defensiva conforme a localização da bola e do adversário. Depois que recupera a posse, muitas vezes a tentativa é por uma jogada mais rápida e menos sofisticada, justificando a vocação física da equipe. Vale ressaltar também a busca da Rússia por situações de vantagem em lances de bola parada, aproveitando-se da altura e força física de seus jogadores. ⚽

QUADRO TÁTICO

ATAQUE PELOS LADOS



Rússia ataca pelo lado, como faz com frequência, usando os alas. Zhirkov apoia pela esquerda e faz o cruzamento para a área, o gol acaba saindo do ala-direito Samedov, reparem o ataque em bloco da equipe russa, 6 atacantes na área adversária criando problemas para a defesa adversária.

ELENCO

GOLEIROS: Igor Akinfeev (CSKA Moscou-RUS), Vladimir Gabulov (Club Brugge-BEL) e Andrei Lunev (Zenit-RUS)

LATERAIS: Yuri Zhirkov (Zenit-RUS), Mario Fernandes (CSKA Moscou-RUS), Alexander Samedov (Spartak Moscou-RUS) e Igor Smolnikov (Zenit-RUS)

ZAGUEIROS: Vladimir Granat (Rubin Kazan-RUS), Fedor Kudryashov (Rubin Kazan-RUS), Ilya Kutepov (Spartak Moscou-RUS), Sergey Ignashevich (CSKA Moscou-RUS) e Andrey Semenov (Akhmat Grozny-RUS)

MEIAS: Yuri Gazinsky (Krasnodar-RUS), Alexander Golovin (CSKA Moscou-RUS), Alan Dzagoev (CSKA Moscou-RUS), Alexander Erokhin (Zenit São Petersburgo-RUS), Roman Zobnin (Spartak Moscou-RUS), Daler Kuziyev (Zenit São Petersburgo-RUS), Anton Miranchuk (Lokomotiv Moscou-RUS) e Denis Cheryshev (Villarreal/ESP)

ATACANTES: Artem Dzyuba (Arsenal Tula-RUS), Alexei Miranchuk (Lokomotiv Moscou-RUS) e Fedor Smolov (FK Krasnodar-RUS)

TÉCNICO: Stanislav Cherchesov

GRUPO A



**ARABIA
SAUDITA**

5 TÉCNICOS EM MUITAS DUVIDAS

Por: *Marcelo Grava*

Adversária da Rússia na abertura da Copa, a Arábia Saudita é a pior colocada no Ranking da FIFA dentre as seleções do Mundial, ocupando a 70ª posição até o fechamento deste texto. Ausentes da competição desde 2006, os sauditas vêm desenvolvendo boas ideias em campo, apesar das várias limitações. Os desafios começam no banco de reservas: cinco técnicos passaram pela equipe desde a última Copa, sendo três deles a menos de um ano para a estreia na Rússia. O holandês Bert van Marwijk, vice em 2010 com a Holanda e hoje na Austrália, treinou os sauditas durante a maior parte das eliminatórias, mas deixou a seleção logo após conquistar a vaga por desavenças com a federação.

Para seu lugar, foi contratado Edgardo Bauza, ex-San Lorenzo e São Paulo. Bauza alterou o estilo de jogo do time, implantando uma linha de cinco defensores, e foi demitido em novembro após disputar cinco amistosos e perder três. Foi substituído pelo hispano-argentino Juan Antonio Pizzi, campeão da Copa América de 2016 com o Chile.

Pizzi só comandou sessões de treino em janeiro deste ano e pôde observar seu novo time em quatro amistosos, entre fevereiro e março - vitória sobre a Moldávia, empate contra a Ucrânia e derrotas para Iraque e Bélgica. Apesar dos resultados, elogiou o desempenho de seus jogadores e demonstrou otimismo com a evolução dos sauditas - tendo motivos para tanto.

PRESSÃO ALTA E BOLA NO CHÃO

A organização dos *Green Falcons* começa com uma linha de quatro defensores bem posicionada atrás. Para evitar que os laterais “quebrem” essa linha, os velozes extremas Al-Muwallad e Al-Dawsari recompõem o tempo todo para auxiliar a defesa, e uma segunda linha de quatro é formada no meio, com o volante Otayf se posicionando entre ambas e sendo peça fundamental na marcação zonal. Os atletas mais avançados pressionam alto a saída adversária para tentar recuperar a bola em seu campo de ataque.

FIQUE DE OLHO



ARTILHEIRO NAS ELIMINATÓRIAS

16 GOLS
 Mohammad Al-Sahlawi

5
 TÉCNICOS DESDE 2014

GOLS NAS ELIMINATÓRIAS:



*Gols na 3ª fase, contra adversários mais fortes: Japão e Austrália, entre outros.

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1ª	20*	8	6	2	0	28	4	24
3ª	19**	10	6	1	3	17	10	7

*1º LUGAR GRUPO A (Arábia Saudita, Emirados Árabes, Malásia, Palestina e Timor Leste)

**2º LUGAR GRUPO B (Arábia Saudita, Austrália, Emirados Árabes, Iraque, Japão, Tailândia)

UNDERDOG



ABDULLAH OTAYF

O volante de 25 anos tem como principais características o passe e o posicionamento, sendo peça importante no esquema de Pizzi. Otayf auxilia os zagueiros centrais na saída de bola para liberar a subida dos laterais, controla a posse, busca o passe em profundidade e, sem a bola, demonstra boa noção tática fechando linhas de passe.

66,3
 passes por jogo
 (1º da liga)

60%
 eficácia em
 disputas de bola

*Saudi Professional League

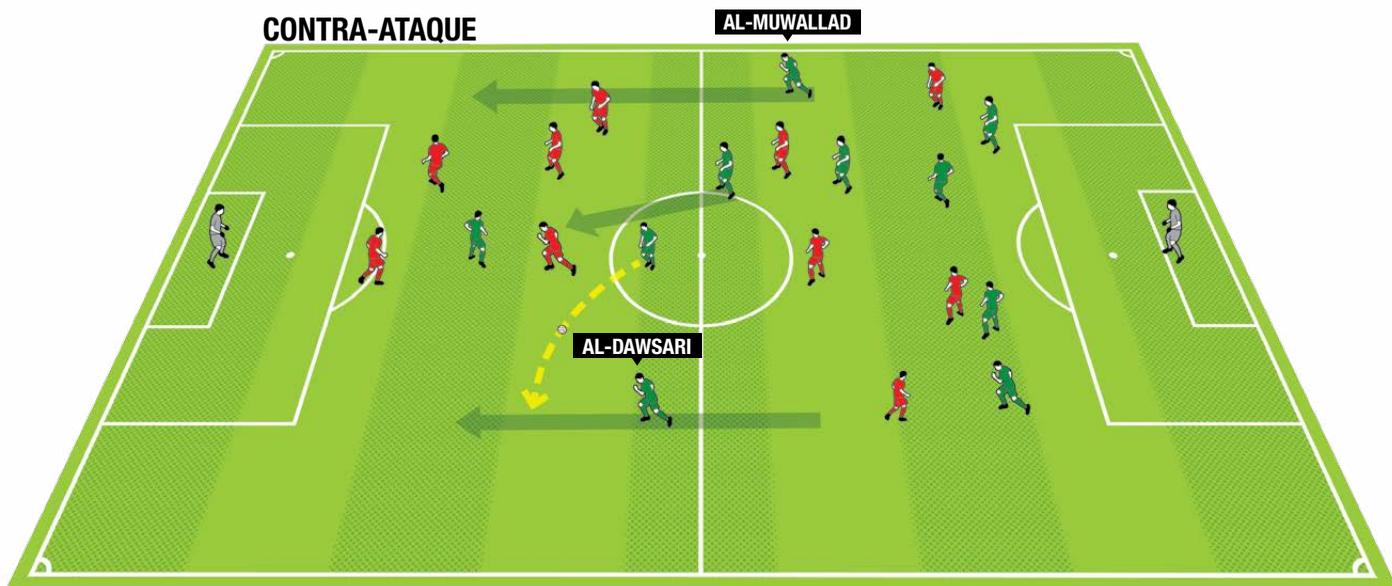
Com a posse, a equipe tenta manter a compactação e progredir trocando passes. Otayf recua para ajudar os zagueiros na saída de bola pelo chão e liberar os laterais, sobretudo Al-Harbi pela esquerda. O centroavante Al-Sahlawi ajuda na construção, gerando espaços para infiltração dos extremos e dos apoiadores Al Shehri e Al-Jassim.

No entanto, os sauditas esbarram em problemas tanto individuais como coletivos. O jogo ofensivo e o nível da Copa exigem concentração e intensidade durante todo o tempo. A zaga, composta pelo capitão Osama Hawsawi e por Omar Hawsawi, deve sofrer diante de atacantes como Luis Suárez e Mohamed Salah no Mundial.

Além das mudanças de comando e do pouco tempo para desenvolver as ideias de Pizzi, a imensa maioria dos atletas joga na liga local, que não é das mais competitivas da Ásia. Alguns dos principais talentos do time, como o meia Al-Shehri e os extremos Al-Muwallad e Al-Dawsari, foram emprestados a clubes espanhóis para serem testados em competição de melhor nível, mas não receberam oportunidades e praticamente não atuam desde janeiro.

Por outro lado, serão ao menos cinco amistosos (Argélia, Grécia, Itália, Peru e Alemanha) para todos ganharem ritmo antes da estreia e para Pizzi tentar fixar melhor seus conceitos. Não será fácil conquistar o objetivo de classificar-se no grupo com Egito, Uruguai e Rússia, mas não se espante caso a Arábia Saudita surpreenda, pois terá sido resultado de ideias de jogo bem pensadas e trabalhadas. ⚽

QUADRO TÁTICO



Na saída de bola do adversário pela esquerda, o lateral saudita aperta e recupera a bola, os pontas sobem e o trio de meio-campistas se movimenta para gerar opções de triangulação.

ELENCO

GOLEIROS: Mohammed Al Owais (Al Ahli-ARA), Yasser Al Mosaimem (Al Ahli-ARA) e Abdullah Al Mayouf (Al Hilal-ARA)

LATERAIS: Mansoor Al Harbi (Al Ahli-ARA), Yasser Al Shahrani (Al Hilal-ARA) e Mohammed Al Breik (Al Hilal-ARA)

ZAGUEIROS: Motaz Hawsawi (Al Ahli-ARA), Osama Hawsawi (Al Hilal-ARA), Omar Hawsawi (Al Nassr-QAT) e Ali Al Bulaihi (Al Hilal-ARA)

MEIAS: Abdullah Al Khaibari (Al Shabab-ARA), Abdulmalek Al Khaibri (Al Hilal-ARA), Abdullah Otayf (Al Hilal-ARA), Taiseer Al Jassim (Al Ahli-ARA), Houssain Al Mogahwi (Al Ahli-ARA), Salman Al Faraj (Al Hilal-ARA), Mohamed Kanno (Al Hilal-ARA), Hattan Bahebri (Al Shabab-ARA), Salem Al Dawsari (Al Hilal-ARA), Yahya Al Shehri (Al Nassr-QAT) e Fahad Al Muwallad (Al Ittihad-ARA)

ATACANTES: Mohammad Al Sahlawi (Al Nassr-QAT) e Muhannad Assiri (Al Ahli-ARA)

TÉCNICO: Juan Antonio Pizzi

EGITTO



NO EMPALLO DE MOMO

Por: Igor Junio

Voltando a disputar uma Copa do Mundo pela primeira vez desde 1990, o Egito quer aproveitar o grupo acessível para mostrar força e fazer um bom torneio. Após classificação emocionante nas Eliminatórias Africanas, com gol de Salah nos acréscimos levando o Borg El Arab Stadium à loucura, a equipe comandada por Hector Cúper entra na maior competição de seleções do planeta sabendo que precisará mostrar força e consistência, principalmente na defesa. Para os confrontos contra equipes de maior poderio ofensivo, como o Uruguai, a precisão ofensiva será ainda mais decisiva.

Precisão no ataque não deve ser exatamente um problema. Quem acompanhou a temporada europeia em 2017/2018 sabe disso. Momo Salah foi a grande sensação e cria uma expectativa maior ainda sobre o que poderá aprontar em um time que dependerá ainda mais de seus gols e poder de decisão.

Hector Cúper, técnico argentino que comanda a seleção desde 2015, certamente assiste todas as partidas

do Liverpool para entender como Salah se transformou em uma máquina de gols. Sabe que será necessário que o atacante seja acionado em posições específicas, mais perto da grande área, em zonas terminais para dribles curtos e finalizações. Nisso, será fundamental Ahmed Hassan 'Koka', atacante do Braga, que não é dos mais goleadores, mas pode se destacar por sua movimentação. O sucesso egípcio passa por Salah fazer estes movimentos em diagonal partindo do lado direito e do entendimento dos seus companheiros para propiciar chances de gol ao artilheiro da Premier League.

O COADJUVANTE DE LUXO

Outra peça importante para o desenvolvimento do jogo egípcio é Elneny, responsável por iniciar jogadas e servir de apoio quando a equipe está atacando. O Egito trabalha sempre para gerar muitas opções para o portador da bola. Ou trabalha em passes curtos ou com inversão para os flancos.

FIQUE DE OLHO



Nos seis jogos pelas eliminatórias, apenas diante de Gana em casa, o placar da partida teve mais do que um gol de diferença entre as equipes. Mesmo nesse contexto de dificuldade, Mo Salah somou cinco gols em quatro partidas diferentes. Marcou gols decisivos contra Congo dentro e fora de casa, Gana e Uganda.

ELIMINATÓRIAS: 2º FASE

Chade 1 x 0 Egito

Egito 4 x 0 Chade

3ª FASE (1º LUGAR | GRUPO E*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
13	6	4	1	1	8	4	4

* Uganda, Congo e Gana

UNDERDOG



AHMED HEGAZI

Mesmo com um Salah inspirado, o modelo de jogo do Egito não funcionará sem uma defesa que saiba lidar com situações difíceis. Ahmed Hegazi, zagueiro do West Bromwich, é ótimo defendendo a própria área e será importante para os egípcios sobreviverem em momentos de pressão.

7,2
rebatidas
por jogo

1,6
interceptações
por jogo

*Temporada 2017/2018

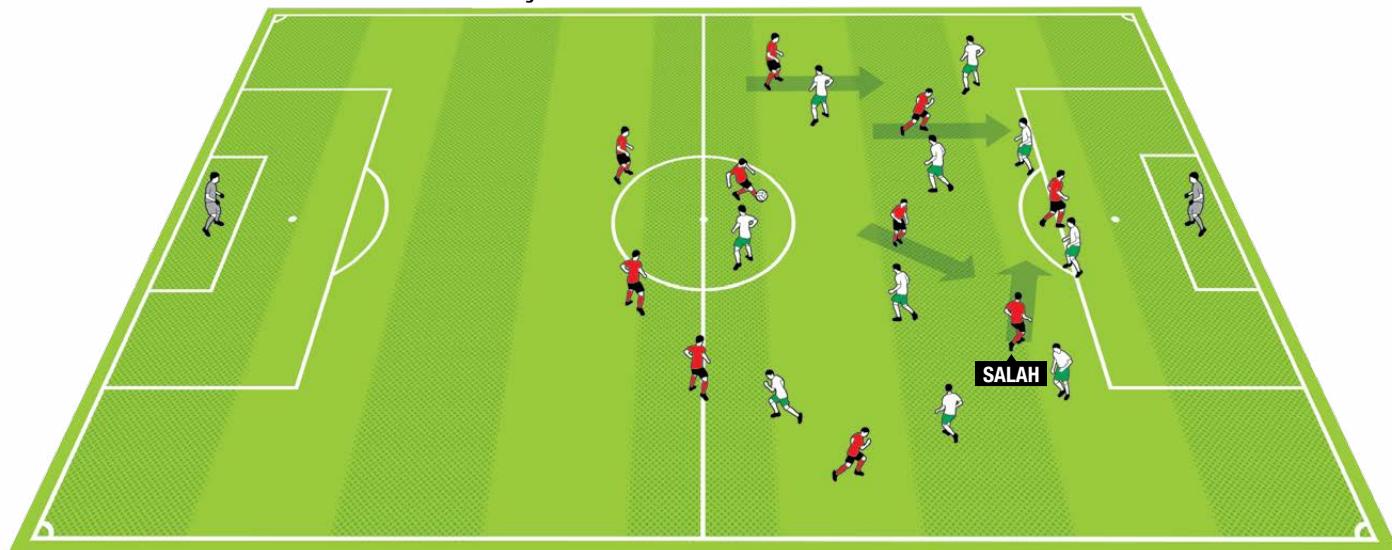
Aí entram Ramadan Sobhi e Mahmoud Hassan Trezeguet, que lutam pela titularidade nas pontas.

Ademais, o Egito é um time que, a partir do campo ofensivo, busca sempre jogadas com passes mais rápidos e verticais, imprimindo um ritmo forte à partida. Ou seja: não é uma equipe que faz questão de ter a bola e controlar o jogo, mas sim ser capaz de ativar suas peças em velocidade e definir as jogadas. Mesmo com essa estratégia, Hector Cúper opta por não descer tanto suas linhas no momento defensivo. Ao perder a bola, o time egípcio faz perseguições ao portador da bola buscando uma recuperação rápida ou, no mínimo, atrasar e dificultar a saída de bola do adversário.

A despeito de sua enorme qualidade como finalizador, Salah pode acabar causando uma pequena debilidade à equipe. A transição defensiva pelo lado, onde o artilheiro atua por vezes, é lenta. Ciente disso, Cúper já criou alguns mecanismos para compensar - até porque Salah precisa estar fresco para os movimentos finais. Muitas vezes o 4-2-3-1 vira 4-4-2 em momento defensivo, com o meia central virando volante e Elneny fazendo a cobertura pelo lado direito. Em outros momentos, Ahmed Hassan 'Koka' é o responsável por ocupar o lado direito na defesa, deixando Salah solto na frente. São bons movimentos compensatórios, mas um adversário que force o jogo pelos lados pode aproveitar muito bem. No amistoso com Portugal, Guerreiro e João Mário causaram problemas por ali. 🏆

QUADRO TÁTICO

PROCURA POR ESPAÇO



Salah vem de fora para dentro, invertendo com o meia. Ao mesmo tempo os jogadores do setor ofensivo esquerdo também procuram o espaço para gerar oportunidades de passe.

ELENCO

GOLEIROS: Mohamed El-Shenawy (Al-Ahly-EGI), Ahmed El Shenawy (Zamalek-EGI) e Sherif Ekramy (Feyenoord-HOL)

LATERAIS: Ahmed Fathy (Al-Ahly-EGI), Mohamed Abdel-Shafy (Al-Fateh-ARA), Ahmed El Mohamady (Aston Villa-ING) e Ayman Ashraf (Al-Ahly-EGI)

ZAGUEIROS: Ahmed Hegazi (West Brom-ING), Ali Gabr (West Brom-ING), Saad Samir (Al-Ahly-EGI) e Amro Tarek (Orlando City-EUA)

MEIAS: Mohamed Elneny (Arsenal-ING), Tarek Hamed (Smouha-EGI), Abdallah Said (Al-Ahly-EGI), Hossam Ashour (Al-Ahly-EGI), Moamen Zakaria (Al-Ahly-EGI), Shikabala (Zamalek-EGI), Mahmoud Trezeguet (Kasimpasa-TUR) e Hussein El Shahat (Makasa-EGI)

ATACANTES: Mohamed Salah (Liverpool-ING), Ahmed Hassan 'Koka' (Sporting Braga-POR), Ramadan Sobhi (Stoke City-ING) e Marwan Mohsen (Al-Ahly-EGI)

TÉCNICO: Héctor Cúper

GRUPO A

URUGUAY



UMA NOVA CELESTE

Por *Dimitri Barcellos*

Até o começo de 2017, o torcedor tinha certeza de que iria ver uma equipe extremamente reativa quando a seleção uruguaia entrava em campo. O time treinado por Óscar Tabárez se destacava por sua marcação agressiva e por um jogo ofensivo direto, com bolas em profundidade explorando a velocidade pelos lados.

De lá para cá, com jovens valores ganhando mais oportunidades entre os titulares, o futebol da Celeste Olímpica sofreu mudanças. Valorizando mais a posse e com movimentações mais trabalhadas, o Uruguai aumenta seu arsenal tático para encarar a Copa do Mundo.

ATACANDO COM A POSSE

Recentemente, o Uruguai mudou bastante o seu modo de atacar os adversários. Tabárez vem optando por um jogo que tem início a partir de uma saída de

bola mais sustentada e trabalhada. Recuando entre os zagueiros José María Giménez e Diego Godín, o volante Matías Vecino é o responsável por abrir as jogadas e fazer a distribuição da bola para começar a construção. O recuo de Vecino permite, ainda, que os laterais possam avançar alguns metros para gerar linhas de passe nessa saída de bola. Utilizando como esquema base o 4-3-1-2 ou o 4-4-2, a equipe se movimenta para formar o desenho de um 3-4-1-2 ou 3-4-2-1 ao se organizar para atacar.

Ao utilizar o 4-3-1-2, os jogadores precisam se deslocar menos para dar formatação à saída, dependendo somente da volta de Vecino e da subida dos laterais. Quando a Celeste atua no 4-4-2, Nahitán Nández, que atua como meia-direita nesse esquema, fecha pelo centro ao lado de Rodrigo Bentancur para dar o corredor ao lateral-direito. Pela esquerda, De Arrascaeta ou

GRUPO A

Cristian “Cebolla” Rodríguez avançam se postam entre a linha de meio e ataque, liberando essa faixa do gramado para o lateral-esquerdo.

Após dar a saída, independente da plataforma tática inicial, Vecino tem liberdade para ler o lance e definir se guarda posição ou se faz o deslocamento vertical para atrair a defesa adversária, tornando-se uma opção de passe pelo corredor central. Principais destinos dos passes de Vecino, Nández e Bentancur são os dois fiadores desta mudança de postura ofensiva. Os atletas do Boca Juniors e da Juventus oferecem a capacidade de controle e organização de jogo que tanto faltava ao meio-campo uruguaio atuando como interiores. Além disso, ambos possuem

boa presença ofensiva, trabalhando com qualidade no terço final e pisando na área sempre que necessário.

Quando evoluem as jogadas e procuram o passe para o jogador à frente, os meias-interiores são orientados a subir em velocidade para o ataque juntamente com o lateral que atua pelo mesmo lado, a fim de sobrecarregar os marcadores adversários responsáveis pelo setor.

Os laterais, inclusive, exercem papel ofensivo fundamental na seleção celeste. Nas últimas partidas, o treinador uruguaio tem escolhido por usar laterais de maior explosão e velocidade. Quando Nández e Bentancur seguram a bola na intermediária, Diego Laxalt e Guillermo Varela fazem

QUADRO TÁTICO

SUBINDO O BLOCO



Aqui, o Uruguai sobe seu bloco defensivo com encaixes individuais para marcar a saída Suárez e Cavani encurtam os espaços e os jogadores de trás acompanham o movimento fechando as linhas de passe.



FIQUE DE OLHO

ultrapassagens para receber o passe em profundidade e chegar até a linha de fundo. Também é responsabilidade dos laterais gerar amplitude na fase ofensiva para tentar expandir o bloco defensivo do oponente.

Nessa dinâmica de ataque, o jogador que ocupa a faixa do meia-central (De Arrascaeta ou Rodríguez) tem como tarefa principal explorar os espaços entre as linhas da defesa rival, pois os passes de ruptura dados pelos interiores buscam justamente quem atua por este setor. Além disso, o meia-central tem a incumbência de flutuar e se deslocar pelos dois últimos terços do gramado, com o objetivo de ajudar na circulação da bola e gerar superioridade numérica pelo meio.

Por fim, o Uruguai tem em Suárez e Cavani as suas armas ofensivas de maior perigo. Neste jogo de maior nível de proposição, Cavani se movimenta bastante e sai da área para buscar o jogo próximo aos meias. É bastante comum ver o atacante do PSG aparecendo perto da linha de meio-campo para ajudar na construção ofensiva, além de também ter bastante liberdade para cair pelos lados do campo. Suárez por vezes faz esse papel, mas suas principais atribuições são gerar profundidade ao fixar a primeira linha de defesa perto da área e buscar a movimentação nas costas do zagueiro para receber a bola em posição de finalizar.

O tipo de passe feito pelos jogadores também mudou. Quando adotava uma postura mais reativa, as bolas eram colocadas ao espaço na maioria das oportunidades, buscando uma

BOLA AÉREA: Rússia, Egito e Arábia Saudita que se cuidem com o poderio uruguaio na bola aérea, tanto na parte defensiva quanto na parte ofensiva. Tanto atrás quanto na frente, a dupla de zagueiros formada por Godín e Giménez mostra imposição e leva vantagem sobre os adversários com sua boa estatura e posicionamento.

CAVANI é outro jogador que chama a atenção neste quesito. Além de ter sido o artilheiro das Eliminatórias Sul-Americanas com 10 tentos, foi o maior anotador usando a cabeça com 3 gols.

ALTURA DOS JOGADORES (m)

Godín	Giménez	Cavani
1,87	1,85	1,84

ATAQUE AÉREO (Eliminatórias)

10 gols de cabeça

31,3% dos gols em lances aéreos

61% finalizações certas de cabeça

ELIMINATÓRIAS: (2º LUGAR)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
31	18	9	4	5	32	20	12

GRUPO A

chegada em maior velocidade para aproveitar o adversário desorganizado. Com uma construção mais trabalhada, os passes estão sendo dados ao pé nos dois primeiros terços do gramado, mas ainda buscando dar a bola ao espaço quando a jogada se aproxima da zona de definição.

A transição ofensiva, por sua vez, se tornou mais inteligente. Antes feita com muitas bolas longas e imprimindo uma velocidade altíssima para buscar os atacantes o mais sozinho possível, agora é executada com passes mais curtos e subidas em bloco, conseguindo gerar superioridade em diversos momentos.

A ARTE DE DEFENDER

Defensivamente, o Uruguai mostra ser uma equipe com muitas variações e

bastante flexível em sua postura, conseguindo se adaptar com qualidade aos mais diferentes adversários.

Um dos esquemas defensivos mais utilizados por Óscar Tabárez, mas que vem sendo pouco utilizado nas partidas mais recentes, é o de encaixes individuais com o bloco defensivo alto. Aqui, não há um desenho claro de formatação de linhas. Até a metade de 2017, esse era o método de marcação mais utilizado pela celeste. Porém, exigia muito da parte física dos atletas por conta das longas perseguições e a equipe ficava exposta contra bolas longas que o time rival despejava, principalmente se havia um jogador de frente com velocidade acima da média.

Atualmente, a seleção uruguaia utiliza um sistema misto de marcação, organizado no 4-4-2 ou no 4-3-

ELENCO

GOLEIROS: Fernando Muslera (Galatasaray-TUR), Martín Silva (Vasco) e Martín Campaña (Independiente-ARG)

LATERAIS: Maxi Pereira (Porto-POR), Gastón Silva (Independiente-ARG), Martín Cáceres (Lazio-ITA) e Guillermo Varela (Peñarol-URU)

ZAGUEIROS: Diego Godín e José María Giménez (Atlético de Madrid-ESP), Sebastián Coates (Sporting-POR)

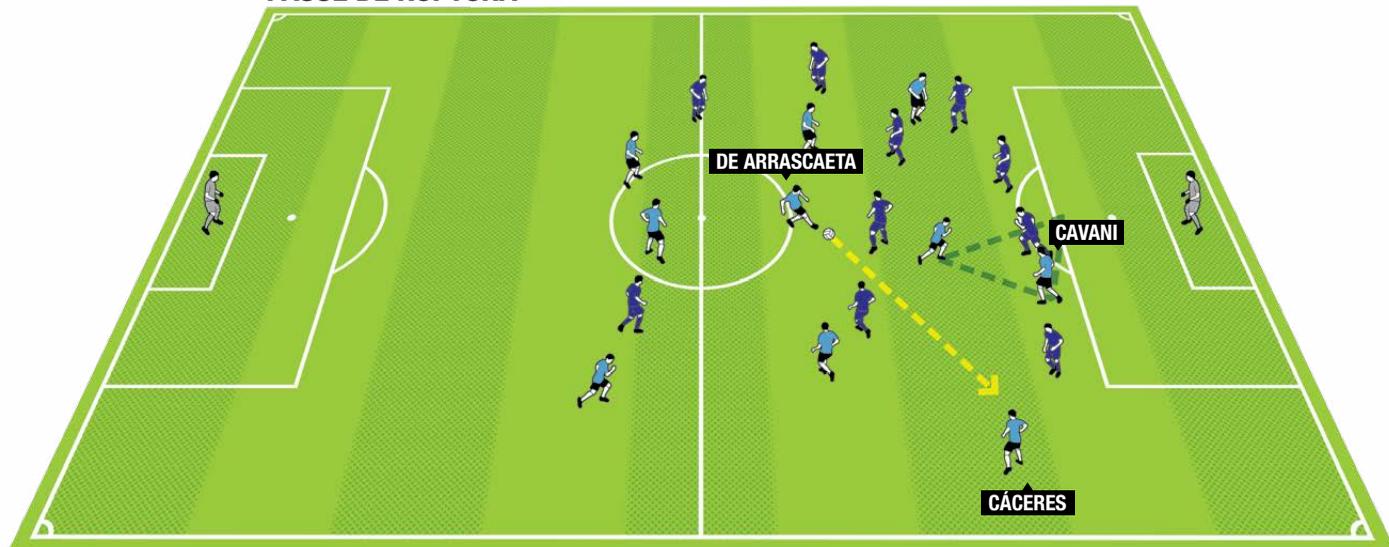
MEIAS: Nahitán Nández (Boca Juniors-ARG), Lucas Torreira (Sampdoria-ITA), Matías Vecino (Inter de Milão-ITA), Rodrigo Bentancur (Juventus-ITA), Carlos Sánchez (Monterrey-MEX), Giorgian de Arrascaeta (Cruzeiro), Diego Laxalt (Genoa-ITA) e Cristian Rodríguez (Peñarol-URU)

ATACANTES: Cristhian Stuani (Girona-ESP), Jonathan Urretaviscaya (Monterrey-MEX), Maxi Gómez (Celta de Vigo-ESP), Edinson Cavani (Paris Saint Germain-FRA) e Luis Suárez (Barcelona-ESP)

TÉCNICO: Óscar Tabárez

QUADRO TÁTICO

PASSE DE RUPTURA



Neste quadro, vemos a construção ofensiva uruguaia. Sem alternativas, a bola volta ao goleiro para logo após encontrar Vecino adiante. Na sequência, De Arrascaeta recebe no círculo central e abre em Cáceres, que gera amplitude adiantado. Então, o lateral dá o passe no espaço para Cavani receber dentro da área e cruzar.

1-2. Quando se posta defensivamente no 4-4-2, usualmente não há pressão em cima da saída de bola adversária. Os jogadores de frente variam a sua referência de marcação, podendo ser os zagueiros rivais ou os movimentos da bola, enquanto as peças das duas linhas de quatro marcam quem entra em seu setor. Nesta formação, o posicionamento se dá em bloco médio ou baixo e as perseguições são menores.

Já no 4-3-1-2, há uma pressão maior na saída de bola adversária, com encaixes individuais dos jogadores de meio e de frente, enquanto a linha de defesa realiza uma marcação por zona. Devido a essa pressão, o bloco defensivo fica mais alto para manter a compactação e as perseguições percorrem maiores distâncias. ⚽

UNDERDOG



RODRIGO BENTANCUR

Recebendo suas primeiras chances com maior regularidade tanto em seu clube, a Juventus, quanto na seleção uruguaia, Rodrigo Bentancur é um jogador candidato a surpreender na Copa do Mundo. Com apenas 20 anos, o meia se destaca por sua imposição aérea na intermediária, sua capacidade de controle de jogo seus passes precisos.

30%

passes certos
por jogo*

3,5

desarmes
por jogo*

*Eliminatórias





MARDYLI

2

REZA

16

20

16

GRUPO B



PORTUGAL

CAMPEÃO DE DUAS FACES

Por: *Luís Cristóvão*

Antes da Eurocopa 2016, Fernando Santos era o único homem que acreditava que Portugal poderia regressar a casa como campeão europeu. Disse numa coletiva de imprensa e continuou a repeti-lo, que tinha bilhete de avião marcado apenas para o dia seguinte à final, mesmo quando terminou a fase de grupos com três empates.

Na verdade, Portugal apresentou o caminho mais complexo para vencer, jogando um futebol desconectado no primeiro jogo, sendo uma equipe de desperdício no segundo e quase arriscando tudo ao sofrer três golos com a Hungria. Mesmo assim, Fernando Santos recuperou os seus jogadores, fez novas apostas dentro do grupo que havia levado a França e foi campeão.

Mais uma vez, Fernando Santos acredita ser possível regressar, agora da Rússia, campeão. O discurso positivo e

ambicioso sempre lhe serviu. É um treinador conservador, de poucas palavras e quase nenhum sorriso. Nas eliminatórias da Copa repetiu o feito. Portugal perdeu o primeiro jogo, na Suíça, e venceu os demais, inclusive contra os helvéticos, para terminar em primeiro lugar graças à diferença de golos.

MESCLA DE GERAÇÕES

O grupo de jogadores que o técnico utiliza é bastante estável. Há presença de alguns veteranos, como Pepe, Bruno Alves e José Fonte, um trio de zagueiros que sempre teve sua presença assegurada no time a despeito do declínio técnico das já descentes carreiras. Contudo, Santos não se furta em apostar em jovens. E indica isso tornando Raphael Guerreiro, André Silva e Bernardo Silva habituais titulares no seu 4-4-2.

GRUPO B

Habitualmente, Santos opta por Cédric, um lateral mais contido, entregando toda a faixa esquerda a Guerreiro. Isso lhe permite que, na intermediária, seja Bernardo Silva o responsável por explorar a linha na direita e André Gomes ou João Mário os homens que se posicionam como meias-esquerdos. William Carvalho, mais recuado, e João Moutinho, como box-to-box, são outras peças garantidas no onze português.

Impossível falar de Portugal e se citar sua figura maior, Cristiano Ronaldo. É o elemento decisivo e é ao seu redor que toda a equipe se organiza. Mesmo sendo o jogador com maior capacidade e presença em zonas de finalização, é normal vê-lo procurar outras zonas do campo, onde intui ter

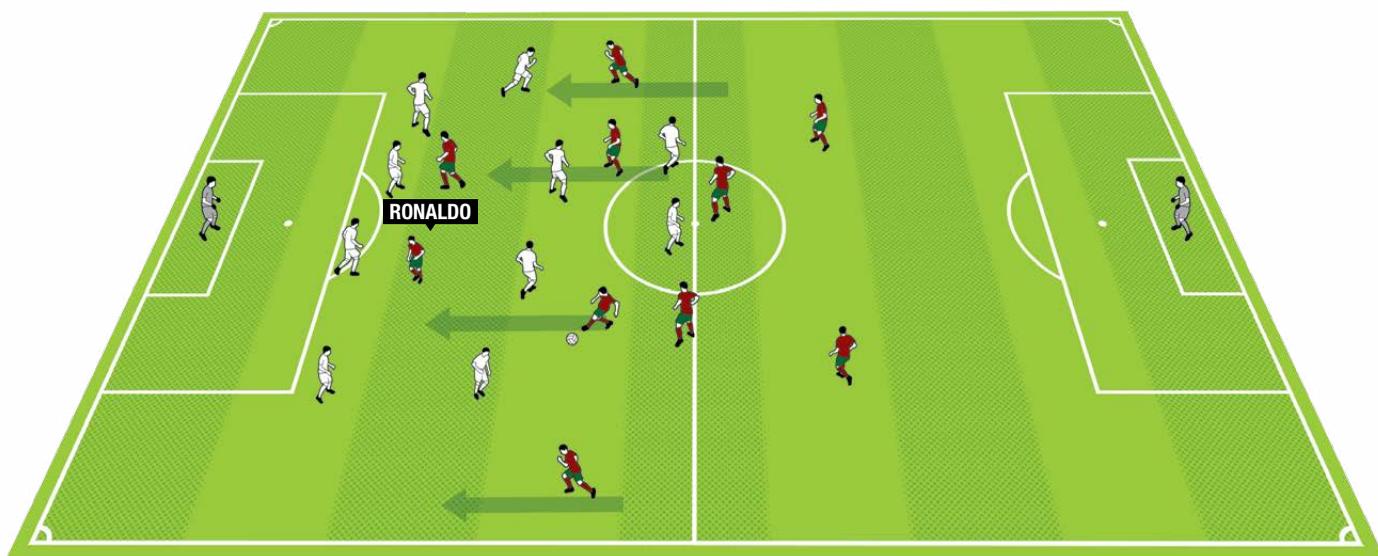
vantagem. O time português sempre se adapta ao seu líder e não tem a menor dúvida de que, em situações de aperto, a bola é do camisa 7.

Com ele, Ricardo Quaresma sempre acaba por ter um maior impacto. Nem sempre titular, mas quase sempre utilizado, o extremo do Besiktas é parceiro do CR7 desde os tempos das equipes de base do Sporting. A ligação entre os dois é intuitiva. Por isso, uma das situações mais habituais na equipa portuguesa, quando o resultado não é favorável nos últimos minutos, é ver Quaresma aparecer pela direita para servir Cristiano Ronaldo, na área, para finalizar.

Dentro da aposta na juventude que Fernando Santos costuma fazer, dois nomes aparecem como potenciais sur-

QUADRO TÁTICO

ATAQUE COM AMPLITUDE



No momento ofensivo, há amplitude com presença nos corredores, os meias avançam e entram na área dando apoio aos atacantes. Destaque também para a mobilidade de Cristiano Ronaldo.



FIQUE DE OLHO

presas entre os jogadores utilizados. Bruno Fernandes tem feito uma temporada soberba no Sporting e apareceu como forte candidato a ser titular no meio-campo, não só pelas suas qualidades, mas pela capacidade que tem para jogar em diferentes posições. Ora utilizado como meia ofensivo, ora com algumas responsabilidades defensivas, Bruno é um jogador completo que em breve deve se transferir para um maior cenário.

Ao nível estatístico, os números de Portugal na qualificação são reflexo do domínio que a equipe apresentou. 68% de posse de bola, mais de 22 remates por jogo, uma média superior a 3 gol por partida. Chegando na Copa, a equipe portuguesa poderá adaptar-se muito bem a um contexto totalmente diferente. O jogo de abertura, frente à Espanha, poderá ter números muito mais próximos aos somados na final da Eurocopa, perante a França. 47% de posse, 9 arremates, apenas três deles enquadrados, e um gol marcado de bem fora da área. Essa duplicidade do time português será uma das situações que mais preocupará o adversário. De certa maneira, Portugal consegue adaptar-se a qualquer situação que o jogo lhe oferece.

UM TIME MALEÁVEL

Portugal é uma equipe com dupla face, misturando diferentes características conforme o contexto da partida. Muitas vezes, Fernando Santos acaba sendo acusado de ser um técnico sem uma identidade própria. De uma forma geral, Portugal tem capacidade para manter a

VOLANTES CONSTRUTORES

Quando propõe o jogo, Portugal constrói com os volantes. Os volantes titulares de Fernando Santos possuem habilidade para achar jogadores na zona de ataque. Cristiano Ronaldo e Quaresma são municiados por passes de qualidade de João Moutinho e William Carvalho.

PASSES PARA O ATAQUE POR JOGO

JOÃO MOUTINHO	10,3
WILLIAM CARVALHO	10,1

MÉDIA DE ACERTO DE PASSES

JOÃO MOUTINHO	87,3%
WILLIAM CARVALHO	89,4%

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO B*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
27	10	9	0	1	32	8	24

*Suíça, Hungria,
Ilhas Faroe, Letônia, Andorra.

GRUPO B

posse de bola durante longos períodos, nas combinações entre William Carvalho, João Moutinho e Bernardo Silva. As movimentações de Cristiano Ronaldo têm um forte peso na dinâmica coletiva do time, mas é na chegada à área que o CR7 é mais perigoso. André Silva, por sua vez, aparece muitas vezes como elemento mais adiantado do time, mas é na sua capacidade para transportar a marcação para abrir espaço para o seu companheiro que acaba se destacando.

Ao mesmo tempo, a equipe portuguesa também pode aparecer como um time de chutão, com Pepe ou José Fonte lançando passes longos em busca de uma transição rápida. Bernardo Silva e Cristiano Ronaldo são jogadores fortes neste aspecto, sendo que pode ainda surgir no time Quaresma, Gonçalo Guedes ou Gelson Martins. São muitas op-

ções com muita velocidade e capacidade de drible para decidir no contra-ataque, a face que Portugal prefere assumir quando defronta times fortes é uma das características que tornam os lusos tão perigosos no mata-mata.

FÉ NO GUARDA METAS

O grande destaque defensivo de Portugal está no gol. Rui Patrício é um goleiro de referência mundial, injustamente pouco falado por sempre ter jogado na Liga Portuguesa. No entanto, ao longo de uma década, tem evoluído para ser um jogador quase intransponível, como comprovou na Eurocopa de 2016, onde foi nomeado melhor goleiro da competição.

Defender pode ser o principal problema da equipa portuguesa pela forma

ELENCO

GOLEIROS: Anthony Lopes (Lyon-FRA); Beto (Goztepe-TUR) e Rui Patrício (Sporting-POR)

ZAGUEIROS: Bruno Alves (Rangers-ESC), José Fonte (Dalian Yifang-CHI), Pepe (Besiktas-TUR) e Rúben Dias (Benfica-POR);

LATERAIS: Cédric Soares (Southampton-ING), Mário Rui (Napoli-ITA), Raphael Guerreiro (Borussia Dortmund-ALE) e Ricardo Pereira (Porto-POR)

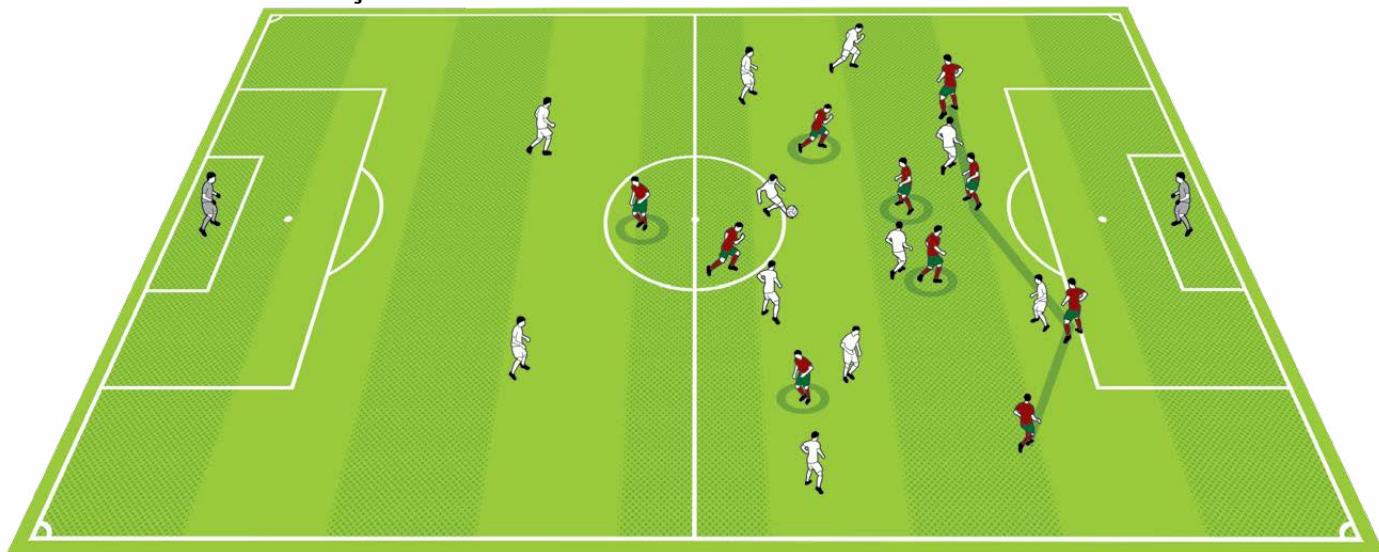
MEIAS: Adrien Silva (Leicester-ING), Bruno Fernandes (Sporting-POR), João Mário (West Ham-ING), João Moutinho (Monaco-FRA), Manuel Fernandes (Lokomotiv Moscou-RUS) e William Carvalho (Sporting-POR)

ATACANTES: André Silva (Milan-ITA), Bernardo Silva (Manchester City-ING), Cristiano Ronaldo (Real Madrid-ESP), Gelson Martins (Sporting-POR), Gonçalo Guedes (Valencia-ESP) e Ricardo Quaresma (Besiktas-TUR)

TÉCNICO: Fernando Santos

QUADRO TÁTICO

TRANSIÇÃO DEFENSIVA



Na defesa, a utilização da linha de 4 consegue fechar bem o corredor central, porém há dificuldade dos extremos na defesa, deixando a equipe exposta. Cristiano Ronaldo não costuma participar do momento defensivo.

como cede espaços ao seu adversário. A projeção dos seus laterais permite sempre algum espaço às. Para estas situações, a velocidade de Pepe será um elemento fundamental para fazer coberturas. A equipe portuguesa mantém equilíbrio no jogo aéreo, optando por defesas mistas nos lances de bola parada, sendo esse o seu ponto mais forte.

Sem bola, a equipa portuguesa acaba por conceder espaço ao seu adversário. É um time que recua as suas linhas quando enfrenta adversários mais fortes, chamando mesmo um dos elementos mais adiantados para vir ajudar na pressão do jogador. Em termos de organização, não é um time muito desenvolvido em nível defensivo, mas que chega à Rússia com predicados interessantes para fazer um bom torneio. ⚽

UNDERDOG



BRUNO FERNANDES

Intensidade, qualidade, força e leitura do jogo são qualidades que o futebol exigem para ser desempenhado no mais alto nível. E o underdog português tem todas essas qualidades, Bruno Fernandes pode ser a grande surpresa da copa. Meio campo de aproximação, ótimo passe, finalização e e chegada ao ataque é o eixo de ligação da atual campeã europeia.

16
gols

20
assistências

*Temporada 2017-2018

GRUPO B



ESPAÑA

A FURIA VOLTOU

Por: *Gabriel Corrêa*

Uma eliminação precoce na Copa do Mundo de 2014 teve resultado imediato na Espanha. Primeiro, com a mudança de técnico e a chegada de Julen Lopetegui. O estilo de jogo? Segue o mesmo. Por fim, e ainda mais importante, a mentalidade vencedora e competitividade está de volta.

Vamos começar falando do treinador. Chegando do Porto logo após o Mundial do Brasil, Lopetegui foi selecionador na Espanha no ciclo da Euro Sub-19 e Sub-21 entre 2010 e 2012. De Gea, Carvajal, Nacho Fernandez, Isco Alarcón, Thiago Alcântara, Koke e Rodrigo Moreno. O que estes nomes tem em comum? Foram campeões nas divisões de base sob o comando de Julen e, com exceção de Nacho, todos devem atuar por bons minutos na Rússia.

O espanhol de origem basca trabalha desde as categorias de base com um modelo consolidado no 4-3-3 de base alta – tradicional na Espanha na última década. Uma equipe que propõe com a bola nos pés, marca com pressão alta,

pontas que jogam por dentro e laterais que chegam ao fundo a todo instante. Na Espanha, manteve esse padrão.

UM GRANDE RONDO

“As pessoas pensam que o rondo é para curtir. Não! O rondo é um exercício incrível: usa as duas pernas, percebe-se a segunda linha, meter um passe por dentro, atrair, atrair e quando vem um defensor, você dá o passe pro outro lado... não se esgota. É um exercício que permite um infinidade de opções”. A frase é de Xavi Hernández, campeão do Mundo em 2010 e multicampeão pelo Barcelona. O agora jogador do Al-Sadd é uma sumidade quando se fala no Jogo de Posição e esta é a grande característica da atual Espanha – com alguns momentos de mais agressividade que o tradicional.

A Espanha começa a atacar desde a defesa. Em que pese a ausência de um grande jogo nos pés com De Gea, o goleiro do Manchester United tem a

GRUPO B

sua frente uma dupla de elite quando se fala numa saída qualificada: Sérgio Ramos e Gerard Piqué. Ambos fazem o mesmo por seus clubes e possuem uma hierarquia mental e técnica para dominar qualquer atacante na Europa. A bola se estica a Sérgio Busquets, um metronomo do time. Sabe a hora de passar, segurar a bola, virar o jogo, retornar ou avançar. É o balanço da equipe. Depois começamos ver alguns movimentos mais interessantes para criação da superioridade numérica por dentro, sem deixar de ter amplitude.

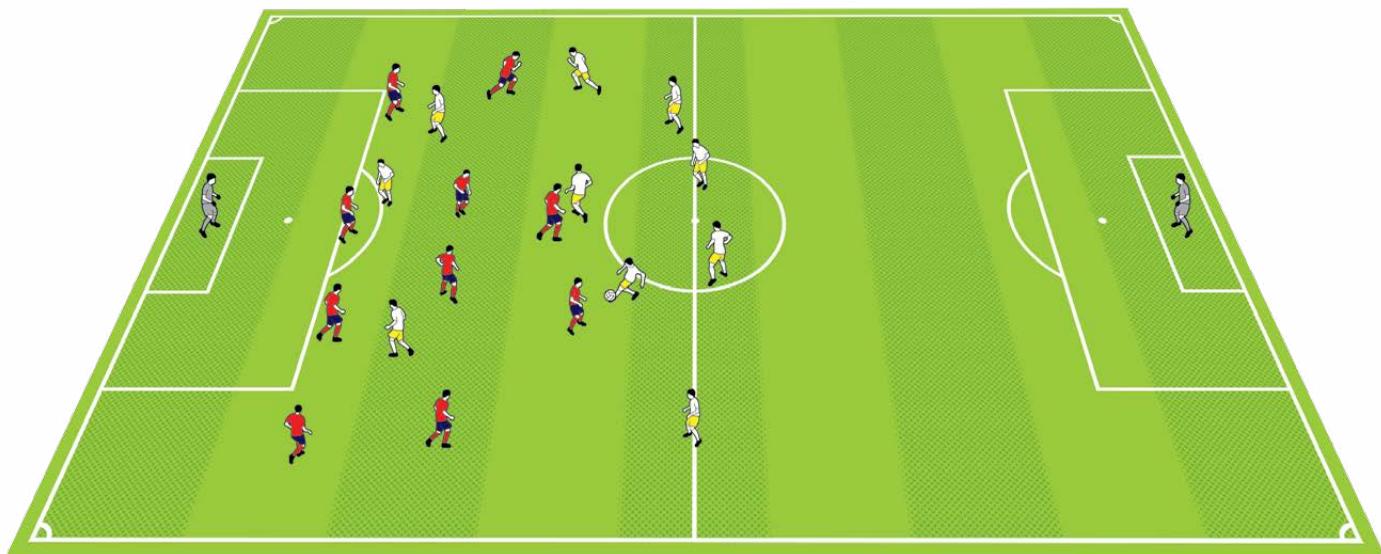
Nas pontas, a Espanha conta com jogadores que atuam com pé trocado. Pela direita, David Silva é quem controla as ações. Com isso, Dani Carvajal tem a função de abrir o campo e se colocar no campo adversário – o que

ajuda inclusive no pressing. Pela esquerda, Isco Alarcón é o grande nome da Seleção e falaremos exclusivamente sobre o jogador na sequência. Então temos Jordi Alba cumprindo a mesma função que exerce no Barcelona de ser um lateral-ponta para agredir o adversário seja chegando ao fundo ou até mesmo se infiltrando pelo meio em alguns momentos. Por dentro, Iniesta recua um pouco para base e controla as ações do time, enquanto Koke pode ajudar mais no pressing para recuperar a bola e controlar o jogo ou, se o Lopetegui quiser arriscar com mais controle e menos físico temos Thiago Alcântara para cumprir a função.

No ataque, Lopetegui acredita em homens que tenham mais capacidade associativa e que abram espaços para

QUADRO TÁTICO

FASE DEFESIVA



Para descansar Iniesta, Lopetegui arma duas linhas de quatro e o camisa 6 adianta ao lado de Rodrigo para não correr tanto e ficar em situações de desvantagem física pelos lados.



FIQUE DE OLHO

A VERSATILIDADE OFENSIVA:

Lopetegui convocou atacantes complementares – talvez esteja aí a explicação para ausência de Alvaro Morata. Dois homens mais móveis (**Rodrigo e Aspas**) e um centroavante de maior poder físico (**Diego Costa**).

Os dois primeiros, serveriam para abrir espaço aos falso pontas Isco e David Silva, recuado e criando superioridade numérica por dentro. O jogador do Celta ainda pode ganhar minutos atuando aberto pelo lado esquerdo e fazendo com que Silva atue por dentro, ao lado de Iniesta. Aspas tem sido um gerador de jogo em Vigo, muito além dos gols marcados.

Diego Costa é a necessidade de um jogo físico, que dê profundidade e segure os zagueiros adversários. Mesmo que não seja um primor na associação de jogo, o hispano-brasileiro tem uma cota de gols altíssima e num confronto mais físico, pode ser peça fundamental para a Espanha sobreviver com o jogo dos seus meias mais “frágeis”.

seus pontas infiltrarem. Rodrigo Moreno e Iago Aspas podem cumprir a função. Diego Costa é a peça da contracultura ao que quer o treinador espanhol e pode ser uma alternativa física em alguns momentos e outros jogos com a necessidade e, isso também explica a ausência de Alvaro Morata. Não havia motivo para dois jogadores com a mesma característica.

O BRILHO DE ISCO

Julen Lopetegui sabe que o futebol é simples e repete isso diversas vezes em suas entrevistas. Ou seja, não é um técnico ortodoxo quando falamos do Jogo de Posição e, por isso, consegue retirar todas as qualidades do camisa 23 do Real Madrid. Partindo da esquerda para o centro, Isco é o jogador que necessita mais liberdade de movimentos para “expressar” suas virtudes, podendo aparecer aberto, no meio se associando ou criando superioridade pela direita. Não à toa, sempre que observamos a melhor versão do meia é atuando pela Fúria, que teve seu auge no 2-0 sobre a Itália, nas Eliminatórias.

O PRESSING

Por ser um time que joga com a bola sempre no campo adversário, a Espanha quando perde o controle da mesma, sempre tem muitos jogadores no campo adversário e neste momento já começa o movimento defensivo. Perde, pressiona, perde, pressiona, perde, pressiona. São movimentos repetidos para roubar a bola próxima ao gol e

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO G*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
28	10	9	1	0	36	3	33

*Itália, Albânia, Israel, Macedônia e Liechtenstein

colocar em prática os momentos mais verticais do time.

Mas para isso, Lopetegui terá que fazer escolhas importantes na equipe titular. Por ter alguns problemas na transição defensiva quando atua com Busquets, Iniesta, Thiago, Isco e Silva; há uma necessidade de Koke ser titular por sua capacidade física e costume a esta pressão no Atlético de Madrid, enquanto o jogador do Bayern ainda tem algumas debilidades nesse quesito, mesmo que sua qualidade com a bola nos pés seja acima da média.

DESCANSANDO INIESTA

O ex-jogador do Barcelona é peça-chave na Espanha por ser o elo entre a equipe de mais domínio com o time

mais vertical. Andrés Iniesta sabe muito bem o momento de acelerar ou pausar a partida. Por sua idade – e já estávamos vendo isso no Barcelona – o camisa 6 da Fúria praticamente não fez jogos de 90 minutos na Catalunha. Por isso, Lopetegui acaba alterando a forma de marcar em diversos momentos.

Recuando para um 4-1-4-1 em diversos momentos, com Iniesta por dentro, como o técnico faz para descansar seu capitão? Lopetegui forma duas linhas de quatro e Iniesta acompanha o atacante mais adiantado para coordenar a pressão e não se desgastar atrás e neste momento entram Silva e Isco que precisam fechar bem mais os lados, enquanto Koke se junta a Busquets e faz uma dupla de volantes. É possível que na fase de grupos, não vejamos Iniesta atuar 90 minutos e

ELENCO

GOLEIROS: David De Gea (Manchester United-ING), Kepa Arrizabagala (Athletic Bilbao-ESP) e José Reina (Napoli-ITA)

ZAGUEIROS: Gerard Piqué (Barcelona-ESP), Sergio Ramos (Real Madrid-ESP), Nacho Fernández (Real Madrid-ESP) e Cesar Azpilicueta (Chelsea-ING)

LATERAIS: Alvaro Odriozola (Real Sociedad-ESP), Dani Carvajal (Real Madrid-ESP) Nacho Monreal (Arsenal-ING) e Jordi Alba (Barcelona-ESP)

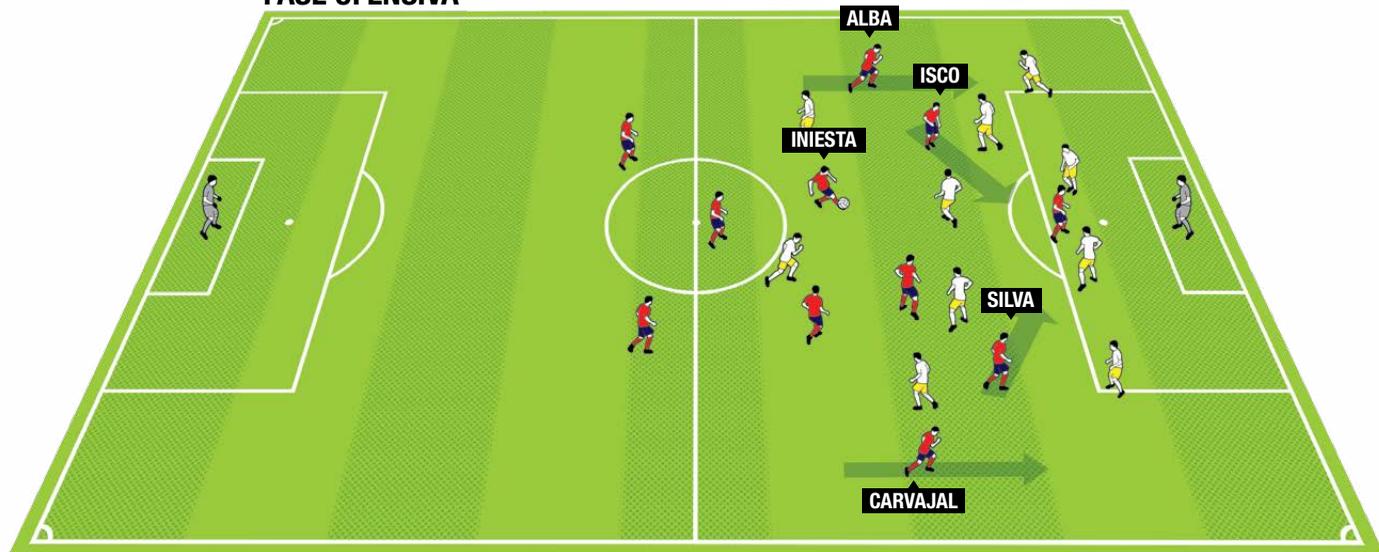
MEIAS: Sergio Busquets (Barcelona-ESP), Andrés Iniesta (Barcelona -ESP), Saúl Ñíguez (Atletico de Madrid-ESP), Jorge 'Koke' Resurrección (Atletico de Madrid-ESP), Thiago Alcântara (Bayern de Munique-ALE), Marco Asensio (Real Madrid-ESP), David Silva (Manchester City-ING) e Isco (Real Madrid-ESP)

ATACANTES: Rodrigo Moreno (Valência-ESP), Lucas Vazquez (Real Madrid-ESP), Iago Aspas (Celta de Vigo-ESP) e Diego Costa (Atletico de Madrid-ESP)

TÉCNICO: Julen Lopetegui

QUADRO TÁTICO

FASE OFENSIVA



Isco e Silva aparecem por dentro e os laterais (Alba e Carvajal) dão profundidade e amplitude ao time pelos lados. Pequenos rondos com Isco, Silva, Iniesta, Koke e Busquets.

que descanse ainda mais, com exceção da partida contra Portugal, para poder render ao máximo nas fases de mata-mata.

UMA ESPERANÇA NO BI

Uma geração em transição. A Espanha é uma das favoritas da Copa pela evolução de seu jogo com Lopetegui e deve chegar longe se conseguir manter os níveis dos principais confrontos nas Eliminatórias e dos amistosos contra outras Seleções de elite. Um time que possui hierarquia mental (Piqué, Sérgio Ramos e Iniesta), a qualidade pura e individual (Isco) e a organização de um trabalho. A Fúria definitivamente esta de volta e deve incomodar na Rússia para consolidar um trabalho da última década e apagar o fracasso em 2014. ⚽

UNDERDOG



RODRIGO MORENO

O brasileiro naturalizado espanhol pode surgir como titular no ataque, pois é um dos mais versáteis. No Valência, atua numa dupla de ataque e é quem recua para abrir espaços aos pontas. Com essa movimentação, poderia deixar Isco livre por dentro ou dar profundidade ao time para tabelar com Iniesta, Koke, Isco e Silva.

20
gols*

4
4 assistências*

*Temporada 2017/2018 (46 jogos)

GRUPO B



MARRROCOS

TEMOS BEMOS

Por: *André Fehse Ribas*

Após vinte anos sem disputar uma Copa, a seleção de Marrocos está de volta à maior competição de futebol do mundo. No sorteio, a equipe caiu no grupo B, com Espanha, Irã e Portugal. A vaga veio com uma vitória por dois a zero sobre a Costa do Marfim, depois de realizar uma grande campanha com apenas uma derrota nas eliminatórias africanas. Em oito jogos, a equipe sofreu um gol, mostrando a solidez do seu sistema defensivo, sua principal arma para a Copa da Rússia.

Sob comando do francês Hervé Renard, a seleção Marroquina joga no 4-2-3-1, com suas linhas altas/médias, e apostando muito nos seus pontas Ziyech e Amrabat. A dupla busca abrir o jogo e sair em velocidade, se conectando com o centroavante Boutaïb, mortal na bola aérea. Com pressão na saída de bola, a seleção, assim que recupera a posse, busca o jogo rápido pelos lados ou um lançamento direto para

o seu homem de referência. Velocidade, infiltração e eficiência são características do Marrocos, que não costuma perdoar nos contra-ataques. Falta um maior repertório de jogadas pelo meio, que quase nunca acontecem. Contra seleções maiores, como Portugal e Espanha, deve jogar com suas linhas mais baixas e de uma forma reativa, esperando mais o erro do adversário, sem se expor muito.

Na defesa, a dupla de zaga formada por Benatia e Saïss (ou Manuel da Costa), traz confiança nas bolas aéreas e cumprem bem suas funções na linha de 4 do 4-1-4-1, com variações para o 5-4-1. Já os laterais, Dirar e Acharf, são importantes no apoio para o ataque, mas têm problemas na recomposição. Sem a bola, a seleção procura pressionar o time adversário para tirar as linhas de passe e tentar recuperar a bola. Destaca-se a compactação e qualidade no setor defensivo.

FIQUE DE OLHO



O SISTEMA DEFENSIVO de Marrocos chama a atenção. Nas eliminatórias, em oito jogos disputados, levou apenas um gol. Formado por Dirar, Benatia, Saiss e Achraf, a linha defensiva da seleção é muito segura e compacta. Isso passa muito por Benatia, zagueiro experiente, seguro com os pés e perfeito na bola aérea. Os laterais sofrem com algumas bolas nas costas, mas os ambos têm qualidade e estão evoluindo defensivamente.

ELIMINATÓRIAS: 2º FASE

Marrocos 2 x 0 Guiné Equatorial
Guiné Equatorial 1 x 0 Marrocos

3ª FASE (1º LUGAR | GRUPO C*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
12	6	3	3	0	11	0	11

*Costa do Marfim, Gabão e Mali.

UNDERDOG



KARIM AHMADI

O volante de 34 anos, que atualmente defende Feyenoord, da Holanda, é o jogador que devemos ficar de olho. É o cara que procura colocar a bola no chão e construir as jogadas, com passes curtos e combinações com os alas. Na defesa, atua nas entrelinhas em um 4-1-4-1, com variações para o 5-4-1. Importante na hora do desafoço e frio nos desarmes, é fundamental para os contra-ataques.

PROBLEMAS PARA SAIR

Um grande problema da seleção é a sua saída de bola. Quando pressionado, o time tem muitas dificuldades de sair de trás, e isso facilita que o adversário roube a bola e pegue o sistema defensivo desorganizado. Contra seleções maiores, conter este problema será o grande desafio dos marroquinos.

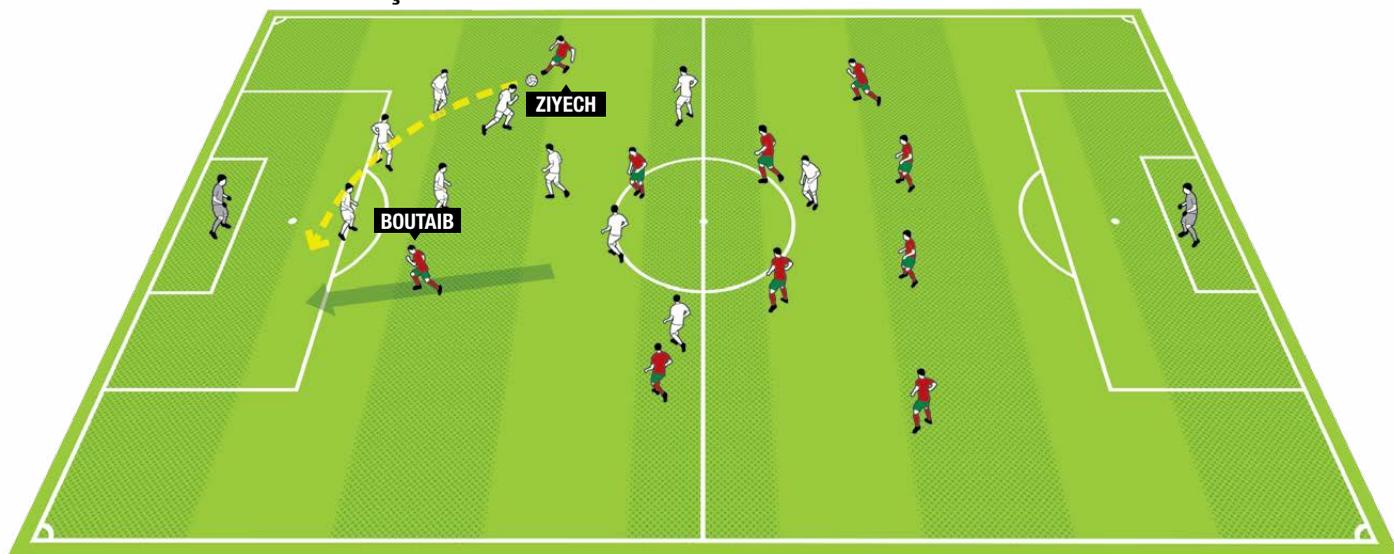
O grupo conta com um elenco que soma a experiência com juventude. Na zaga, Benatia, que atua pela Juventus, é o capitão. No ataque, o camisa sete Ziyech, jovem promessa do Ajax, usa seu talento para tentar vencer as marcações com jogadas individuais. É rápido, com boa leitura de jogo e tem facilidade no drible. Na lateral, Achraf, de apenas 19 anos, é uma das apostas da seleção. O jovem Marroquino, que pertence ao Real Madrid, tem uma grande importância no apoio ofensivo. Veloz e ágil, ele é mortal no 1x1 e tem muita qualidade no passe. Ainda precisa melhorar na marcação, mas, aos 19 anos, tem um potencial enorme e muito a contribuir à seleção. Trata-se de um time que tem bastante talento individual e com futuras promessas do futebol europeu.

O COMANDANTE

O francês Hervé Renard é um técnico muito famoso pelos feitos com seleções Africanas. Em seu currículo, duas Copa Africanas com seleções diferentes: Zâmbia, em 2012, e Costa do Marfim, em 2014. Gosta de jogar no 4-3-3, 4-2-3-1, com alas velozes e um centroavante alto e eficiente nas bolas aéreas. ⚽

QUADRO TÁTICO

CONSTRUÇÃO PELAS LATERAIS



Bola recuperada no campo de defesa e a procura pelo jogador mais aberto. Ziyech recebe, avança com a bola, e faz a leitura da jogada: nota que o centroavante tem um espaço livre para receber o cruzamento. Boutaib se infiltra e cabeceia para o gol. Amplitude, profundidade, leitura de jogo e eficiência para marcar.

ELENCO

GOLEIROS: Mounir Mohamedi (Numancia-ESP), Yassine Bounou (Girona-ESP), Ahmad Reda Tagnaouti (Ittihad Tanger-MAR)

LATERAIS: Achraf Hakimi (Real Madrid-ESP), Hamza Mendyl (Lille-FRA)

ZAGUEIROS: Mehdi Benatia (Juventus-ITA), Romain Saiss (Wolverhampton-ING), Manuel Da Costa (Basaksehir-TUR), Nabil Dirar (Fenerbahçe-TUR)

MEIAS: Mbark Boussoufa (Al Jazira-EAU), Karim El Ahmadi (Feyenoord-HOL), Youssef Ait Bennasser (Caen-FRA), Sofyan Amrabat (Feyenoord-HOL), Younes Belhanda (Galatasaray-TUR), Faycal Fajr (Getafe-ESP), Amine Harit (Schalke-ALE)

ATACANTES: Khalid Boutaib (Malatyaspor-TUR), Aziz Bouhaddouz (St. Pauli-ALE), Ayoub El Kaabi (Renaissance Berkane-MAR), Nordin Amrabat (Leganés-ESP), Mehdi Carcela (Standard Liège-BEL), Hakim Ziyech (Ajax-HOL), Youssef En Nesyri (Málaga-ESP)

TÉCNICO: Hervé Renard

IRÃ



EVOLUÇÃO EXPONENCIAL

Por: *Sergio Santana*

Desde 2011, a seleção iraniana passa por evolução exponencial: após não se classificar para a Copa do Mundo de 2010 e passar por algumas polêmicas envolvendo eleições para a presidência do país no ano seguinte, o *Team Melli* se estabilizou e, com a presença do experiente treinador Carlos Queiroz, passou a ter um jogo de melhor qualidade.

O Irã de Carlos Queiroz ocupa a 36ª posição no ranking da Fifa, sendo a melhor equipe asiática na lista. De fato, essa descrição é correta, levando em consideração o desempenho recente. O *Team Melli* teve boas atuações e dominou sua chave nas Eliminatórias, com uma campanha invicta: seis vitórias, quatro empates e apenas dois gols sofridos.

A base do time se dá em um 4-2-3-1 que varia para o 4-3-3, com o experiente Askhan Dejagah sendo o ponto chave dessa mudança: sua movimentação o garante presente no último terço no momento de ataque e com os três jogadores do meio-campo quando a equipe está sem a bola.

É possível enxergar o Irã de duas maneiras diferentes. Primeiro quando enfrenta equipes de nível técnico semelhante, o que pode ser visto nas

Eliminatórias Asiáticas, onde promoveu muito volume ofensivo e rodou a bola. E segundo ao encarar times mais fortes tecnicamente, quando jogam um futebol mais conservador, voltado para a defesa e explorando a velocidade do reativo ataque, composto por Azmoun, Ghoddos/Taremi e Jahanbakhsh.

INTENSOS E INCANSÁVEIS

Um dos pontos positivos do Irã é a intensidade e a incrível velocidade com que conseguem montar um ataque após recuperarem a bola ainda no campo adversário. Neste contexto, Alireza Jahanbakhsh é peça-chave para organizar os contra-ataques e servir os outros atletas.

A intensa movimentação do ataque é a grande chave iraniana para tentar assustar os adversários, já que o meio-campo é – na grande parte do tempo – inoperante em termos criativos. Contando com uma sólida defesa, a participação da tríade ofensiva traduz praticamente todo o sistema ofensivo da equipe. Durante as Eliminatórias, 11 dos 21 gols marcados pelo Irã foram iniciados por meio de contra-ataques, o que ajuda a exemplificar a força desse aspecto no time.

FIQUE DE OLHO



Foram 14 *clean sheets* em 18 jogos nas eliminatórias para Copa. A seleção que se classificou invicta para o Mundial tem na defesa um dos seus predicados para sonhar com a próxima fase.

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
1ª	20*	8	6	2	0	26	3	23
3ª	22**	10	6	4	0	10	2	8

*1º LUGAR GRUPO D (Omã, Guam, Turcomenistão e Índia) **1º LUGAR GRUPO A (Coréia do Sul, Síria, Uzbequistão, CHina e Catar)

UNDERDOG



ALIREZA JAHANBAKSH

O atleta de 24 anos foi um dos jogadores do ano no futebol holandês, liderando o AZ Alkmaar ao terceiro lugar na Eredivise. Atua preferencialmente pelo lado direito e costuma executar dribles curtos, com a intenção de ganhar espaço dentro de campo. Além disso, tem uma visão de jogo apurada – o que ajuda a justificar o grande número de assistências. Por sua contribuição tática essencial na linha de 5 durante o momento defensivo, se tornou peça-chave no jogo de rápidas transições de Carlos Queiroz.

21
gols

12
assistências

*Eredivise 2017/2018

O Irã é uma equipe muito inteligente dentro das quatro linhas. Carlos Queiroz trouxe um senso defensivo destacável aos jogadores, que pressionam a saída de bola adversária em grande quantidade, com linhas de marcação bem avançadas, principalmente em jogadas iniciadas por cobranças de lateral e rebatidas após uma ligação direta do goleiro em um tiro de meta – situações em que seu adversário tem boas chances de estar desorganizado.

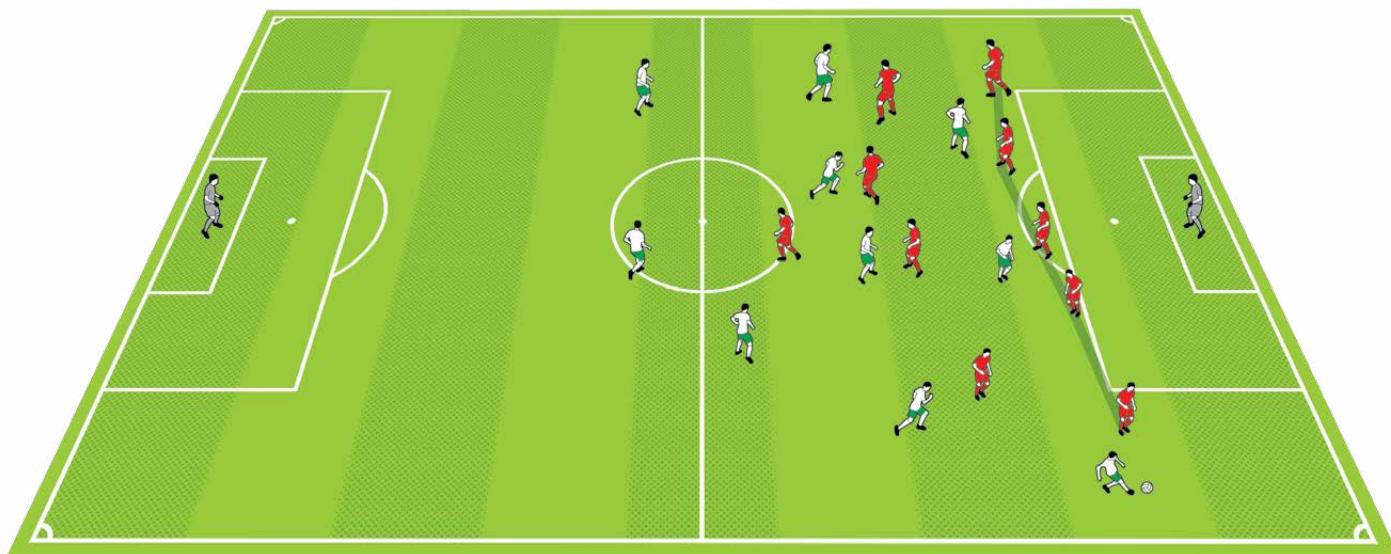
SOLIDEZ E CONSISTÊNCIA

Mesmo com todos os números interessantes no âmbito dos contra-ataques, esse cenário é apenas possível por conta de uma boa defesa. A marcação entrelinhas é forte por conta da ação dos meio-campistas, o que dá margem para os adversários atacarem pelos lados do campo, posição em que o Irã busca construir vantagem numérica com a recomposição de um dos jogadores de ataque

O fator da intensidade se repete no cenário defensivo, já que um dos pontas sempre recua, se tornando um ala, transformando um dos laterais em uma espécie de terceiro-zagueiro. Dessa maneira, é possível ver uma linha com cinco jogadores quando o rival chega ao terço final do campo. Outros fatores que ajudam a exemplificar o bom desempenho no terço inicial do campo são a noção de espaço e de passes curtos entre os próprios jogadores – o Irã perdeu a bola em seu próprio campo apenas 11 vezes durante o caminho para a classificação ao Mundial. ⚽

QUADRO TÁTICO

DEFESA COM LINHA DE 5



Um dos exemplos da marcação iraniana. Como ocupa com volume a parte central, o adversário se vê 'obrigado' a investir nos flancos, onde encontra um ponta fazendo recomposição e ajudando o lateral daquele setor. Forma-se então uma linha de cinco jogadores.

ELENCO

GOLEIROS: Alireza Beiravand (Persepolis-IRÃ), Rashid Mazaheri (Zob Ahan - IRÃ) e Amir Abedzadeh (Marítimo-POR)

ZAGUEIROS: Roozbeh Cheshmi (Estehgal-IRÃ), Morteza Pouraliganji (Al Sadd-QAT), Pejman Montazeri (Estehgal-IRÃ) e Reza Khanzadeh (Padideh Khorasan-IRÃ)

LATERAIS: Milad Mohammadi (Ahkmat Grosny-RUS), Ramin Rezaiean (Oostende-BEL) e Majid Hosseini (Estehgal-IRÃ)

MEIAS: Ehsan Hajsafi (Esteghlal-IRÃ), Saeid Ezatolahi (AEK Atenas-GRE), Masoud Shojaei (AEK Atenas-GRE), Omid Ebrahimi (Estehgal-IRÃ), Saman Ghoddos (Östersund-SUE) e Ashkan Dejagah (Nottingham Forest-ING)

ATACANTES: Mehdi Torabi (Saipah-IRÃ), Karim Ansarifard (Olympiakos-GRE), Vahid Amiri (Persepolis-IRÃ), Reza Ghoochannejad (Heereveenven -HOL), Mehdi Taremi (Al-Gharafa-QAT), Alireza Jahanbakhsh (AZ Alkmaar-HOL) e Sardar Azmoun (Rubin Kazan-RUS)

TÉCNICO: Carlos Queiroz



10





11

12

FRANCO

TALENTO LIMITADO

Por: Renato Gomes Rodrigues

Dentro do seleto grupo das melhores seleções que estarão na Rússia para disputar a Copa do Mundo, a França está no pote das favoritas. Independente de estar ou não no mesmo nível de Brasil, Alemanha ou Espanha, a quantidade de jogadores e o talento disponível em quase todas as posições habilitam a *Équipe de France* a estar entre as equipes que aspiram ao título mundial. Entretanto, quando falamos do futebol praticado, se torna mais fácil entender o motivo pelo qual a França é tão criticada pela imprensa local. Voltando a 2016 é possível chegar à simples conclusão que, desde a derrota sofrida ante Portugal na final da Eurocopa, a seleção francesa não obteve uma grande evolução em seu jogo.

Foi durante a competição continental que Didier Deschamps encontrou o caminho para melhorar o rendimento da equipe ao deixar o 4-3-3 e partir para um 4-4-2, tendo Antoine Griezmann como seu dínamo. De certa forma Deschamps emulou o que o jogador pratica no Atlético de Madrid. Mas, desde a derrota na final, em toda a campanha das eliminatórias para a Copa e na preparação em amistosos, os *Les Bleus* estagnaram e não mostraram uma evolução marcante. En-

quanto o talento disponível aumentou em quantidade e qualidade, o futebol da equipe segue com os mesmos problemas de anos atrás. Não há um sistema e nem ideias para o otimizar o tanto de talento disponível.

COMBUSTÃO POLÍTICA

Uma alternativa lógica para a França, considerando o talento disponível, seria ter seus melhores jogadores disponíveis para aproximar a equipe do sucesso. Sob esta ótica é impossível não pensar em Karim Benzema e toda a influência social que existe no ambiente dos *Bleus*. O atacante do Real Madrid e o próprio Deschamps são enfáticos quando o assunto é a convocação: enquanto Didier estiver no comando da seleção, Karim não fará parte dos selecionáveis, devido aos problemas causados pelo caso da *sextape* envolvendo Benzema e Mathieu Valbuena. O evento mobilizou não só a opinião pública como também personalidades influentes na política nacional da França.

Considerando, não só a situação política recente, mas todo o retrospecto negativo que influenciou e pauteou discussões sobre o ambiente da

GRUPO C

França em grandes competições – caso muito bem explicado e detalhado no documentário *Les Bleus, une autre histoire de France* –, podemos considerar que, por um lado, Didier Deschamps realizou seu trabalho com sucesso. A reconquista da empatia da opinião pública em torno da seleção durante a disputa da Eurocopa é um fator determinante, que tornou Didier um nome intocável e respeitadíssimo na visão da Federação Francesa de Futebol. Mas, a partir do momento que a situação social da França é resolvida, o futebol entra em pauta.

Recentemente temos os exemplos de equipes que forneceram sua espinha dorsal para as seleções nacionais. Juventus para a Itália, Bayern para a Alemanha

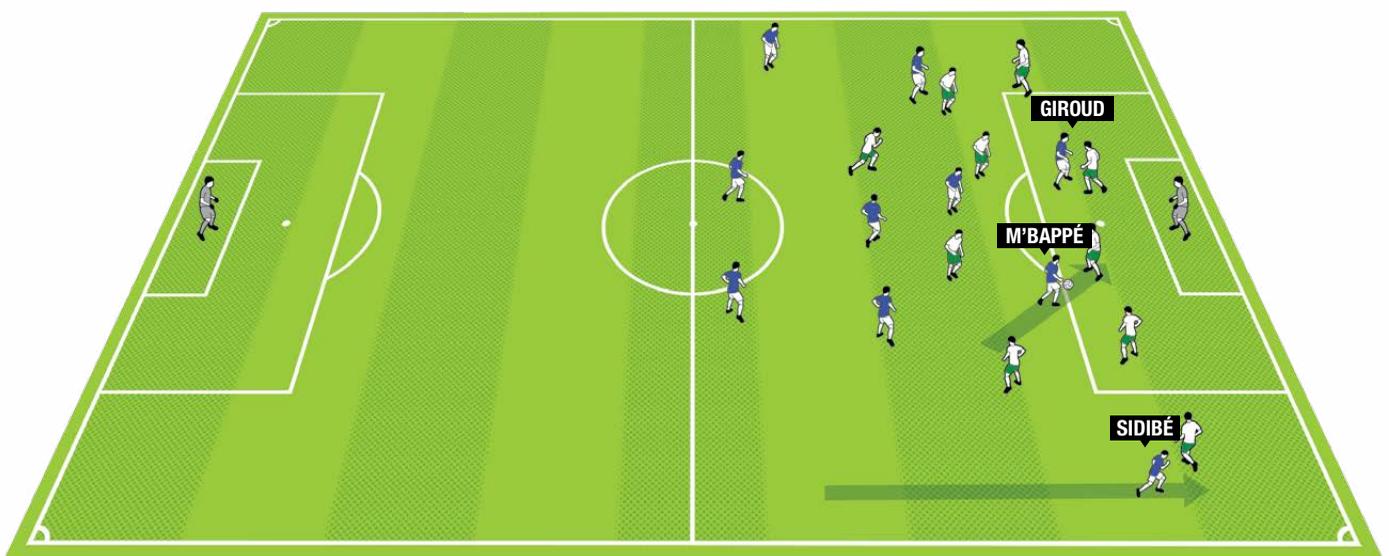
e Barcelona para a Espanha são equipes que, ao ter uma quantidade considerável de selecionáveis em seus elencos, acabam carregando traços fundamentais para a caracterização e manutenção de um estilo a médio e longo prazo. Um exemplo parecido começou a surgir com a ascensão do Monaco em 2017/2018, tendo Djibril Sidibé, Benjamin Mendy, Thomas Lemar e Kylian Mbappé numa grande fase de suas carreiras. O impacto dos dois laterais, o poder de associação de Lemar e o potencial decisivo de Mbappé são fatores que se tornaram importantes no contexto da seleção.

RIGIDEZ QUE LIMITA O TALENTO

Durante a disputa das eliminatórias os

QUADRO TÁTICO

M'BAPPÉ SOBE AO ATAQUE



Uma movimentação que costuma acontecer é Mbappé deixar o flanco direito, centralizando e se somando a Giroud no ataque. O ofensivo lateral Sidibé ocupa assim o corredor direito.



FIQUE DE OLHO

resultados passaram por cima do desempenho. O futebol praticado pela seleção acaba exercendo uma grande sobrecarga no trabalho dos meio-campistas para produzir, algo que os titulares habituais não são especialistas. Entre os convocados simplesmente não há alguém com capacidade de organizar e gerir o jogo desde a saída. A participação quase nula dos zagueiros nos momentos de construção é um detalhe que acaba influenciando negativamente a qualidade das jogadas até os momentos de finalização. Quando há a necessidade de ser dominante utilizando a posse para organizar ataques de forma curta e associada, a equipe se vê em apuros.

A rigidez no esquema é um fator que faz com que os Bleus estejam um passo atrás em comparação com outras seleções. Entretanto, a capacidade física de alguns nomes, como Mendy, Sidibé, Kanté, Matuidi colocam a França numa situação confortável, mesmo não havendo uma organização defensiva exemplar. Com a capacidade de resistir garantida, o talento de jogadores como Pogba, Mbappé, Dembélé e Griezmann cresce pela velocidade e qualidade na qual as ações são realizadas ao atacar espaços.

No fim, o saldo durante a preparação para a Copa trouxe a conclusão de que Luxemburgo e Suécia, quando baixaram as linhas, ocasionaram problemas aos franceses, já a Colômbia mostrou, através de uma pressão mais agressiva, como impedir o avanço da França. Por outro lado, ao enfrentar seleções como Espanha e Alemanha, a França cresceu junto com o talento de seus protagonistas. Com a menor necessidade de ela-

BEJNAMIN PAVARD surge como opção mais segura para a lateral direita. O jovem do Stuttgart (Alemanha), apesar de não ser tão físico, não ter o drible como ponto forte e ser menos agressivo que Sidibé, é um jogador lúcido e calmo com a bola no pé, mostrando qualidade para cruzamentos precisos e oferece segurança na defesa.

JOGADORES UTILIZADOS NO PERÍODO 2016-2018: **39**

GOLS NO PERÍODO:

Giroud
 **10**

Griezmann
 **6**

Lemar, Pogba e Mbappé
 **3**

ASSISTÊNCIAS NO PERÍODO:

Griezmann e Mbappé
 **4**

Payet e Pogba
 **3**

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO A*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
23	10	7	2	1	18	6	12

*Suécia, Holanda, Bulgária, Luxemburgo e Bielorrússia

borar jogo com a bola no pé e jogadores capazes de sustentar o sistema através de suas capacidades, a time ganhou em competitividade e mostrou boa resistência para encarar adversários que praticam um jogo de mais posse de bola.

O ELEMENTO POGBA

A necessidade de abrigar e dar liberdade para Paul Pogba adiciona a variação do 4-4-2 para o 4-3-3. Este aspecto pode ser importante em determinados contextos. O encontro do trio permite com que os *Bleus* tenham mais equilíbrio na troca de disposição com N'Golo Kanté e Corentin Tolisso acompanhando o meio-campista do Manchester United no centro do meio-campo.

O talento será a principal força mo-

triz da França na competição. O pragmatismo excessivo de Deschamps é algo que torna a busca pelo título questionável. Pela quantidade de talento disponível, o teto é muito alto, mas não há chão para potencializar todo este material humano. De qualquer forma, há jogadores que, seja pela capacidade física, técnica ou mental, podem tirar muito de situações em que existem poucas possibilidades. É com esta força que a França chega para disputar a Copa do Mundo de 2018.

O COMANDANTE

Didier Deschamps é um técnico que preza pela disciplina. Vitorioso como jogador, o treinador se espelha muito no futebol pragmático e bastante dependente da criatividade de Zidane da seleção campeã em 1998. Com o futebol

ELENCO

GOLEIROS: Hugo Lloris (Tottenham-ING), Steve Mandanda (Olympique de Marseille-FRA), Alphonse Areola (Paris Saint-Germain-FRA)

LATERAIS: Djibril Sidibé (Monaco-FRA), Benjamin Mendy (Manchester City-ING), Benjamin Pavard (Stuttgart-ALE), Lucas Hernández (Atlético de Madrid-ESP)

ZAGUEIROS: Adil Rami (Olympique de Marseille-FRA), Samuel Umtiti (Barcelona-FRA), Raphaël Varane (Real Madrid-ESP), Presnel Kimpembe (Paris Saint-Germain-FRA)

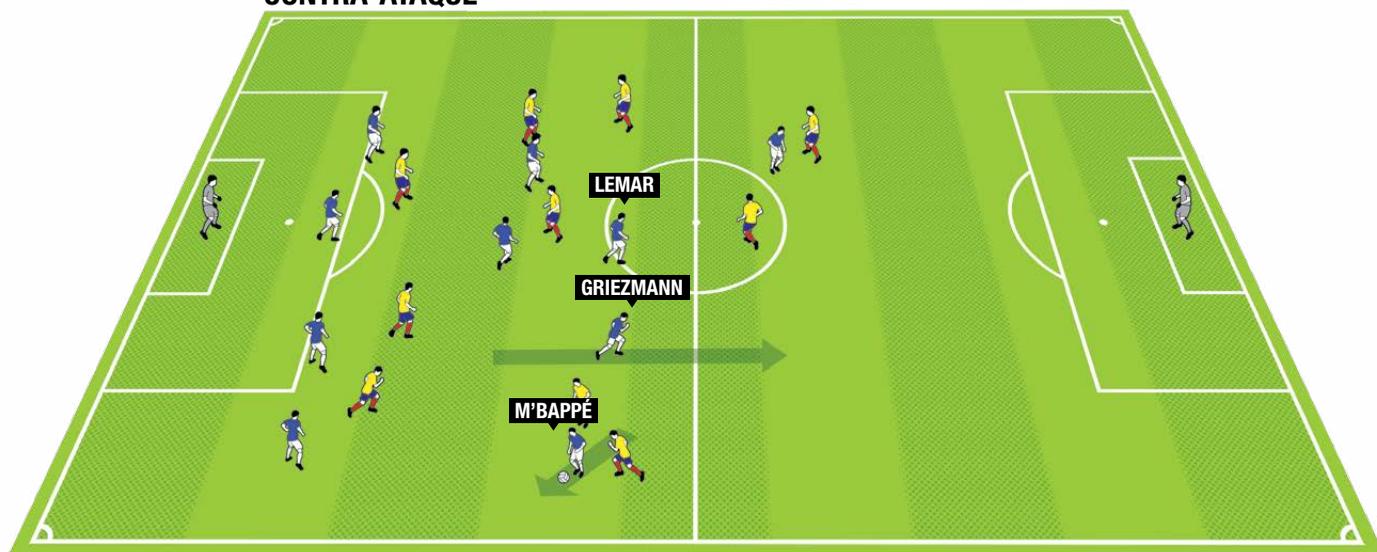
MEIAS: N'Golo Kanté (Chelsea-ING), Blaise Matuidi (Juventus-ITA), Steven Nzonzi (Sevilla-ESP), Paul Pogba (Manchester United-ING), Corentin Tolisso (Bayern de Munique-ALE)

ATACANTES: Ousmane Dembélé (Barcelona-ESP), Nabil Fekir (Olympique Lyonnais-FRA), Olivier Giroud (Chelsea-ING), Antoine Griezmann (Atlético de Madrid-ESP), Thomas Lemar (Monaco-FRA), Kylian Mbappé (Paris Saint-Germain-FRA), Florian Thauvin (Olympique de Marseille-FRA)

TÉCNICO: Didier Deschamps

QUADRO TÁTICO

CONTRA-ATAQUE



Se em ataque posicional há dificuldade, é contra-atacando que a França mostra sua força com total competência. No amistoso contra a Colômbia, Kylian atrai dois defensores e abre espaço para Griezmann ultrapassar pelo centro e receber a bola com muito espaço.

atingindo níveis de complexidade que exigem mais repertório, os jogadores da França possuem dificuldade para expressar suas qualidades em seu melhor estado justamente pela rigidez em que são dispostos em campo. O posicionamento conservador em campo acaba colocando um peso na obrigação dos convocados e eles precisam ser autossuficientes para sustentar a falta de coletividade do time. Sem o seu “Zidane”, a França por vezes se encontra limitada para resolver seus problemas. Além disso, a opinião pública francesa questiona bastante a não convocação de jogadores de descendência muçulmana, como Ben Arfa e Ben Yedder, dando a entender que a orientação religiosa e descendência dos atletas pudesse ter algum peso sobre as escolhas do técnico. ⚽

UNDERDOG

STEVEN N'ZONZI



Apesar de surpresa, considerando que Steven N'Zonzi não era regularmente chamado por Didier Deschamps, o volante do Sevilla acaba se tornando uma peça importantíssima dentro do contexto da França. Visto como reserva de Ngolo Kanté num primeiro momento, Nzonzi é quase a antítese do incansável volante do Chelsea. Sendo um apoio importante na base das jogadas e representando um perfil de defensor mais fixo que Kanté, o jogador do Sevilla é chave para bola área e proteção defensiva.

AUSTRÁLIA



DIRETA

Por: *Eryck Gomes*

A despeito da quarta participação consecutiva em Copas do Mundo, a Austrália teve uma caminhada complicada até confirmar presença no torneio. Em 2010 e 2014, vieram classificações diretas. Mas a edição atual (com 51 gols marcados e 18 sofridos durante as eliminatórias) pôs pela frente duas repescagens. Na primeira, contra a Síria, um empate por 1 a 1 fora de casa. Na volta os *Socceroos* venceram por 2 a 1 na prorrogação e foram para uma última batalha, contra o classificado pela CONCACAF. Diante de Honduras, novamente um empate no primeiro jogo, desta vez por 0 a 0. No reencontro, vitória por 3 a 1 e festa. A Copa começava ali. A fase inicial terá pela frente confrontos ante a Dinamarca, Peru e França. Um grupo complicado se considerarmos as limitações técnicas da equipe treinada por Bert van Marwijk, um time que ataca de forma direta e simples.

Levando em conta o desempenho histórico, não há muita expectativa. Entretanto, um dos pilares da equipe, Massimo Luongo, que atua pelo Queens Park Rangers-ING, demonstrou con-

fiança quanto à classificação. Em entrevista, o meia afirmou que o confronto mais difícil será contra a Dinamarca, pois vai decidir quem avança às oitavas.

Quem tem presença confirmada é o ídolo nacional Tim Cahill. Aos 38 anos, o maior jogador e artilheiro do país, com 50 gols, não vem em sua melhor forma. Desde o início de 2018, o atacante do Millwall-ING atuou apenas 146 minutos, divididos entre 11 partidas por clube e seleção (13.27 minutos por jogo). E tem mais: o último gol marcado foi em outubro de 2017, na repescagem contra a Síria – onde balançou as redes duas vezes. Em três edições de Copa (2006, 2010 e 2014), Cahill anotou um total de cinco gols.

DIRETO AO PONTO

Apesar de contar com talentos individuais como Mile Jedinak e Aaron Mooy, a Seleção Australiana tem por característica a exploração do jogo físico. Não anseie assistir um time cadenciador ou com jogadas ensaiadas. Paciência não é a tônica. A equipe procura se resguardar e definir os seus ataques rapidamente. Condução

FIQUE DE OLHO



DEFESA FRÁGIL: Em 2017, a Austrália disputou 13 partidas e só não sofreu gol em duas. Os espaços entre linhas são os principais vilões deste dado.

Aaron Mooy e Mile Jedinak, são meias que possuem bom passe, boa chegada para finalização. Jedinak, ainda possui uma perigosa cobrança de falta.

ELIMINATÓRIAS: (3º LUGAR | GRUPO B*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
19	10	5	4	1	16	11	5

*Japão, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Iraque e Tailândia

REPESCAAGEM

Síria 1 x 1 Austrália

Austrália 2 x 1 Síria

Honduras 0 x 0 Austrália

Austrália 3 x 1 Honduras

UNDERDOG



MILOS DEGENEK

O zagueiro de 24 anos atua no Yokohama Marinos, do Japão. Na Austrália, é a personificação do jogo físico da equipe. Num modelo que preza pela forte marcação, pode se destacar na função por não se omitir e ser seguro nas disputas de bola. Entretanto, a experiência pode fazer falta em confronto contra jogadores mais técnicos. Apesar da seleção vir sofrendo muitos gols, Degenek fez uma boa temporada pelo seu clube, que culminou em sua titularidade por lá.

da bola em velocidade e cruzamentos é o que mais se vê no momento ofensivo.

O time costuma marcar os adversários com a linha média/alta se valendo do bom porte físico do elenco. Trata-se de uma equipe agressiva, que procura fazer a transição defesa-ataque rapidamente. Atrás, o 4-4-2 é o desenho mais característico. Vez ou outra, o time varia para o 4-2-3-1. Em ambos, marcação pressionada sobre o portador e fechando linhas de passe. De fato, o ponto positivo desta equipe é a aptidão física. Contudo, a vulnerabilidade está justamente na defasagem técnica. É um time chato por jogar muito fechado, mas que vaza com certa facilidade quando confronta adversários bem organizados na fase ofensiva.

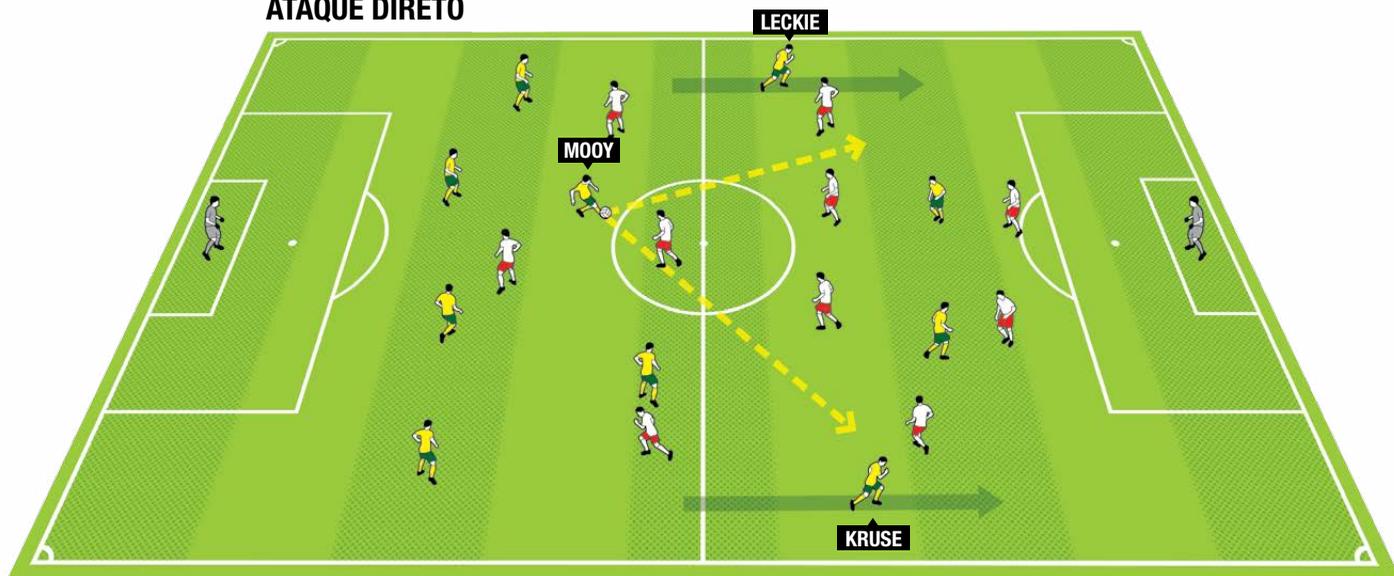
O COMANDANTE

O experiente holandês Bert van Marwijk tem 66 anos e destacou-se ao levar a Holanda à final da Copa do Mundo de 2010, perdendo a final para a Espanha. Na carreira, também passou por clubes como o Borussia Dortmund e Hamburgo. Marwijk chegou para disputar o Mundial, mas já sabe que será substituído após a competição pelo australiano Graham Arnold.

O time até chega a esboçar trocas de passes, mas acaba esbarrando na própria deficiência técnica. Desta forma, bolas alçadas na área são um artifício muito usado. Na defesa, Bert posta a equipe com duas linhas de quatro e dois à frente, dependendo da ocasião muda para um 4-2-3-1. Não espera-se muita coisa além disso. ⚽

QUADRO TÁTICO

ATAQUE DIRETO



Mooy funciona como um quarterback. A transição ofensiva passa principalmente pelos pés do meia, com ligações diretas explorando a velocidade e qualidade de Leckie e Kruse pelos lados do campo.

ELENCO

GOLEIROS: Matthew Ryan (Brighton-ING), Brad Jones (Feyenoord-HOL) e Danny Vukovic (Gent-BEL)

ZAGUEIROS: Milos Degenek (Yokohama Marinos-JAP), Matthew Jurman (Suwon-COR) e Trent Sainsbury (Jiangsu Suning-CHN)

LATERAIS: Josh Ridson (Sidney Wanderers-AUS), James Meredith (Millwall-ENG) e Aziz Behich (Bursaspor-TUR)

MEIAS: Mark Milligan (Al-Ahli-RSA), Massimo Luongo (QPR-ING), Aaron Mooy (Huddersfield-ING), Mile Jedinak (Aston Villa-ING), Jackson Irvine (Hull City-ING) e Tom Rogic (Celtic-ESC)

ATACANTES: Tim Cahill (Millwall-ING), Mathew Leckie (Hertha Berlin -ALE), Tomi Juric (Luzern-SUI), Robbie Kruse (Bochum-ALE), Andrew Nabbout (Urawa Reds-JAP), Jamie Maclaren (Darmstadt-ALE), Daniel Arzani (Melbourne City-AUS) e Dimitri Petratos (Newcastle Jets-AUS)

TÉCNICO: Bert van Marwijk

GRUPO C



36 ANOS DEPOIS

Por: *Dimitri Barcellos*

O Peru está de volta ao cenário mundial depois de mais de três décadas. Com boa campanha nas Eliminatórias, os comandados de Ricardo Gareca chegam à Copa do Mundo com uma estrutura sólida e dinâmica coletiva afinada. Sem dúvidas, a construção ofensiva peruana é o que mais chama a atenção dentro do modelo de jogo proposto. Partindo do 4-2-3-1 como plataforma tática inicial, a seleção trabalha com um jogo extremamente apoiado por dentro, com passes curtos e movimentos bem coordenados.

PELAS BANDAS

A saída de bola blanquirroja é bem sustentada. Com zagueiros de ótimo passe e boa visão de jogo, como Alberto “Mudo” Rodríguez, Miguel Araújo e Christian Ramos, é raro um volante recuar entre os defensores para fazer a transição defesa-ataque. Assim, há maiores opções de passe logo à frente para que a jogada possa evoluir, com os laterais subindo praticamente ao lado dos volantes para dar alternativa de saída pelas bandas.

Gerando superioridade numérica e linhas de passe por dentro, a construção ofensiva objetiva e o bom controle de jogo são as principais armas do Peru. A dupla de volantes, usualmente formada por Renato Tapia e Yoshimar Yotún, é uma das chaves para o sucesso. Bastante associativos, Tapia e Yotún se aproximam dos laterais e dos extremas para triangular dependendo do lado em que a jogada se desenvolve. Quando o lance acontece pelo corredor central, ambos mostram boa capacidade de limpar jogadas e visão para buscar passes de ruptura, que desencadeiam subidas em bloco ao ataque.

O meia-central da linha de três também é importantíssimo na dinâmica ofensiva da equipe. Com Cueva atuando nesta posição na maior parte das vezes, há total liberdade de deslocamento, podendo flutuar de lateral a lateral ou trabalhar próximo aos volantes para triangular e se movimentar em velocidade para infiltrar na defesa adversária.

No terço final, busca-se aproveitar os movimentos dos jogadores de

FIQUE DE OLHO



Mesmo buscando posições mais próximas ao gol para finalizar, a seleção peruana tem jogadores com ótimo chute de média e longa distância. Nas últimas sete partidas das Eliminatórias, marcou três gols dessa forma.

ACERTO DE FINALIZAÇÕES (26-30m)

1) Uruguai		46,4%
2) Bolívia		38,5%
3) Venezuela		36,7%
4) Peru		35,3%

ELIMINATÓRIAS: (5º LUGAR)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
26	18	7	5	6	27	26	1

RESPESCAGEM:

Nova Zelândia 0 x 0 Peru
Peru 2 x 0 Nova Zelândia

UNDERDOG



RAUL RUIDÍAZ

O reserva imediato de Paolo Guerrero nas eliminatórias é um nome que pode surpreender. O atacante é o principal nome do Monarcas Morelia, do México. Com apenas 1,69m, Ruidiaz chama a atenção por sua mobilidade no terço final, atacando os espaços. Sua boa colocação na área e seu oportunismo também são pontos a destacar.

19
gols
(35 jogos*)

1,5
perdas de posse
por jogo**

*Temporada mexicana até 04/2018

**Eliminatórias

frente pelas costas da linha de defesa rival. Apesar de sempre buscar uma construção curta pelo chão, os peruanos não hesitam em acelerar o jogo e soltar bolas longas pelos lados, explorando a velocidade de seus jogadores e a capacidade de vitória pessoal dos seus atacantes.

RECOMPOSIÇÃO RÁPIDA

Predominantemente, a seleção peruana opta por utilizar uma marcação por zona contra os seus adversários. O posicionamento defensivo é bastante dinâmico e varia conforme a equipe contrária avança a bola pelo gramado. Quando se posta no 4-1-4-1, é comum ver um dos jogadores da linha intermediária se soltando para pressionar a saída adversária e o volante fechando o buraco para formar um 4-4-2. Quando se posta no 4-2-3-1 e a bola cruza a intermediária, um dos volantes sobe pressão e acaba por armar o 4-1-4-1.

Nos momentos de transição, não se percebe uma pressão ao portador da bola. O movimento mais comum é de uma recomposição rápida, com os jogadores retornando às suas posições iniciais e formando as linhas de marcação.

Um dos pontos mais fortes da defesa peruana é a leitura das movimentações da equipe rival, algo fundamental para quem se defende por zona. Leitura essa que permite um grande número de interceptações dos passes adversários e evita combates defensivos mais arriscados, além de ser um facilitador para saídas limpas durante a transição ofensiva. ⚽

QUADRO TÁTICO

SAÍDA COM VELOCIDADE



O 2º gol contra a Croácia ilustra bem o jogo peruano, de movimentação no meio e velocidade no terço final. Trauco recebe pela esquerda e aproveita a aproximação rápida de Carrillo para tabelar. Trauco dá novo passe para Cueva, que coloca a bola ao espaço para a aceleração de Farfán. Ao fim, gol de Flores no rebote.

ELENCO

GOLEIROS: Carlos Cáceda (Deportivo Municipal-PER), José Carrillo (UTC-PER) e Pedro Gallese (Veracruz-MEX)

LATERAIS: Luis Advíncula (BUAP-MEX), Aldo Corzo (Universitario-PER), Miguel Trauco (Flamengo-BRA), Nilson Loyola (Melgar-PER)

ZAGUEIROS: Alberto Rodríguez (Junior Barranquilla-COL), Miguel Araujo (Alianza Lima-PER), Anderson Santamaría (Puebla-MEX), Christian Ramos (Veracruz-MEX)

MEIAS: Yoshimar Yotún (Orlando City-EUA), Christian Cueva (São Paulo-BRA), Paolo Hurtado (Vitória de Guimarães-POR), Renato Tapia (Feyenoord-HOL), Edison Flores (Aalborg-DIN), Andy Polo (Portland Timbers-EUA), Pedro Aquino (BUAP-MEX), Wilder Cartagena (Veracruz-MEX)

ATACANTES: André Carrillo (Watford-ING), Jefferson Farfán (Lokomotiv Moscou-RUS), Raúl Ruidíaz (Morelia-MEX), Paolo Guerrero (Flamengo-BRA)

TÉCNICO: Ricardo Gareca

GRUPO C



DINA MARGA

DINAMÁQUINA DE ERIKSEN

Por: *Rafael Maciel*

A seleção dinamarquesa de futebol, apelidada de Dinamáquina pelos louros dos anos 80, está de volta à Copa do Mundo. O time comandado pelo técnico norueguês Age Hareide, garantiu sua vaga no último jogo da repescagem, ao vencer a Irlanda, em Dublin, de virada, por 5 a 1 - em atuação de gala do meia Eriksen. A equipe fez uma eliminatória segura, ficando em segundo lugar em um grupo frágil, onde seu principal adversário fora a Polônia, líder da chave.

Trata-se de uma equipe com um bom nível de competitividade e alguns bons valores individuais, porém possui somente uma estrela de nível mundial: Christian Eriksen, meia do Tottenham, que vive o seu auge aos 26 anos. Ele é o responsável por organizar as criações ofensivas e muitas vezes também faz o papel de finalizador das jogadas, pisando na área ou concluindo de longa distância. Dotado de um senso criativo acima da média, possui bom passe vertical, excelente bola parada e finalização de longa distância. Nome que mais tem forças para desequilibrar partidas. Eriksen distribui 50 passes por jogo, com aproveitamento de 77%, sendo que 75% dos passes no

campo de ataque são acertados. Além disso, cria em média três chances de gol a cada partida.

Com bola, a Dinamarca possui no 4-2-3-1 sua principal plataforma tática, podendo variar facilmente em um 4-1-2-3 (ou 4-3-3 em base alta) quando os extremos avançam para fazer companhia ao centroavante e o volante Delaney sobe para se juntar à Eriksen por dentro. Sem bola, a equipe se defende também no 4-2-3-1, com bloco médio, linhas bem compactas e marcação de encaixe por setor.

A equipe adequa um pouco as estratégias de jogo conforme seus adversários. Contra seleções superiores, a Dinamarca atua de modo um pouco mais reativo, aguardando na defesa, para explorar o espaço com velocidade nos corredores às costas dos laterais adversários. Contra seleções de nível semelhante ou inferiores, o time adota uma postura mais equilibrada, onde há mais flexibilidade nas movimentações dos laterais, volantes e meias.

TOQUE DE BOLA E APROXIMAÇÃO

Independente da proposta apresen-

FIQUE DE OLHO



NÚMEROS DAS ELIMINATÓRIAS:



	GOLS	ASSISTÊNCIAS
ERIKSEN	10	3

ELIMINATÓRIAS: (2º LUGAR | GRUPO E*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
24	10	7	3	2	25	9	16

** Polônia, Montenegro, Armênia, Romênia e Cazaquistão

PLAYOFFS

Dinamarca 0 x 0 Irlanda
Irlanda 1 x 5 Dinamarca

UNDERDOG



PIONE SISTO

Velocidade, chegada à linha de fundo, vitória pessoal e capacidade de criar oportunidades de gol estão entre as credenciais de Pione Sisto, extrema do Celta de Vigo. Sisto é um dos mais promissores jogadores do futebol dinamarquês e uma arma para os contra-ataques diante de equipes superiores.

tada, o modelo não sofre alteração. A equipe comandada pelo técnico Hareide, busca valorizar a posse de bola, trocando muitos passes, alternando entre passes curtos e inversões longas. A circulação de bola da equipe é bem qualificada, onde em média são trocados 12 passes por minuto de posse. Referente ao volume ofensivo, o time possui alta intensidade, gerando em média 1 finalização à cada 4 minutos de posse.

Com linhas bem próximas, bloco dinamarquês atua com uma compactação média de 40 metros - distância entre sua linha defensiva e seu homem mais avançado no ataque. A amplitude da equipe é moderada e fica sob responsabilidade principalmente de seus laterais. Já referente à profundidade, o posicionamento médio da equipe encontra-se bem próximo à faixa de 75 metros (último quarto ofensivo) e em muitas oportunidades essa profundidade é gerada pelo meia Eriksen, que ataca o espaço gerado quando o centroavante arrasta a marcação pela faixa central.

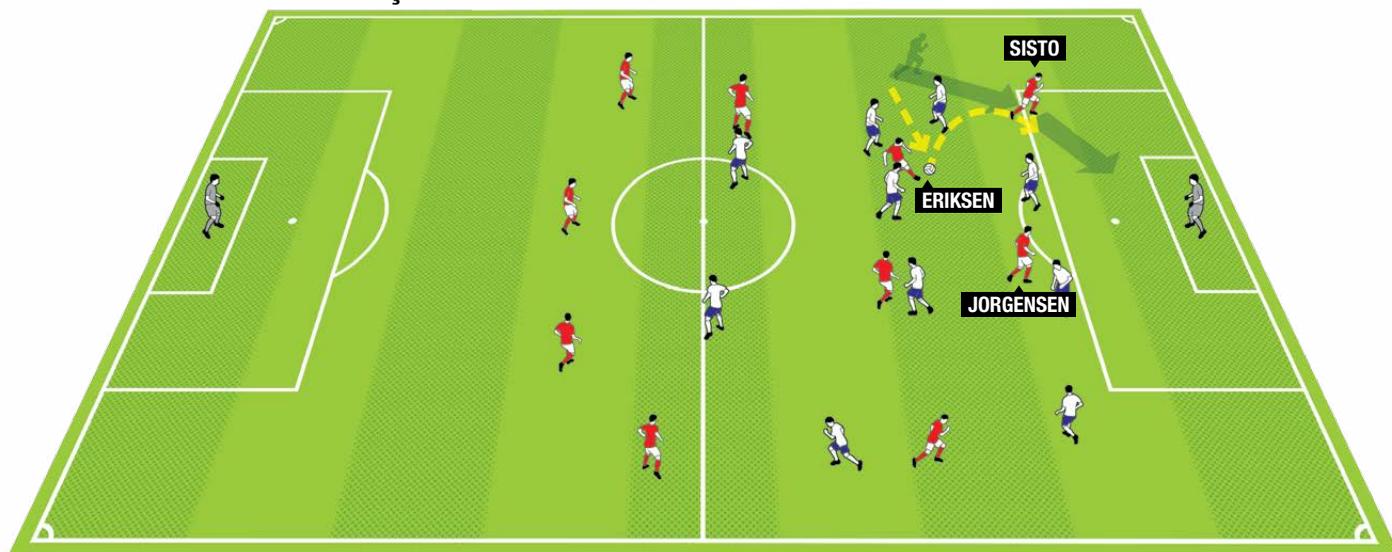
Solidez defensiva e boa técnica para tramar associações estão entre as credenciais da Dinamarca, que, ao que tudo indica, brigará com o Peru pela segunda vaga do Grupo C da Copa do Mundo.

O COMANDANTE

Åge Fridtjof Hareide, norueguês de 64 anos, é o técnico que comanda a Seleção Dinamarquesa desde março de 2016. Com sua carreira de treinador integralmente destinada aos países nórdicos (Noruega, Suécia e Dinamarca). 🏆

QUADRO TÁTICO

CONSTRUÇÃO PELAS LATERAIS



Jogada em velocidade: Sisto pela esquerda passa para Eriksen e se desloca atacando o espaço. É uma jogada corriqueira dos dinamarqueses.

ELENCO

GOLEIROS: Kasper Schmeichel (Leicester-ING), Frederik Ronnow (Brøndby-DIN) e Jonas Lossl (Huddersfield-ING)

ZAGUEIROS: Simon Kjær (Sevilla-ESP), Mathias Jørgensen (Huddersfield-ING), Andreas Christensen (Chelsea-ING) e Jannik Vestergaard (Borussia Mönchengladbach-ALE)

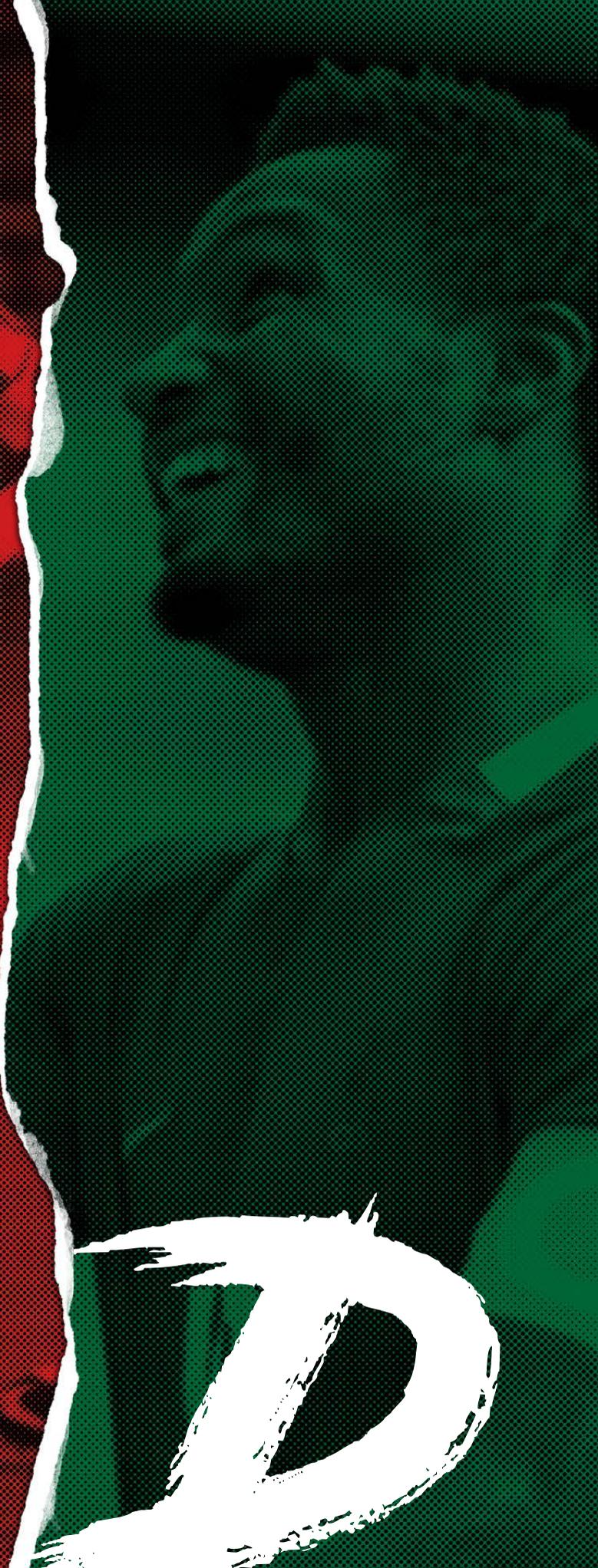
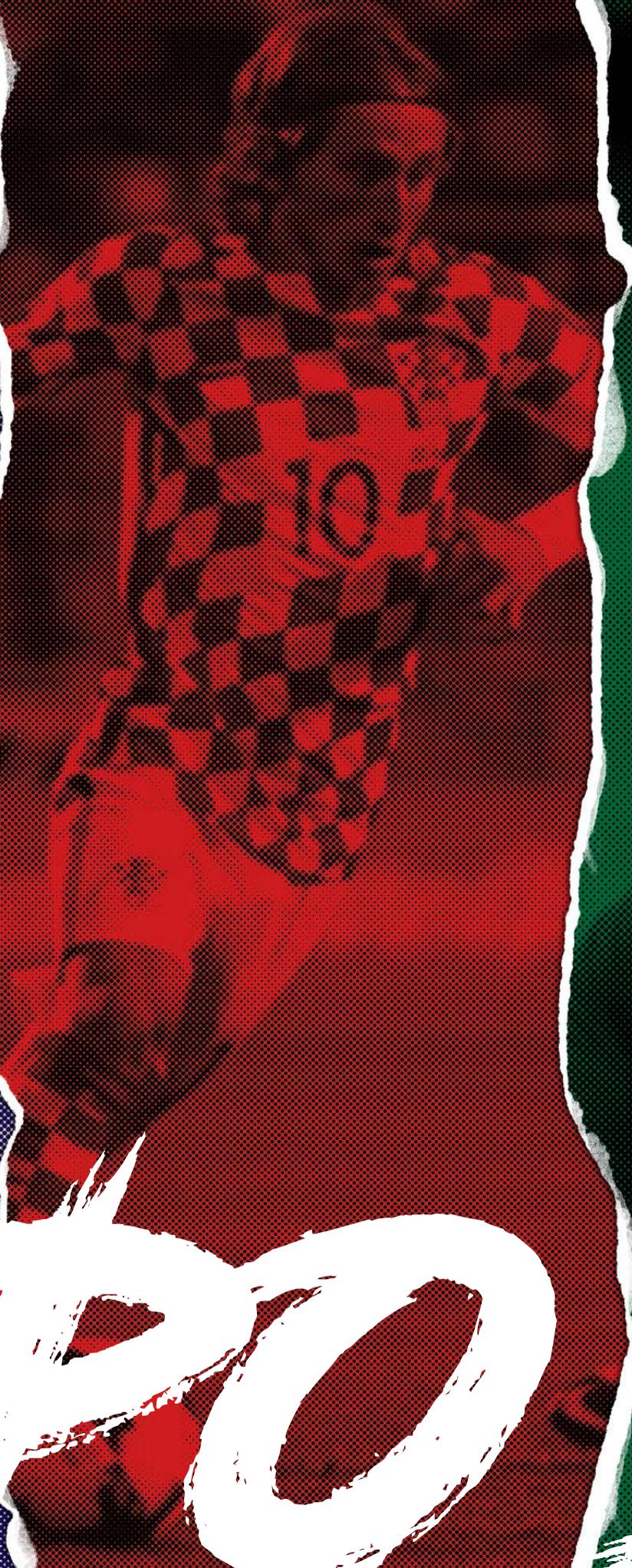
LATERAIS: Henrik Dalsgaard (Brentford-ING), Jens Strøger Larsen (Udinese-ITA) e Jonas Knudsen (Ipswich-ING)

MEIAS: Christian Eriksen (Tottenham-ING), Lasse Schöne (Ajax-HOL), Michael Krohn-Dehli (Deportivo La Coruña-ESP), Thomas Delaney (Werder Bremen-ALE), William Kvist (FC Copenhagen-DIN) e Lukas Lerager (Bordeaux-FRA)

ATACANTES: Andreas Cornelius (Atalanta-ITA), Kasper Dolberg (Ajax-HOL), Martin Braithwaite (Bordeaux-FRA), Nicolai Jørgensen (Feyenoord-HOL), Pione Sisto (Celta Vigo-ESP), Viktor Fischer (FC Copenhagen-DIN) e Yussuf Poulsen (RB Leipzig-ALE)

TÉCNICO: Åge Hareide





GRUPO D

ARGENTINA

A ÚLTIMA CHANCE

Por: *Bolívar Silveira*

“**C**oronados de Gloria Vivamos. O Juremos con Gloria Morir”. O hino argentino de alguma forma reflete o significado da Copa do mundo na Rússia para essa geração. Talvez a última de muitos que atuam juntos desde a base. São os casos de Mascherano, Agüero, Banega, Di Maria, Fazio, Romero e ninguém menos que Lionel Messi. Uma geração que prometeu muito, mas não deu nenhuma volta olímpica. Foram vários quases, que hoje resultam em uma pressão praticamente insustentável até para aquele que alguns chamam de Deus.

Dentro desse conhecido contexto chegou Jorge Sampaoli, treinador que trilhou carreira fora do país, e retornou para comandar a albiceleste na terra dos ksares.

BUSCANDO UMA IDENTIDADE

A Argentina chega para a Copa em total reformulação. Sampaoli ainda não conseguiu dar uma cara para equipe nos poucos amistosos que teve, o que torna difícil a leitura tática da seleção. Entretanto, pequenos padrões começam a aparecer.

O jogo primordialmente é feito com construção por baixo, desde a zaga. Ota-

mendi é peça essencial, já que costuma atuar assim no Manchester City. Para auxiliar no começo da jogada, os volantes, costumeiramente Banega e Biglia, recuam para criar e facilitar a linha de passe. O meio-campista do Sevilla, com uma maior qualidade no passe de ruptura, é o favorito de Sampaoli para comandar essa organização e construção ofensiva, que, ao ter a bola, faz com que os pontas ampliem o campo para criar um maior espaço de circulação e infiltração. Caso não seja o Ever Banega o escolhido, Lo Celso deve cumprir essa função, pois se saiu muito bem no PSG atuando recuado. É neste momento que os dois principais expoentes argentinos aparecem. Di Maria pelo corredor esquerdo é o jogador para desequilibrar com dribles e poder de aceleração, buscando vitória pessoal, ultrapassagem do lateral ou a linha de fundo. O ponta do PSG é o jogador com maior número de passes para a área pela seleção argentina na Era Sampaoli. Lionel Messi, pelo outro lado, possui a função de dar fluidez ao jogo e tem liberdade para circular, liberando o corredor direito para ultrapassagem de Mercado. A troca rápida de direção também é um plano de jogo que Sampaoli

GRUPO D

li adora utilizar com a Argentina. Acumular jogadores em um lado do campo, trocando passes curtos e disponibilizar o flanco contrário para causar surpresa ao adversário ao cruzar a bola.

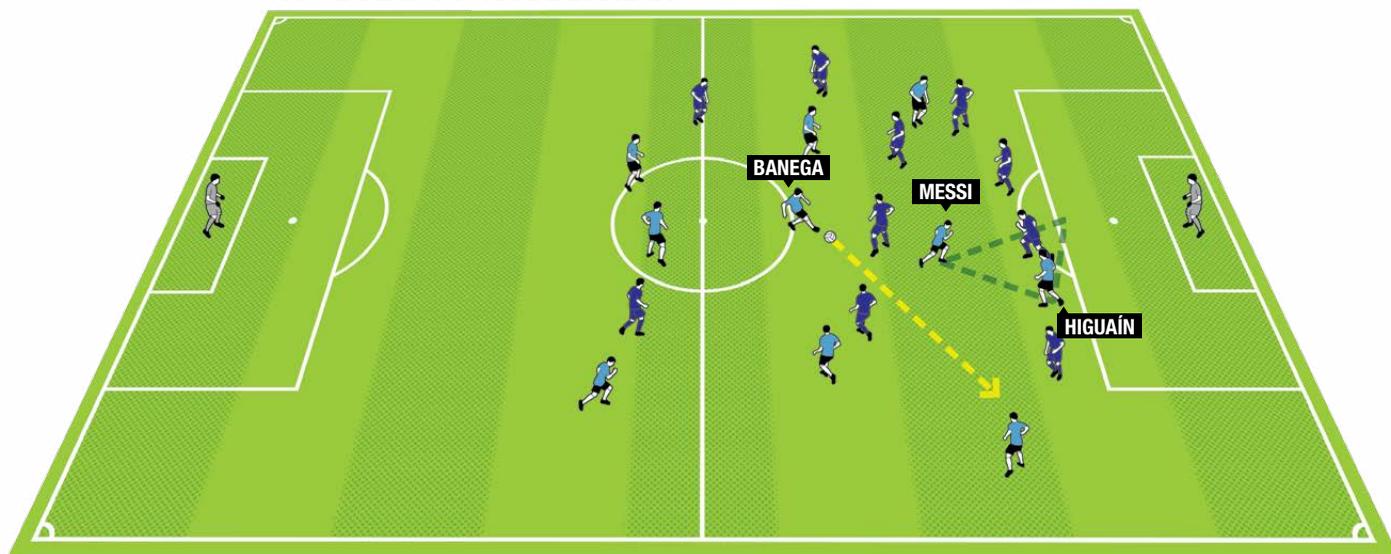
Esse mecanismo da fase ofensiva geralmente gera situações de gol através de cruzamentos vindos da linha de fundo ou troca de passes com pivô do centroavante. O que exige muito do 9 da seleção. Paradoxalmente a posição mais contestada é a ocupada por Higuain ou Agüero. Nenhum dos dois conseguiu, desde a copa de 2014 uma sequencia positiva e importante pela seleção. Essa insatisfação com as atuações dos atacantes ditos titulares geram algumas dúvidas quanto ao time titular. Entre as diversas plataformas utilizadas a que teve maior sucesso e foi mais vezes repetida foi o

4-2-3-1, deixando em aberto a terceira vaga no meio de campo. Durante as eliminatórias o treinador tentou um passador (Enzo Perez), um controlador (Pablo Perez), um todo-campista (Meza), um driblador (Lanzini) e um verticalizador (Nacho Fernandez). Meza e Lanzini foram os que melhor aproveitaram as chances, complementando muito bem tanto a fase ofensiva quanto a defensiva. Entretanto, Lanzini acabou se lesionando e Enzo Pérez foi chamado às pressas, numa troca que talvez equilibre mais o elenco de Sampaoli.

Ao fim, Messi. Porque é necessário um parágrafo inteiro para Lionel. O jogador do Barcelona se encontra com 30 anos nessa Copa do Mundo e após algumas derrocadas, dois vice-campeonatos continentais e um vice-campeo-

QUADRO TÁTICO

PASSE DE RUPTURA DE BANEGA



A Argentina usa do passe de qualidade dos volante Banega ou Lo Celso para achar jogadores na entrelinha, assim Messi arranca e busca tabela com pivô de Higuain.



FIQUE DE OLHO

nato mundial parece que a Rússia pode ser sua última chance com a albiceleste. Dele esperamos a magia, mas além do sobrenatural é necessário que Messi busque o protagonismo. Dite o ritmo das partidas, busque associação com os pontas e a conexão com os meias. Que Messi seja Messi.

INCERTEZAS ATRÁS

Na defesa residem as principais preocupações e dúvidas da seleção. Ao que tudo indica Sampaoli fixou uma plataforma de quatro defensores para resguardar a meta e equilibrar os avanços de Messi, Di Maria e Lo Celso. Agora quais jogadores irão compô-la ainda é um mistério. Apenas Nicolas Otamendi tem vaga garantida. O outro zagueiro de confiança, Javier Mascherano, capitão no Brasil e para muitos o melhor jogador argentino da Copa, voltou a atuar como volante deixando uma lacuna no setor defensivo. O mais cotado para jogar ao lado do zagueiro citizen é Fazio, jogador de limitada condição técnica no que se refere a saída de jogo.

A Argentina possui defeitos bastante marcantes na fase defensiva. A perda de bola no seu campo é um dos principais. Por tentar propor um jogo construído desde a zaga, a seleção do Rio do Prata costumeiramente cede a posse ao adversário. Muito por desentrosamento e falta de movimentação. É bom lembrar que Sampaoli praticamente não havia dirigido nenhum dos convocados e pegou um time praticamente sem estrutura do Edgardo Bauza. A transição defensiva lenta e desestruturada é outra

CONEXÃO BANEGA-MESSI:

O meio-campista do Sevilla é o distribuidor que Messi precisa para não ficar sobrecarregado. Banega é o jogador que mais recebe passes e melhor tem acerto de passe no setor de meio-campo. Banega-Messi é o eixo principal da engrenagem argentina.

DÍ MARIA

Maior número de passes para dentro da área **4,35** por jogo

BANEGA

Acerto de passes **90%**

Passes dados por jogo **56**

Passes recebidos por jogo **43**

MESSI

Gols por jogo **0,66**

Assistências para finalização por jogo **1,79**

ELIMINATÓRIAS: (3º LUGAR)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
31	18	7	7	4	19	16	3

marca negativa da fase defensiva argentina. Ao atacar, a equipe não equilibra os setores, invariavelmente deixando poucas peças para um provável contra-ataque da equipe adversária.

A mecânica defensiva que Sampaoli tenta implantar na seleção argentina é da marcação mista. Defendem o espaço, mas também buscam o portador da bola individualmente. Formata por uma linha fixa de 4 defensores que é assessorada por jogadores da segunda linha, que possuem a função de fazer uma marcação agressiva ao portador da bola. Por vezes, quando o jogo acontece pelos flancos, o lateral costuma sair da sua posição “em linha” para pressionar o portador. Essa mecânica exige organização e intensidade dos marcadores. Quando bem executada pode sufocar e irritar o adversário. Entretanto, quando desorganizada, um simples passe pode

superar vários jogadores de uma só vez.

Toda convocação para Copa do Mundo tem sua crítica e com a Argentina não foi diferente. Os argentinos se queixaram muito da falta de jogadores com características defensivas no meio campo. Apenas Mascherano e Biglia possuem virtudes para defender. Sendo que *Jeffito* está com 33 anos e voltou a jogar na faixa central após 8 anos atuando como zagueiro e o volante milanista está lesionado, sem saber se poderá atuar na primeira partida da fase de grupos. Esse desequilíbrio na convocação evidencia-se na montagem dos titulares. Talvez a chamada de última hora de Enzo Pérez equilibre a fase defensiva, não é de se duvidar que o meia do River vire titular na fase de grupos.

Sampaoli pede que os laterais apoiem e associem-se com Di Maria e Messi, fazendo com que um dos volantes

ELENCO

GOLEIROS: Franco Armani (River Plate-ARG), Nahuel Guzman (Tigres-MEX) e Willfredo Caballero (Manchester City-ING)

LATERAIS: Nicolás Tagliafico (Ajax-HOL), Marcos Acuña (Sporting Lisboa-POR), Eduardo Salvio (Benfica-POR) e Gabriel Mercado (Sevilla-ESP)

ZAGUEIROS: Nicolás Otamendi (Manchester City-ING), Cristian Ansaldi (Torino-ITA) e Federico Fazio (Roma-ITA) e Marcos Rojo (Manchester United-ING)

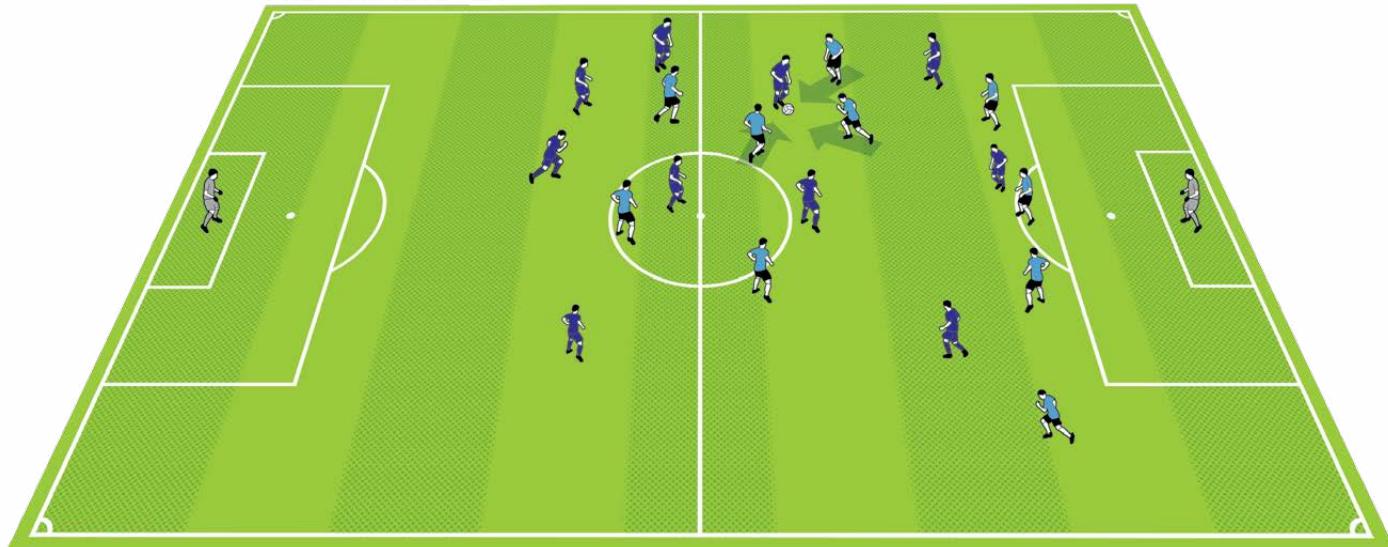
MEIAS: Lucas Biglia (Milan-ITA), Javier Mascherano (Hebei – CHI), Giovani Lo Celso (PSG-FRA), Enzo Pérez (River Plate-ARG), Angel Di María (PSG-FRA), Ever Banega (Sevilla-ESP) e Maximiliano Meza (Independiente)

ATACANTES: Sergio Agüero (Manchester City-ING), Lionel Messi (Barcelona-ESP) Gonzalo Higuaín (Juventus-ITA), Cristian Pavón (Boca Juniors) e Paulo Dybala (Juventus-ITA)

TÉCNICO: Jorge Sampaoli

QUADRO TÁTICO

PRESSÃO NA BOLA



A Argentina tenta segurar a linha defensiva e pressionar o portador da bola. É uma tática adotada por não possuir bons desarmadores, o que a obriga a pressionar e fechar linha de passe para recuperar a bola.

da linha de 2, do 4-2-3-1, cubra o espaço deixado nas alas. Movimento tradicional no futebol brasileiro. Entretanto Lo Celso ou Meza, que podem atuar ao lado de Biglia/Mascherano, não obtiveram muito sucesso nessa dinâmica, deixando a equipe frágil para contra-ataques.

Os contra-ataques têm aborrecido muito os argentinos. Como jogam majoritariamente em linha alta, os zagueiros atuam com uns 30 metros de espaço em suas costas e precisam de velocidade para desgarrar quando o adversário é lançado ou simplesmente quando duela contra atacantes velozes. O problema é que Fazio é um zagueiro lento, o que sobrecarrega Otamendi. Se Sampoli conta com boas peças pro ataque, na defesa precisa fazer adequações para se tornar competitivo. ⚽

UNDERDOG



MAXI MEZA

O jogador do Independiente foi o último a embarcar para Rússia. Meza atua como um meio-campista e consegue fazer praticamente todas as funções. Com bom passe e vitalidade, Maxi Meza gera jogo vindo de trás. Mas atuando mais avançado usa do drible para incomodar os adversários.

66%
dribles certos*

4,79
pases para o terço final por jogo*

*Temporada argentina 2017/2018

GRUPO D

ISLANDIA



DO NORTE PARA O MUNDO

Por: *Sérgio Santana*

A Islândia é detentora de uma das mais surpreendentes histórias dessa Copa do Mundo. De uma nação praticamente inoperante no esporte, a seleção montou um planejamento e viu os resultados se materializarem nas campanhas da última Eurocopa e da classificação para disputar seu primeiro Mundial da sua história. Em 2014 o país menos populoso das Copas (com pouco mais de 319 mil habitantes) caiu na repescagem para Croácia.

Muito desse sucesso se dá pelo fato de uma grande internacionalização do futebol local, que passou a exportar muitos jogadores para ligas médias/grandes da Europa. Com o contato de campeonatos mais competitivos e a presença do experiente treinador Lars Lagerbäck entre 2011 e 2016, os islandeses conseguiram montar uma equipe competitiva e organizada.

DISCIPLINADA

A Islândia joga no 4-2-2-2, variando em um 4-2-3-1. A alteração tática se dá quando Gylfi Sigurdsson, o craque do time, joga como um dos interiores e Bodvarsson faz a dupla de ataque com Finnbogason. Outro destaque desta

engenharia é o experiente Hallfredsson no meio-campo.

Os islandeses se defendem com duas linhas de quatro jogadores bem definidas em bloco médio, dando pouco espaço entrelinhas para os jogadores adversários conseguirem flutuar. Mais à frente, os dois jogadores de ataque correm para cima dos zagueiros rivais, tentando pressionar a saída da bola, retomar a posse e sair em velocidade. Trata-se de um time que marca abnegadamente e sai em velocidade.

A Islândia sai da sua estrutura defensiva para pressionar o adversário e retardar sua saída de jogo. Nesse caso, um dos volantes – na maioria das vezes Aron Gunnarsson – se adianta para pressionar, mas não o persegue em uma distância muito longa. Objetivo é apenas desacelerar o ataque do oponente – e a Islândia é muito hábil em fazer isso.

POSSE DE BOLA BAIXA

Mantendo a base da equipe que surpreendeu o mundo, a Islândia é o resultado de um plano dentro das quatro linhas muito bem engendrado. O time ficou marcado pelo pouco tempo com a bola, contrastando com a eficiência em

FIQUE DE OLHO



GYLFI SIGURDSSON ainda está terminando de se recuperar da lesão do joelho sofrida em março e luta contra o tempo para estar em perfeita forma, seus números nas eliminatórias provam sua importância na defesa e no ataque:

~~5,1~~ interceptações por jogo*

~~70,4%~~ Dribles com sucesso*

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO I*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
22	10	7	1	2	16	7	9

*Croácia, Ucrânia, Turquia, Finlândia e Kosovo

UNDERDOG



JOHANN GUDMUNDSSON

Em terras lideradas por Gylfi Sigurdsson, outro nome também consegue se destacar: Johann Gudmundsson. Atuando como meia pelo lado direito, o alteta de 27 anos foi um dos destaques do Burnley na temporada. O cruzamento em diagonal está entre seus principais atributos. Gudmundsson é um meia criativo, cortando em diagonal e criando bons lances para o ataque. Na temporada, ele contribuiu com 8 assistências e 2 gols para os *Clarets*, sendo um importante expoente para o time que surpreendeu na Premier League.

momentos ofensivos. Neste contexto, Gylfi Sigurdsson, referência técnica, é de extrema importância, já que organiza as investidas islandesas e é o responsável por grande parte dos lances de bola parada.

Os jogadores de lado, Johann Gudmundsson e Birkir Bjarnasson, também são peças importantes para o funcionamento do sistema da seleção islandesa. São os atletas com as funções táticas mais trabalhosas, recompõem disciplinarmente e ainda são os responsáveis por dar início aos contra-ataques.

A Islândia é uma equipe que não gosta de ficar com a bola nos pés. Nas Eliminatórias, teve mais porcentagem de posse apenas nos dois jogos contra a Finlândia. Em média, a equipe do técnico Hallgrímsson obteve 43,2% de posse por partida. Quando recuperam a bola, os islandeses sempre procuram as referências ofensivas por meio de lançamentos ou poucos passes, que geralmente são verticais. Os ataques exploram bastante os corredores deixados pelos adversários. Assim os carismáticos vikings tentarão surpreender os favoritos do grupo, Argentina e Croácia.

O COMANDANTE

Heimir Hallgrímsson começou sua carreira como treinador em 1999. Após um bom trabalho no ÍBV, time local, foi chamado, em 2013, para ser assistente técnico de Lars Lagerbäck na Seleção Islandesa. Assim como o seu antecessor, Hallgrímsson preza um futebol objetivo, de poucos toques na bola, ataques rápidos e bastante aceleração no terço final do campo. ⚽

QUADRO TÁTICO

PRESSÃO DOS ATACANTES



Finnbogason e Bodvarsson pressionam a saída de bola do adversário que é obrigado a sair com uma ligação direta. No último terço, os jogadores rivais têm pouco espaço para jogarem.

ELENCO

GOLEIROS: Hannes Þor Halldórsson (Randers-DIN), Frederik Schram (Roskilde-DIN) e Rúnar Alex Rúnarsson (Nordsjaelland-DIN)

LATERAIS: Hördur Magnússon (Bristol City-ING), Ari Freyr Skúlason (Lokeren-BEL) e Birkir Saevarsson (Valur-ISL)

ZAGUEIROS: Sverrir Ingi Ingasson (Rostov-RUS), Ragnar Sigurdsson (Rostov-RUS), Hólmar Örn Eyjólfsson (Levski Sofia-BUL), Kari Árnason (Aberdeen-ESC) e Samúel Kári Fridjónsson (Valerenga-NOR)

MEIAS: Johann Berg Gudmundsson (Burnley-ING), Birkir Bjarnason (Aston Villa-ING), Gylfi Sigurdsson (Everton-ING), Ólafur Skúlason (Karabükspor-TUR), Aron Gunnarsson (Cardiff City-GAL), Rurik Gíslason (Sandhausen-ALE), Emil Hallfredsson (Udinese-ITA) e Arnór Ingvi Traustason (Malmö-SUE)

ATACANTES: Albert Gudmundsson (PSV Eindhoven-HOL), Björn Sigurdsson (Rostov-RUS), Alfred Finnbogason (Augsburg-ALE) e Jón Dadi Bödvarsson (Reading-ING)

TÉCNICO: Heimir Hallgrímsson

GRUPO D



BOLA FEM LUKA

Por: *Lucas Filus*

Zlatko Dalic assumiu o comando de uma equipe em situação desesperadora, portanto seu impacto teria de ser imediato. Até que ponto isso prejudicou o desenvolvimento de um trabalho melhor elaborado é difícil de prever, mas as atuações deixam a desejar em alguns aspectos importantes. Hoje o time croata adota um modelo híbrido de jogo, que se molda conforme as circunstâncias se apresentam. Trata-se de uma equipe que busca ter a bola quando sente uma superioridade visível em relação ao oponente, mas pode cedê-la a qualquer momento para defender vantagens e quebrar o ritmo de possíveis contragolpes. A saída, começando com o goleiro, apenas esporadicamente conta com o recuo de um meia.

PELO CHÃO OU PELO ALTO

Os jogadores de meio-campo costumam se desmarcar na própria intermediária, povoando o centro principalmente nos momentos em que a estrela do país está longe. Modric é um meia responsável pelas conduções defesa-ataque, mas na seleção se concentra em

criar no campo ofensivo. Enquanto o camisa 10 já está pensando nas possíveis ações no último terço, seus companheiros de meio precisam se aproximar para a espinha dorsal não ficar tão desconectada.

O problema é que todos os cenários trazem empecilhos diretos e indiretos. Com Rakitic e Badelj permanecendo em zona e fazendo com que os passes de saída venham dos zagueiros, basta uma marcação eficaz - geralmente, um 3 contra 2 - para limitar bastante as possibilidades de jogo entrelinhas. Se um dos dois desce para iniciar o processo, o meio fica ainda menos povoado e é evidente a falta de conexão entre os setores.

Se a ligação através de rotações, aproximações e movimentação tende a acontecer em menor nível, uma das válvulas de escape é o lançamento direto para a referência. As bolas longas costumam ser de responsabilidade de Vida - que não é um defensor muito técnico -, e na recepção está Mandzukic. O atacante de 1,90m ganha a maioria dos duelos no alto, solta nos pés de Modric e vai para a área com a intenção de finalizar lances rápidos.

FIQUE DE OLHO



TRIANGULAÇÕES entre Modric (vindo de trás), Perisic (invadindo a área) e Strinic (fazendo a ultrapassagem) são muito importantes para a equipe.

MANDZUKIC no jogo aéreo não é utilizado apenas nos cruzamentos de Perisic. Em faltas e escanteios, os dois jogadores costumam fazer uma espécie de parede em torno do atacante e facilitar sua impulsão mais 'limpa'.

ELIMINATÓRIAS: (2º LUGAR | GRUPO I*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
20	10	6	2	2	15	4	11

**Islândia, Ucrânia, Turquia, Finlândia e Kosovo*

PLAYOFFS

Croácia 4 x 1 Grécia

Grécia 0 x 0 Croácia

UNDERDOG



ANDREJ KRAMARIC

Não é um desconhecido, mas ficou longe dos holofotes depois da passagem nula pelo Leicester. Por clube e Seleção, vem mostrando que voltou à boa fase e merece a atenção dos adversários. Capaz de atuar como centroavante, ponta esquerda e ponta direita (onde deve ser utilizado), o camisa 27 do Hoffenheim se destaca pelo cruzamento (arma poderosa com Mandzukic na área) e finalizações de média e longa distância.

Em um panorama de ataque consolidado, o plano típico é abrir o corredor aos laterais, puxar os pontas – todos com boa capacidade de finalização – para o centro e chamar a marcação. O centroavante da Juventus novamente é figura chave, seja se aproveitando dos movimentos feitos pelos colegas ou atraindo marcadores e dando tempo e espaço para os mesmos. Luka e Mario também são essenciais quando o time não tem a posse.

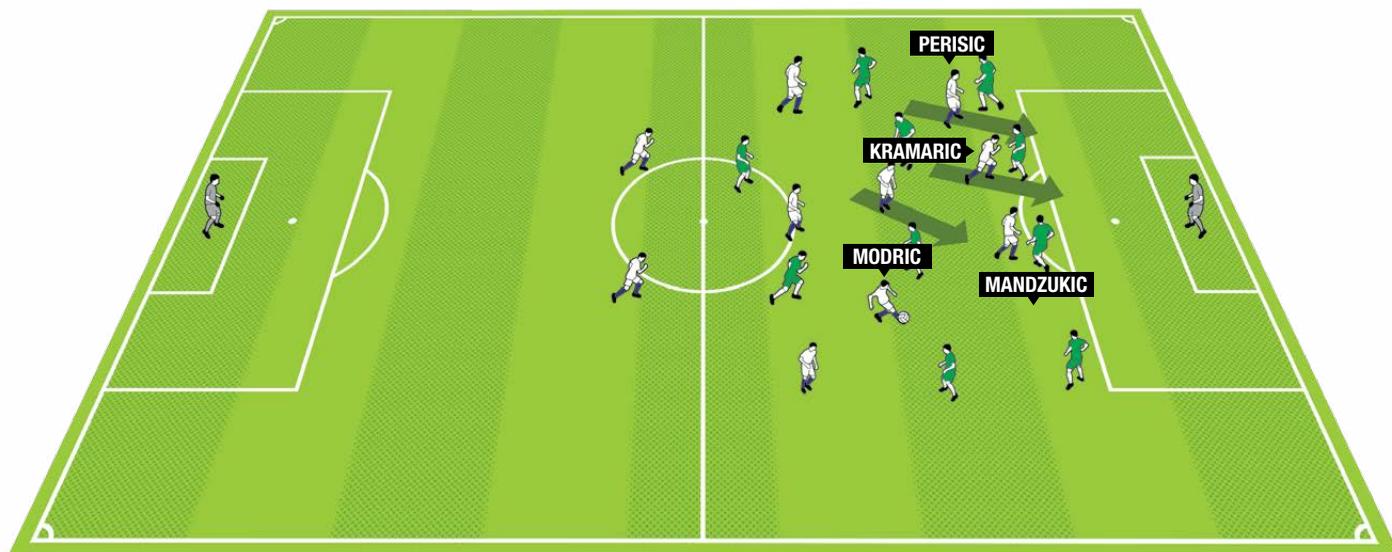
MANDZUKIC E MODRIC

A dupla tem a função de puxar o pressing na saída adversária e, mais do que isso, decidir quando agredir. Se os dois partem pra cima dos defensores, o restante da equipe acompanha – começando pelos pontas nos laterais –, mas quando não o fazem a instrução é básica: retrain, se fechar em bloco médio e esperar o erro alheio. Com o rival trocando passes horizontais, a referência da marcação é a bola.

Em passes verticais e diagonais – ou seja, quando o ataque está em plena execução – a referência passa a ser os jogadores, desestabilizando um sistema bem postado segundos antes. É possível identificar vários acompanhamentos individuais na contenção, gerando a desorganização das linhas. A cobertura dessas saídas 'aleatórias' por enquanto se provou eficaz, mas não deixa de ser um ponto preocupante. Por fim, vale ressaltar que o conjunto ganha em coesão com a presença de Kovacic. Sua vaga no time titular não é fixa, porém, então é muito possível que Dalic faça mudanças durante a Copa. 🏆

QUADRO TÁTICO

SUPERIORIDADE NA ÁREA



Uma estratégia constante da Croácia é tentar superioridades - ou igualdade - com a defesa adversária na área, buscando um cruzamento de seus jogadores mais técnicos. Os pontas invadem a área e se juntam à presença ameaçadora de Mandzukic.

ELENCO

GOLEIROS: Danijel Subasic (Monaco-FRA), Lovre Kalinic (Gent-FRA) e Dominik Livakovic (Dinamo Zagreb-CRO)

ZAGUEIROS: Vedran Corluka (Lokomotiv Moscou-RUS), Domagoj Vida (Besiktas-TUR), Dejan Lovren (Liverpool-ING) e Duje Caleta-Car (Red Bull Salzburg-AUS)

LATERAIS: Ivan Strinic (Sampdoria-ITA), Sime Vrsaljko (Atlético de Madrid-ESP), Josip Pivaric (Dinamo de Kiev-UCR) e Tin Jedvaj (Bayer Leverkusen-ALE)

MEIAS: Luka Modric (Real Madrid-ESP), Ivan Rakitic (Barcelona-ESP) e Mateo Kovacic (Real Madrid-ESP)

Milan Badelj (Fiorentina-ITA), Marcelo Brozovic (Inter de Milão-ITA) e Filip Bradaric (Rijeka-CRO)

ATACANTES: Mario Mandzukic (Juventus-ITA), Ivan Perisic (Inter de Milão-ITA), Nikola Kalinic (Milan-ITA), Andrej Kramaric (Hoffenheim-ALE), Marko Pjaca (Schalke 04-ALE) e Ante Rebic (Eintracht Frankfurt-ALE)

TÉCNICO: Zlatko Dalic

GRUPO D



NIGERIA!

ESPAÇO PARA ÁGUÍAS

Por Rodrigo Coutinho

De grande febre da África na década de 90 a equipes medíocres nas últimas participações em Copas, a Nigéria sempre teve uma característica. A facilidade em produzir jogadores de ataque com velocidade e força física. Desta vez não é diferente! As principais armas nigerianas residem neste setor. O que muda é que os “Super Águias” chegarão à Rússia com uma proposta voltada para o aproveitamento desta realidade. Há mais organização coletiva no time dirigido pelo alemão Gernot Rohr, algo necessário para enfrentar um grupo extremamente competitivo. O sistema tático varia muito, até uma linha de cinco atrás foi usada recentemente, mas tudo indica que o 4-2-3-1 com Obi Mikel centralizado na linha de meio, dois pontas bem agudos, e um atacante de muita movimentação será o esquema base. O time de Moses, Iwobi e companhia pode surpreender.

FORÇA E VELOCIDADE

Com atletas de muita velocidade e força física, poucos com capacidade de jogo

aproximado, a Nigéria busca acelerar as jogadas nas costas da última linha adversária. Não há muita elaboração e troca de passes curtos. O time não se priva de tentar a todo momento os passes em profundidade, inversões para pegar o ponta do lado contrário em situações de 1x1, ou o passe “forçado” no pivô para ganhar a “segunda bola”. Até por isso a tendência é que Ighalo seja o titular da referência ofensiva. Quando o adversário recua o bloco de marcação e não dá a profundidade que os nigerianos gostam, a equipe até tenta triangular e abrir a defesa, mas falta ocupar os espaços de forma mais inteligente para ter sucesso.

Obi Mikel recua bastante na linha dos volantes para qualificar esse passe em profundidade. Quando o adversário marca de forma mais adiantada, praticamente não há movimentos de apoio na saída de bola. É a senha para a Nigéria fazer a bola chegar ao ataque de forma direta. Como não poderia ser diferente, a transição ofensiva nigeriana é muito perigosa. Assim que o time retoma a bola, os atletas já fazem movimentos buscan-

FIQUE DE OLHO



A Nigéria produz muitas jogadas perigosas a partir de passes longos para a projeção dos pontas ou do centroavante. Geralmente a jogada sai dos pés de Obi Mikel e tem Moses ou Iwobi como alvos. Marcar os nigerianos com a última linha adiantada pode ser um convite a levar bolas nas costas e consequentemente gols.

ELIMINATÓRIAS: 2º FASE

Suazilândia 0 x 0 Nigéria
Nigéria 2 x 0 Suazilândia

3ª FASE (1º LUGAR | GRUPO B*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
13	8	5	2	1	13	6	7

*Nigéria, Argélia, Zâmbia e Camarões

UNDERDOG



LEON BALOGUN

O zagueiro Leon Balogun se destacou nas eliminatórias africanas e nos amistosos pré-copa. Joga no Mainz da Alemanha e pode atuar também como lateral, mas na Nigéria é titular absoluto na quarta zaga. É um zagueiro de muita força e velocidade. Se recupera bem quando batido inicialmente nos lances. Completará 30 anos durante o seu primeiro Mundial.

6,6	7,2
interceptações por jogo*	bolas recuperadas por jogo*

*Bundesliga

do a profundidade. Faz 40% dos seus gols em contra-ataques, mas não dá pra dizer que se trata de um time reativo.

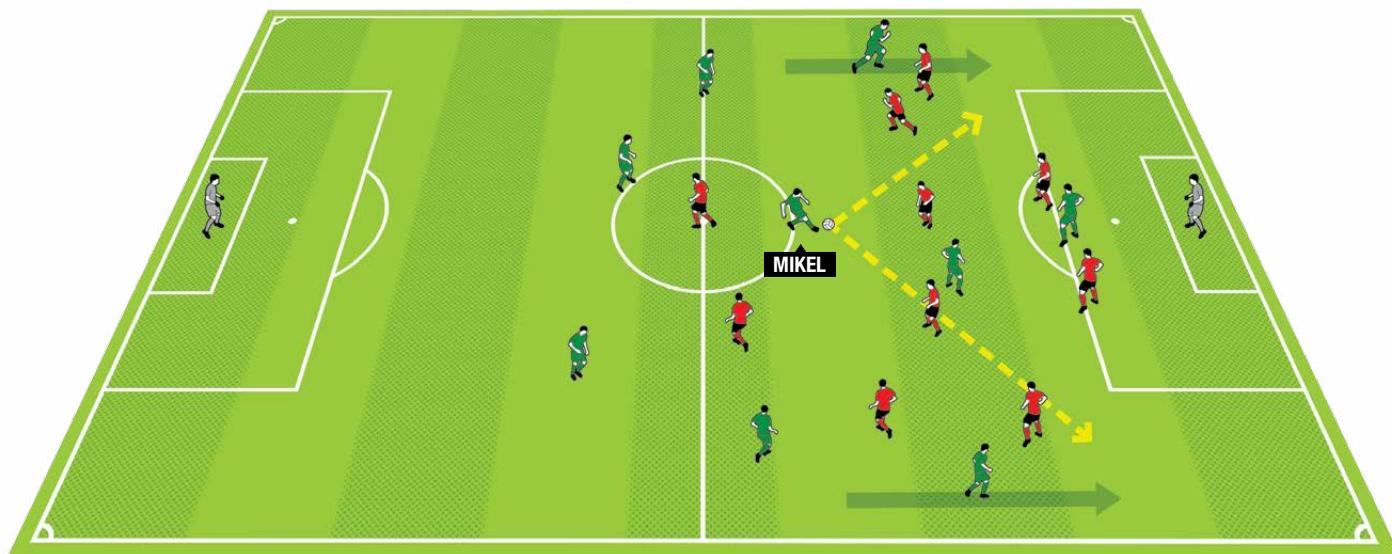
AGRESSIVOS ATRÁS

Problema crônico dos "Super Águias" em sua história, o sistema defensivo ganhou ajustes com Gernot Rohr. Não se trata, porém, de um time extremamente sólido, mas hoje é competitivo. O principal traço é a agressividade dos atletas na abordagem de marcação. Há muita entrega e disciplina para tirar espaços do adversário que tem a bola e cortar as linhas de passe. O sistema de marcação obedece a encaixes no setor e as perseguições são curtas. Ou seja, dificilmente algum atleta deixa o seu setor desguarnecido para acompanhar um oponente. O problema está muitas vezes na compactação. A Nigéria apresenta falhas defendendo o centro do campo. Isso começa com o comportamento dos extremos e passa pelo posicionamento de zagueiros e volantes, que acabam se distanciando demais em alguns momentos. 60% dos gols sofridos são em ataques posicionais dos adversários.

O bloco de marcação varia muito. Quando o adversário têm dificuldades o time se adianta e sufoca a saída de bola. Quando está ganhando, recua o bloco. Quando está perdendo, adianta! A transição defensiva é muito eficaz. Os atletas respondem muito rápido e pressionam com agressividade logo após a perda. Há organização para que esses movimentos sejam coordenados. Nos últimos jogos a Nigéria não levou gols de contra-ataque. A marcação na bola aérea é individual. 🏆

QUADRO TÁTICO

PROFUNDIDADE NAS PONTAS



Essa jogada acontece muito quando adversário marca em bloco médio. Mikel atua como um meia central na Nigéria, um típico "10". Ele recua na linha dos volantes, recebe dos zagueiros e rapidamente busca o passe longo em diagonal. A tentativa é acionar em profundidade Moses, Iwobi, ou quem estiver atuando como ponta.

ELENCO

GOLEIROS: Ikechukwu Ezenwa (Enyimba Internacional-NIG), Daniel Akpeyi (Chippa United-RSA) e Francis Uzoho (Deportivo La Coruña-ESP)

ZAGUEIROS: William Ekong (Bursaspor-TUR), Leon Balogun (Mainz-ALE), Kenneth Omeruo (Kasimpasa-TUR), Chidozie Awaziem (Nantes-FRA)

LATERAIS: Brian Idowu (Amkar Perm-RUS), Abdullahi Shehu (Bursaspor-TUR), Elderson Echiejile (Cercle Brugge-BEL), Tyrone Ebuehi (Den Haag-HOL)

MEIAS: Oghenekaro Etebo (Las Palmas-ESP), John Obi Mikel (Tianjin Teda), Wilfred Ndidi (Leicester City-ING), Joel Obi (Torino-ITA), John Ogu (Hapoel Be'er Sheva-ISR) e Ogenyi Onazi (Trabzonspor-TUR).

ATACANTES: Odion Ighalo (CC Yatai-CHN), Ahmed Musa (CSKA Moscow-RUS), Victor Moses (Chelsea-ING), Alex Iwobi (Arsenal-ING), Kelechi Iheanacho (Leicester-ING), e Simeon Nwankwo (Crotone-ITA).

TÉCNICO: Gernot Rohr





GRUPO E



BRASIL

CONSTRUÍDA POR ETAPAS

É inegável que Tite transformou uma seleção brasileira descreditada e desorganizada em um dos grandes favoritos para a Copa do Mundo da Rússia. Em menos de 2 anos de trabalho, ele fez o simples: levou para a seleção o modelo de jogo que já tinha dado aplicado no Corinthians e buscou encaixar os jogadores que desempenhavam as mesmas funções em seus clubes. Ao acelerar etapas, Tite fez do Brasil um time extremamente coeso e organizado.

Os testes nos últimos meses reforçaram a preocupação de Tite em ter um time mais completo. Afinal, o Brasil mostrou ir melhor quando acelera e joga de forma reativa. Nos amistosos contra Inglaterra e Rússia, o time precisou propor o jogo e atacar a todo momento. Contra a Alemanha, testou a marcação. E vai para a Copa

Por: *Leonardo Miranda*

encarando um grupo difícil, com Sérvia e Suíça e a sempre surpreendente Costa Rica.

FERNANDINHO OU COUTINHO?

As dúvidas também estão no time titular. Renato Augusto é o preferido do técnico, mas convive com problemas físicos e já é dado como fora da equipe titular. Ele compõe o meia pela esquerda do imutável 4-1-4-1. Em seu lugar, Fernandinho ou Coutinho podem entrar.

Com o jogador do City, uma equipe mais segura e de força física. Fernandinho joga como o primeiro volante frente à zaga no time inglês, e sua inteligência na distribuição de bolas mais seguras, sem tanta pressão, é uma de suas qualidades mais apreciadas.

Com o jogador do Barça, o Brasil se torna mais criativo e rápido. Couti-

GRUPO E

inho procura muito o flanco esquerdo para receber a bola. Neymar ficaria livre para encostar num lateral e receber a bola como gosta: perto do marcador, pronto para arrancar, driblar e partir em direção ao remate.

São dúvidas que Tite tem para a estreia do Brasil contra a Suíça, no dia 17. Depois, Sérvia e Costa Rica são os próximos adversários. Não é impossível imaginar 9 pontos aqui, mas das seleções, é a Suíça que deve impor mais dificuldades.

LATERAIS POR DENTRO

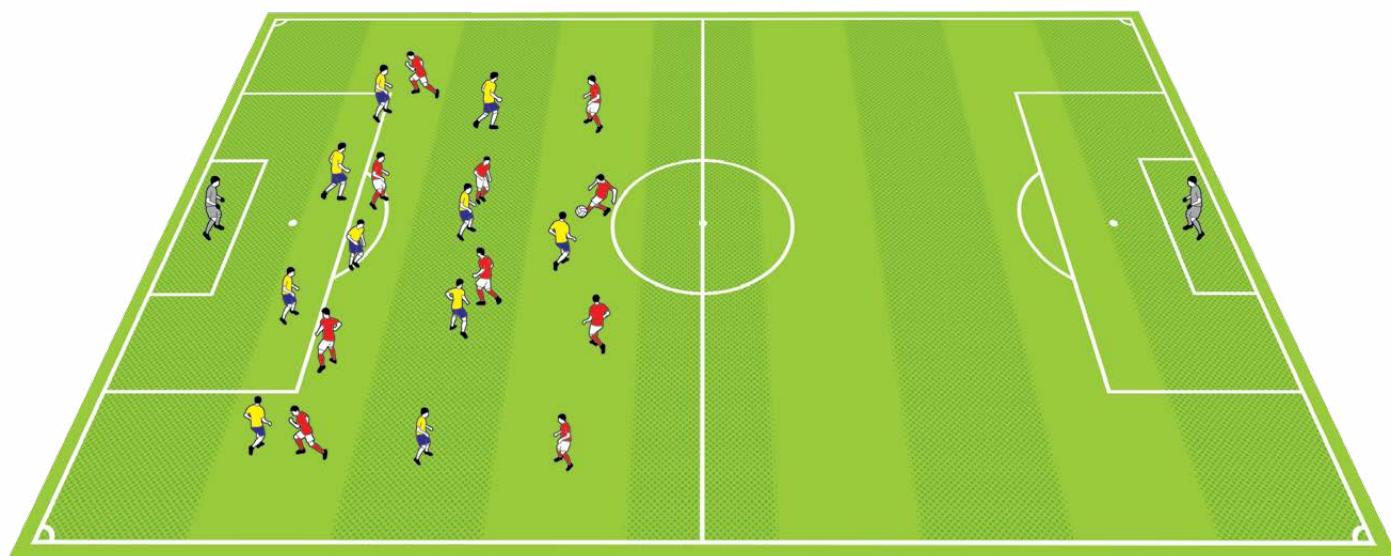
O Brasil ataca com muitas triangulações. É um time que toca a bola de pé

em pé, dando preferência para passes curtos. Mas Tite é um técnico conservador, que não abre mão da segurança defensiva. Por entender que o Brasil precisará propor o jogo, ele pensa a saída de bola como algo calmo e cauteloso. É o que chama de saída sustentada: vários jogadores se concentram na região da bola e quando um lateral avança, outro fica atrás da linha da bola. É uma forma de sempre ter 3 ou 4 jogadores preparados para matar um possível contra-ataque adversário.

Aliás, os laterais ganharam uma abordagem totalmente diferente com Tite. Eles não ficam abertos, gerando amplitude. São praticamente volantes:

QUADRO TÁTICO

ATRÁS DA LINHA DA BOLA



O Brasil mantém a linha de quatro sustentada e todos seus jogadores atrás da linha da bola. Trata-se de um time que defende com abnegação.



FIQUE DE OLHO

ASSISTÊNCIAS DE MARCELO

Já são 10 na temporada. A maioria em jogos grandes. A bola açucarada para o incrível gol de bicicleta de Bale na final da Liga dos Campeões é uma das grandes armas de Marcelo, um lateral que joga de todas as formas no Brasil, menos como um lateral típico de chegada e cruzamento. Ele é, talvez, o grande articulador desse time, e já provou que pode fazer o que faz no Real Madrid no Brasil: contra a Rússia, ele recupera uma bola após rebote e joga na cabeça de Miranda

CLEAN SHEET

Dos 18 jogos que fez nas eliminatórias da Copa, o Brasil de Tite não sofreu gols em 10 deles. O dado aponta para uma defesa sólida, que quase sempre mantém a sua última linha organizada. Trata-se de uma valência importante para vencer Copa do Mundo.

NEYMAR

Além de artilheiro, Neymar assume a função de garçom no time de Tite. Foram oito assistências para gol nas eliminatórias da Copa. Na Seleção, o camisa 10 assume o papel de líder técnico e costuma conduzir a bola desde a intermediária.

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
41	18	12	5	1	41	11	30

apoiam por dentro, procuram a bola, tocam e passam, chegam na área. Uma jogada para aproveitar a qualidade de Marcelo e Danilo, dois jogadores muito técnicos. Com a saída sustentada, eles têm essa liberdade de ir e apoiar muito, participando das triangulações com todo mundo.

O jogo do Brasil é rápido e acelerado. Mas Tite vem mudando, pedindo para a equipe ter, cada vez mais, o controle da bola. O técnico sempre pede nos treinos que a equipe forme triângulos, de forma a apoiar o jogador com a bola. Quando o time chega no terço final, a ideia é sempre ter muitos jogadores na área para aproveitar um cruzamento ou uma tabela por dentro. Nesse sentido, Paulinho é o grande especialista e titular absoluto dessa seleção. É ele quem chega sempre de surpresa, fazendo gols de cabeça ou aproveitando rebotes. Os times de Tite vivem bastante de bola parada, nem que seja após uma jogada mais construída. Com o Brasil não é diferente.

SOLIDEZ DOS TEMPOS DE CORINTHIANS

A segurança defensiva é um dos principais méritos de Tite à frente da seleção. O técnico trouxe os mesmos conceitos que fizeram o Corinthians se tornar uma barreira intransponível no Brasileirão de 2015. Um desses conceitos é a linha de 4: zagueiros e laterais precisam estar sempre alinhados quando o adversário invade o campo de ataque. Quem protege eles são os pontas e Casemiro, um volante

GRUPO E

moldado para esse sistema. De atribuições praticamente só defensivas, Casemiro fica o tempo todo na frente dos zagueiros, evitando que eles saiam da linha de 4 e abram espaços no gol de Alisson. Essa solidez cria um paredão e dificulta muito as ações do adversário. Não a toa, o Brasil não levou nenhum gol ainda em 2018, e foi uma das defesas menos vazadas das Eliminatórias.

O time todo se compacta, procura se coordenar frente ao setor da bola e tirar espaços do rival. Gabriel Jesus e Neymar, teoricamente os atacantes com menos afinco para a defesa, também fazem esse movimento. No Brasil de Tite todos defendem, ainda que nem todos ataquem. É um time de muita solidez, que raramente deixa o

adversário concluir. O foco na pressão na bola toma conta de vários treinos, além da necessária compactação. É uma arma que pode pesar no confronto com seleções de maior porte, o que deve ser esperado a partir das quartas-de-final. Retomar a bola mais perto do campo adversário significa encurtar caminhos até o gol.

Ao procurar cercar e fechar espaços ao invés de marcar, o Brasil se configura como um dos times mais intensos dessa Copa do Mundo. Sempre joga com concentração não desiste de nenhuma jogada. A busca pela intensidade e concentração é um dos temas favoritos de Tite, que frisa nas coletivas a importância disso. É pela pouca participação defensiva que jogadores como Luan, por exemplo, foram deixados da lista.

ELENCO

GOLEIROS: Alisson (Roma-ITA), Cássio (Corinthians-BRA) e Ederson (Manchester City-ING)

ZAGUEIROS: Thiago Silva (PSG-FRA), Miranda (Inter de Milão-ITA), Pedro Geromel (Grêmio-BRA), e Marquinhos (PSG-FRA)

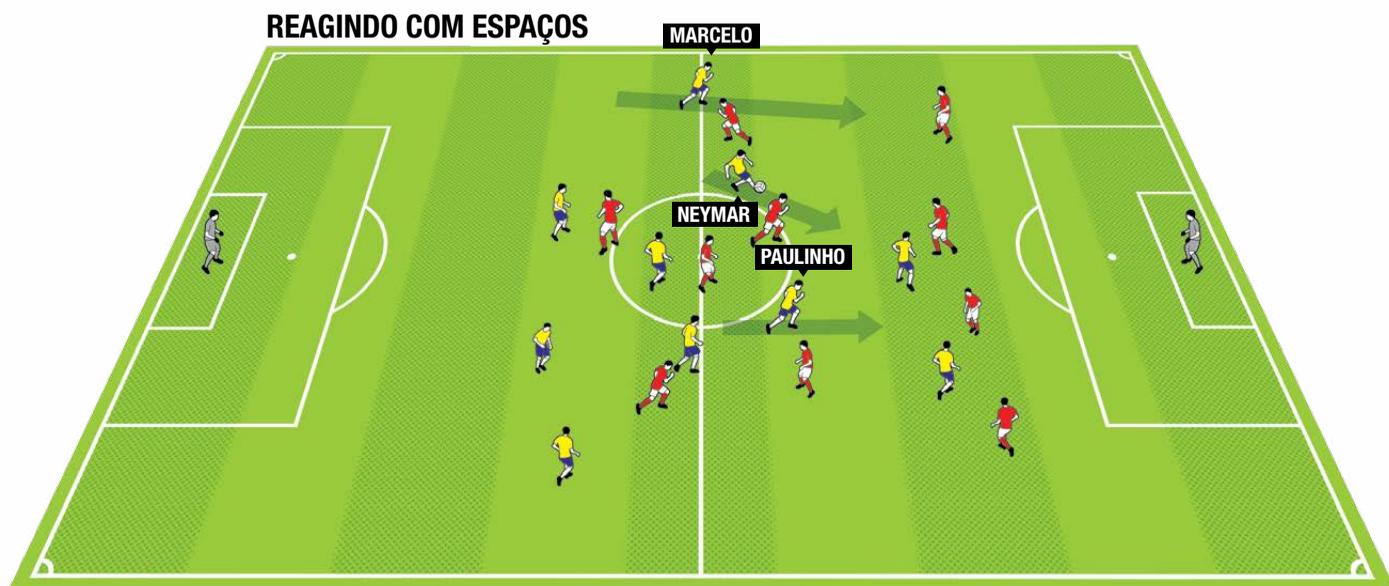
LATERAIS: Filipe Luís (Atlético de Madrid-ESP), Marcelo (Real Madrid-ESP), Danilo (Manchester City-ING) e Fagner (Corinthians-BRA)

MEIAS: Casemiro (Real Madrid-ESP), Renato Augusto (Beijing Guoan-CHN), Philippe Coutinho (Barcelona-ESP), Paulinho (Barcelona-ESP), Fernandinho (Manchester City-ING), Fred (Shakhtar Donetsk-UCR) e Willian (Chelsea-ING)

ATACANTES: Douglas Costa (Juventus-ITA), Gabriel Jesus (Manchester City-ING), Neymar (PSG-FRA), Roberto Firmino (Liverpool-ING) e Taison (Shakhtar Donetsk-UCR)

TÉCNICO: Tite

QUADRO TÁTICO



Brasil ataca melhor e se sente mais confortável contra-atacando. Em comum ver Neymar conduzindo a bola da esquerda para o centro, revelando um corredor para Marcelo ocupar. Outra ação comum nesta transição ofensiva é o avanço de Paulinho.

O COMANDANTE

Tite é unanimemente o melhor treinador do futebol brasileiro. Esperava-se que assumisse a Seleção logo após o fracasso de 2014, mas a CBF escolheu Dunga. Tite assumiu o vacilante trabalho do capitão do tetra e em poucos jogos recolocou o time nos trilhos. O técnico chega após anos de bons trabalhos no Corinthians, onde foi bicampeão brasileiro e campeão de Libertadores e Mundial de Clubes. Os trabalhos à frente do Timão têm como marca uma linha de quatro extremamente organizada e extremas de disciplina tática para recompor – ou fazer o que o próprio chama de “transição longa”. ⚽

UNDERDOG

ROBERTO FIRMINO



Gabriel Jesus larga a Copa do Mundo como titular. Mas o jogador do Liverpool pode surpreender e tomar a posição. No Liverpool, Firmino muitas vezes é o jogador mais recuado do trio de ataque, oferecendo uma linha de passe a um meio-campista, permitindo que Salah e Mané sejam os jogadores de maior profundidade e recebam a bola perto dos laterais e zagueiros. Com Neymar e Coutinho, ele pode fazer essa função. A infiltração de Paulinho também é um bom argumento para a titularidade do jogador.

GRUPO E



SUSPIRO

HORA DE PROPOR

Por: *Lucas Filus*

Famosa pela pragmatismo e rigidez defensiva, a seleção do técnico Vladimir Petkovic baseia seu jogo em pilares ofensivos. As duas primeiras fases da construção passam pelos pés do técnico volante Xhaka, que atua como um maestro. Ele rege um time propositivo, que se sente confortável propondo jogo com a bola.

REGIDOS POR XHAKA

Na saída de jogo os recuos de Xhaka se dão entre os zagueiros ou ao lado dos mesmos, variando de acordo com a disposição adversária. Esse artifício é situacional, pois grande parte do jogo vermelho se dá entre as linhas de marcação, exigindo uma 'base' refinada para a bola chegar nas melhores condições. A presença do volante do Arsenal garante o tempo necessário para que as peças avançadas se organizem no campo ofensivo. O terreno é conquistado através de passes verticais e conexões constantes. Dzemali, que inicialmente é o '10', desce para transformar a posse do modo passivo para o ativo. A articulação então se dá com preenchimento contínuo dos espaços. Os pontas costumam centralizar para oferecer opção de passe e trabalhar com Seferovic, um

atacante de perfil ideal para o estilo.

Ele não é dos mais intimidadores, mas segura bem a bola e tem o timing para soltá-la. Essa triangulação que acontece no meio libera os flancos para os laterais Lichtsteiner e Rodriguez. Eles são os responsáveis pela amplitude mútua sem a bola, servindo de ameaça indireta para o adversário. Quando um deles recebe o passe, o companheiro do lado oposto imediatamente recua e passa a atuar na base da jogada - para eventualmente reiniciar o jogo lá de trás.

Partindo da esquerda, Zuber frequentemente troca de posição com Dzemali e aparece para finalizar, mas também atua como de fato um ponta. Rodriguez muitas vezes é a base da triangulação com o 17 do Hoffenheim e o meia que estiver próximo. Já Lichtsteiner costuma grudar na linha e deixar as zonas centrais para Shaqiri.

Xhaka se aproxima por ali para ocupar os espaços e ficar na sobra, na espreita por uma bola para arrematar de longa distância - uma de suas principais qualidades. Dependendo da escalação, a dinâmica ofensiva ganha um artifício distinto: com Behrami, a chegada de um elemento surpresa perto da área; com Zakaria, um meia capaz de quebrar as linhas através da condução

FIQUE DE OLHO



O lado direito com Shaqiri e Lichtsteiner é perigoso. O ponta costuma flutuar na zona ofensiva e enganar a marcação. O jogo coletivo gira em torno das combinações e rotações entre as linhas adversárias, mas isso não impede os pontas de centralizar e atrair a defesa, Seferovic pode se isolar com um marcador receber um lançamento direto.

ELIMINATÓRIAS: (2º LUGAR | GRUPO B*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
27	10	9	0	1	23	7	16

*Portugal, Hungria, Ilhas Faroe, Letônia, Andorra.

PLAYOFFS

Irlanda do Norte 0 x 0 Suíça
Suíça 1 x 0 Irlanda do Norte

UNDERDOG



DENIS ZAKARIA

O meia de 21 anos, seguiu os passos de Xhaka e saiu da Suíça para se tornar peça dominante no Borussia Monchengladbach. De porte físico avantajado (1,91 m, compostura e força), tem como cartão de visitas o controle da bola e suas conduções na transição. O que complementa seu jogo é a precisão nos passes e as vitórias nos duelos individuais – com e sem a bola.

89%

Acerto de passes
(10º na Bundesliga*)

*Temporada 2017/2018

e do drible. De qualquer maneira, o que precisa estar em dia é o trabalho coletivo na transição defensiva.

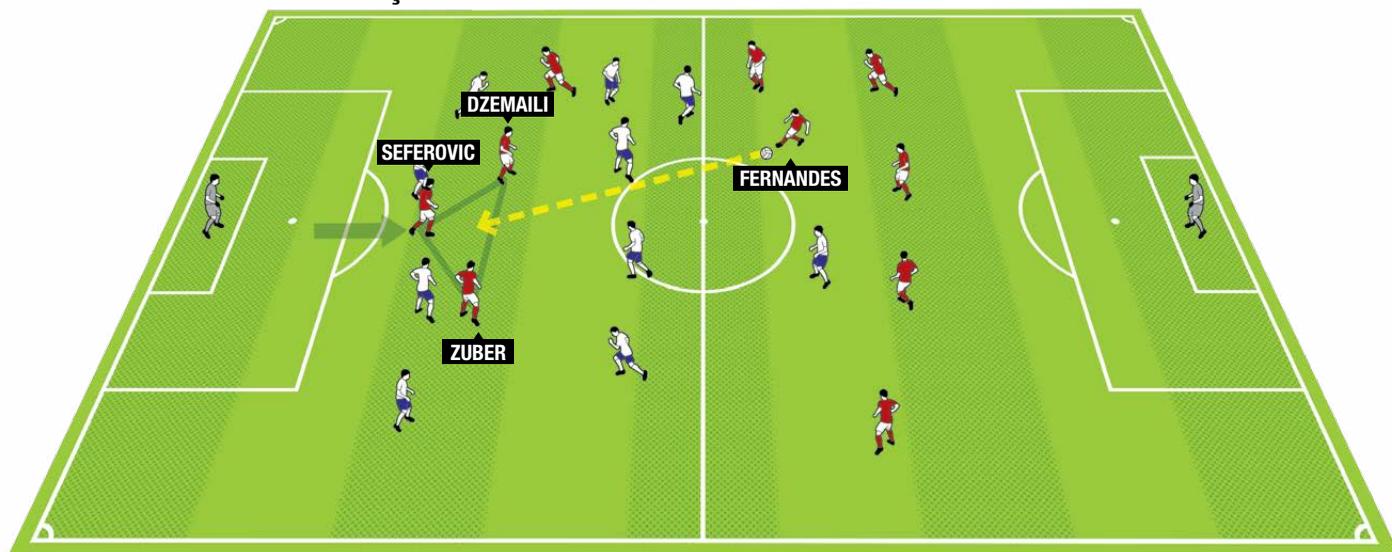
AS COSTAS DOS LATERAIS

Esse padrão propositivo, somado a disposição de inúmeras peças no campo ofensivo, gera um risco considerável de contragolpes fatais. A altura tomada pelos laterais acaba deixando um espaço grande atrás, exigindo do fôlego dos zagueiros Schar e Akanji. Xhaka tem papel fundamental também nessa fase, sendo o comandante da pressão pós-perda na faixa central. Dzemaili, especialista em ocupar boas posições, oferece apoio na contenção e em algumas oportunidades cria um trio pelo meio.

Em um momento de defesa consolidada, sem o caos da transição, a equipe faz a mutação para um 4-4-1-1. Dzemaili é o 'primeiro 1', quando o oponente roda a bola para seus laterais/ alas, mas se transforma em parte do ataque quando o sistema se transforma num 4-4-2 para brechar a saída de bola adversária. Seferovic é seu parceiro nessa ação, mas em menor intensidade. A linha se mantém alta até o rival se aproximar do círculo central. Se ele consegue avançar até o centro do campo, os suíços recuam para proteger seu gol, arrefecendo a pressão. Bloqueando os espaços, o time marca prioritariamente com referência zonal, tendo índices baixos de acompanhamentos individuais. Organizado atrás, mas propondo jogo, a suíça quer romper com o estigma defensivista para abocanhar a segunda vaga do grupo E. ⚽

QUADRO TÁTICO

CONSTRUÇÃO PELAS LATERAIS



Um lance que resume boa parte das construções ofensivas. Xhaka é a base, recuperando a bola e iniciando o ataque. Fernandes faz o passe entre as linhas, onde a triangulação central entre meia, ponta e atacante gera o gol de Dzemaili. O atacante funciona como facilitador da finalização, atraindo zagueiros e acionando a infiltração.

ELENCO

GOLEIROS: Yann Sommer (Borussia Mönchengladbach-ALE), Roman Bürki (Borussia Dortmund-ALE) e Yvon Mvogo (RB Leipzig-ALE)

LATERAIS: Stephan Lichtsteiner (Arsenal-ING), Michael Lang (Basel-SUI), Ricardo Rodriguez (Milan-ITA) e François Moubandje (Toulouse)

ZAGUEIROS: Manuel Akanji (Borussia Dortmund-ALE), Johan Djourou (Antalyaspor-TUR), Fabian Schär (Deportivo La Coruña-ESP) e Nico Elvedi (Borussia Mönchengladbach-ALE)

MEIAS: Remo Freuler (Atalanta-ITA), Granit Xhaka (Arsenal-ING), Valon Behrami (Udinese-ITA), Steven Zuber (Hoffenheim-ALE), Blerim Dzemaili (Bologna-ITA), Gelson Fernandes (Eintracht Frankfurt-ALE), Denis Zakaria (Borussia Mönchengladbach-ALE) e Xherdan Shaqiri (Stoke City-ING)

ATACANTES: Breel Embolo (Schalke 04-ALE), Haris Seferovic (Benfica-POR), Mario Gavranovic (Dinamo Zagreb-CRO) e Josip Drmic (Borussia Mönchengladbach-ALE)

TÉCNICO: Vladimir Petkovic

GRUPO E

COSÌ RICA

EL MATA GIGANTES

Por: Rafael Brayan

Segundo adversário da Seleção Brasileira, a Costa Rica chega com a dura missão de repetir a grande campanha na última Copa do Mundo, quando se classificou em primeiro no grupo da morte, superando Inglaterra, Itália e Uruguai. A classificação nas eliminatórias da CONCACAF veio, porém o desempenho não agradou. Com 53,3% de aproveitamento, os costarriquenhos não passaram incólumes pelas críticas ao desempenho. Outra crítica recorrente é a falta de renovação da seleção, uma das mais velhas da competição.

Será a quinta Copa do Mundo consecutiva da Costa Rica. Desde 2002, os costarriquenhos marcam presença no mundial de seleções. Na edição disputada na Coreia e no Japão, eles também esbarram com a seleção brasileira pelo caminho. No confronto, a derrota por 5 a 2 para o time que viria ser campeão. Em 2014, no Brasil, a Costa Rica assombrou o mundo com uma campanha que lhe rendeu o apelido de “Mata Gigantes”. Mais amparada no sucesso

de quatro anos atrás do que no poderio do presente, *La Sele* chega à Rússia para mais uma vez contrariar a lógica.

O CAMINHO ATÉ A COPA

Em 2016 a Costa Rica participou da Copa América, competição que deixou ainda na primeira fase, com uma vitória, um empate e uma derrota. No ano passado, porém, chegou à semifinal da Copa Ouro, perdendo para o campeão da edição, os Estados Unidos. Na preparação para Copa, o time do técnico Óscar Ramírez perdeu três jogos e venceu apenas a Escócia. A goleada sofrida diante da Espanha põe em cheque a resiliência defensiva do time, um ponto alto da equipe em 2014.

A seleção de Óscar Ramírez costuma atacar de maneira veloz com movimentos diagonais de seus jogadores. Quando tem a bola no terço final do campo, a troca de posições é constante, assim como a superioridade numérica perto da grande área adversária.

FIQUE DE OLHO



Óscar Ramirez gosta de atacar em velocidade, e isso tem dado certo. Grande parte dos 14 gols da Costa Rica na fase final das eliminatórias nasceram de jogadas de contra-ataque ou de um passe em profundidade, que quebra a linha defensiva.

A disputa aérea é uma força do time de Óscar Ramirez. A equipe disputm, em média, mais de 60 bolas no alto por jogo, e vencem a maioria. O time é forte. Desarma muito bem também. Em 200 que são disputas por jogo, eles ganham quase 49% das disputas.

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
4ª	13*	6	5	1	0	11	3	8
5ª	3*	10	3	4	3	9	10	-1

*1º LUGAR GRUPO B (Panamá, Haiti e Jamaica)

**3º LUGAR GRUPO A (México, Trinidad e Tobago, Panamá, Honduras e Estados Unidos)

UNDERDOG



MARCO UREÑA

O atacante atua na MLS, pelo Los Angeles FC. Seja com assistências ou gols, Ureña está na melhor fase da sua carreira. O atacante foi um achado do treinador Óscar Ramirez. Aos 28 anos ele marcou três gols nos últimos quatro jogos das eliminatórias, além de dar a vitória no amistoso contra a Escócia. Ao lado de Campbell, Bryan e Bolaños, pode surpreender nesta Copa.

ria. Bryan, Borges, Bolaños e Ureña se movimentam bastante. O segundo tem ótimo passe em profundidade, que costuma ter como endereço o centroavante Campbell.

Na fase defensiva a Costa Rica adota duas facetas. Contra seleções mais expressivas, recua suas linhas de marcação, com laterais mais retraídos, atuando na linha dos zagueiros. Diante de equipes mais frágeis, os laterais avançam, bastante e simultaneamente. Com a linha defensiva alta, o time costarriquenho imprime bastante pressão na zona da bola. Na primeira fase provavelmente veremos *La Sele* marcando com referência zonal e esperando seu adversário para surpreendê-los no contra-ataque.

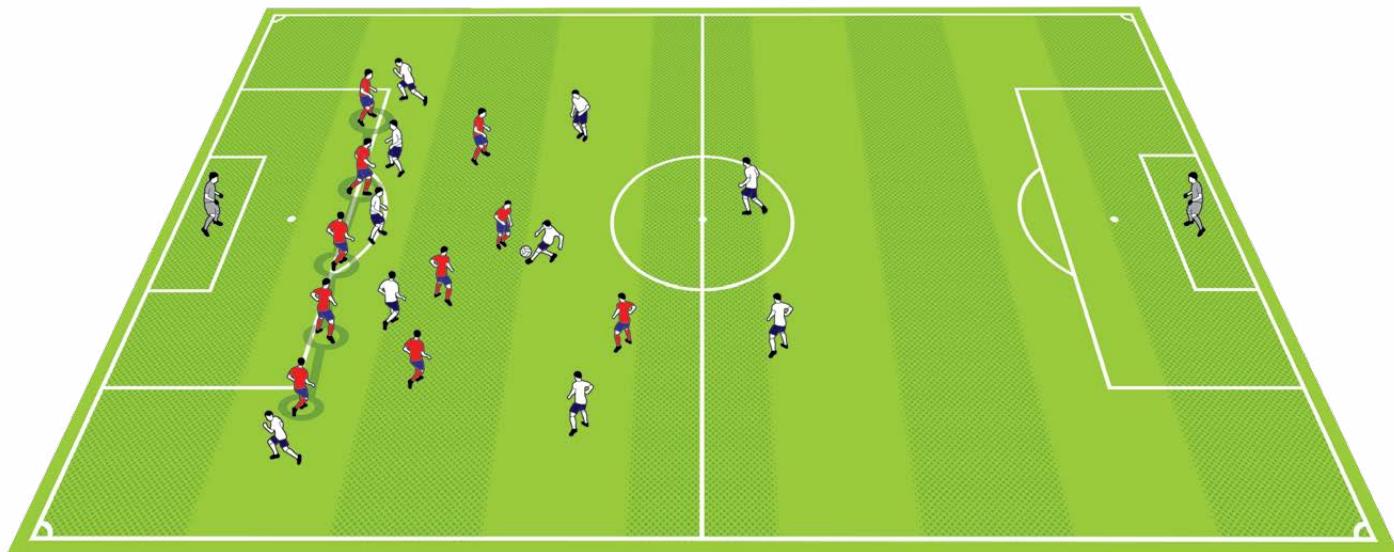
O COMANDANTE

O atual treinador da seleção costarriquenha, que já disputou uma Copa do Mundo como jogador, é considerado o melhor treinador da história do Alajuelense, time que se tornou ídolo como meio-campista. Óscar Ramirez já foi auxiliar da Costa Rica no mundial de 2006. Desde o primeiro jogo no comando da seleção, o treinador usou o 5-4-1 como formação inicial, sempre buscando uma solidez defensiva e um rápido e eficiente contra-ataque, mas variando constantemente a disposição de jogadores durante as partidas.

Enquanto comandava clubes, a ideia de jogo era muito parecida, mas sempre alternava a formação tática da equipe inicial do time, seja com um 3-5-2, um 4-4-2 ou até um 4-2-3-1. ⚽

QUADRO TÁTICO

DEFESA SÓLIDA



A Costa Rica costuma fechar bem sua defesa, muitas vezes formando uma linha de cinco e uma de quatro jogadores protegendo muito bem o funil. Durante as eliminatórias, sofreu apenas 11 gols em 16 jogos.

ELENCO

GOLEIROS: Keylor Navas (Real Madrid-ESP), Patrick Pemberton (LD Alajuelense-CRC), Leonel Moreira (CS Herediano-CRC)

LATERAIS: Ian Smith (Norrköping-SUE), Cristian Gamboa (Celtic-ESC), Johnny Acosta (Águias Douradas-COL), Bryan Oviedo (Sunderland-ING)

ZAGUEIROS: Giancarlo González (Bologna-ITA), Oscar Duarte (Oviedo-ESP), Francisco Calvo (Minnesota-EUA), Kendall Watson (Vancouver Whitecaps-CAN), Ronald Matarita (New York City F.C-EUA)

MEIAS: Celso Borges (La Coruña-ESP), Christian Bolaños (Saprissa-CRC), Daniel Colindres (Saprissa-CRC), Bryan Ruiz (Sporting-POR), Rodney Wallace (New York City FC-EUA), Randall Azofeifa (Herediano-CRC), Yeltsin Tejeda (FC Lausanne-Sport-SUI), David Guzmán (Portland Timbers-EUA)

ATACANTES: Johan Venegas (Saprissa-CRC), Joe Campbell (Betis-ESP), Marcos Ureña (Los Angeles FC-EUA)

TÉCNICO: Óscar Ramírez

GRUPO E

SERBIA



FORÇA NO RETORNO

Por: *Matheus Fiuza*

Após a ausência na Copa de 2014, a Sérvia mostrou muita força nas Eliminatórias e conseguiu garantir a vaga direta para a Rússia, mesmo com as críticas à forma da equipe jogar e às convocações feitas pelo antigo treinador Slavoljub Muslin. Sob o comando de um novo técnico, a seleção do Leste Europeu vai criando uma cara nova, rejuvenescida e ofensiva, capaz de brigar por uma vaga no mata-mata do Mundial, que reencontra depois de oito anos longe do torneio.

MITROVIC É A CHAVE

Sob o comando do técnico Mladen Krstajić, a Sérvia já atuou em dois esquemas: 4-2-3-1 e 4-1-4-1. Em ambos a proposta de jogo não mudou, alterou apenas alguns mecanismos e as peças no time. Com a bola nos pés, a saída pelos lados é uma constante, principalmente com Kolarov pelo esquerdo, servindo como uma válvula de escape. Os extremos procuram sempre circular pelo meio para fazerem combinações com Ljajic, o meia mais adiantado, e com Mitrovic, o centrovante.

Quando estão sob pressão, os sérvios encontram bastante dificuldade

para trabalhar a bola de pé em pé. Em boa parte das jogadas, Mitrovic é acionado para disputar a bola com os zagueiros e dar a famosa “casquinha”, mirando na infiltração dos meio-campistas nas costas da linha defensiva adversária ou mesmo fazendo o pivô. Neste cenário, o avante controla a bola, espera o time avançar e distribui o jogo. Não raro o homem-gol da Sérvia sai da referência e abre espaço para infiltrações de Ljajic, Milinkovic-Savic e Kostic.

Na transição ofensiva, os sérvios sentem-se mais à vontade, principalmente pela imposição física de seus meio-campistas mais recuados e a velocidade dos jogadores de lado. Como já dito, Mitrovic tem também papel importante nesse momento do jogo, gerando espaços e achando o timing das jogadas. Vale destacar também a força ofensiva nas bolas paradas. Cruzamentos com endereço no segundo pau são armas poderosas que certamente serão exploradas pelos sérvios.

PRESSÃO QUE DEIXA BRECHAS

Sem a bola, o desenho do 4-1-4-1 se mantém. Os sérvios sobem as linhas de marcação, os dois meio-campistas cen-

FIQUE DE OLHO



O espaço deixado por Kolarov pelo lado esquerdo pode ser o mapa da mina para os adversários da sérvia. O lateral da Roma apoia com frequência e deixa espaços interessantes a serem explorados.

Adem Ljajic demonstrou bons números pelo Torino, mesmo tendo começado jogando em apenas 23 jogos.

10
gols

8
assistências

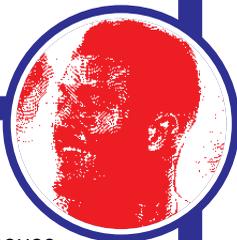
*Calcio Serie A

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO D*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
21	10	6	3	1	20	10	10

*Sérvia, Irlanda, País de Gales, Áustria, Geórgia e Moldávia

UNDERDOG



MILINKOVIC-SAVIC

Grande jogador mas ainda pouco conhecido do público brasileiro, o meio-campista de 22 anos fez uma temporada sensacional e goleadora com a camisa da Lazio. Os 14 gols e as 6 assistências pela biancocelesti são resultados da sua excelente chegada ao ataque e grande concentração durante os jogos.

14
gols

6
assistências

*Calcio Serie A

trais agem de maneira conjunta para ajudar Mitrovic na pressão por dentro.

Quando opta pelo 4-2-3-1, o bloco alto de marcação persiste, mas Matic ganha um companheiro ao seu lado. Seja com Milivojevic ou Milinkovic-Savic, a Sérvia ganha em imposição física, tanto pelo chão quanto pelo alto. A pressão no campo de defesa adversário ocorre sempre que conseguem o meio-campo consegue subir em bloco, o que nem sempre ocorre. Muitas vezes um dos meias defensivos caem para o lado buscando superioridade numérica no setor da bola, mas este movimento é lento, gerando espaços no meio. Nos dois esquemas a marcação é por zona, ou seja, tem como referência o espaço e a zona onde se encontra a bola.

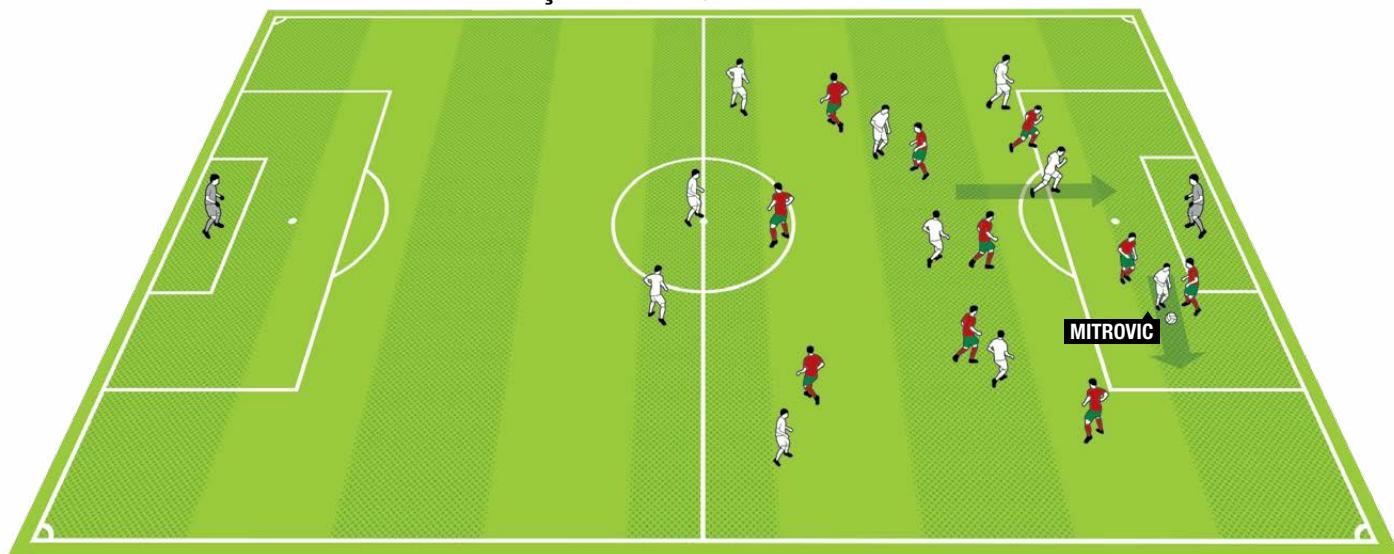
Se conseguir ajustar a transição ofensiva, a Sérvia tem tudo para fazer um reencontro competitivo com a Copa do Mundo e brigar com a Suíça pela segunda vaga do grupo.

O COMANDANTE

Com a saída de Muslin um mês após classificar a Sérvia para a Copa, o ex-zagueiro Mladen Krstajic assumiu o comando da seleção interinamente e apenas foi efetivado no início de 2018. Adepto de um jogo mais ofensivo, Krstajic utilizou dois esquemas nos amistosos em que comandou a equipe: 4-2-3-1 e 4-1-4-1, parecendo dar mais preferência ao primeiro, a fim de um jogo de transição mais forte e agudo. O ex-zagueiro do Schalke 04, Werder Bremen e Partizan já deixou claro que tem como objetivo o rejuvenescimento do elenco. ⚽

QUADRO TÁTICO

MITROVIC ABRE ESPAÇOS NO ATAQUE



Mitrovic sai da referência e arrasta um zagueiro consigo, abrindo espaço para a penetração de Ljajic e Kostic.

ELENCO

GOLEIROS: Vladimir Stojkovic (Partizan Belgrado-SER), Predrag Rajkovic (Maccabi Tel Aviv-ISR) e Marko Dmitrovic (Eibar-ESP)

LATERAIS: Aleksandar Kolarov (Roma-ITA), Antonio Rukavina (Villarreal-ESP), Milan Rodic (Red Star Belgrado-SER)

ZAGUEIROS: Branislav Ivanovic (Zenit-RUS), Uros Spajic (Anderlecht-BEL), Milos Veljkovic (Werder Bremen-ALE), Dusko Tosic (Besiktas-TUR) e Nikola Milenkovic (Fiorentina-ITA)

MEIAS: Nemanja Matic (Manchester United-ING), Luka Milivojevic (Crystal Palace-ING), Marko Grujic (Cardiff City-WAL), Dusan Tadic (Southampton-ING), Andrija Zivkovic (Benfica-POR), Filip Kostic (Hamburgo-ALE), Nemanja Radonjic (Estrela Vermelha-SER), Sergej Milinkovic-Savic (Lazio-ITA) e Adem Ljajic (Torino-ITA)

ATACANTES: Aleksandar Mitrovic (Fulham-ING), Aleksandar Prijovic (PAOK-GRE) e Luka Jovic (Eintracht Frankfurt-ALE)

TÉCNICO: Miladen Krstajic





GRUPO F

ALEJANDRO

AIINDA FAVORITA?

Por: *Vinicius Dutra*

São muitos os motivos que fazem com que a Alemanha chegue à Copa do Mundo deste ano como uma das grandes favoritas ao título, mas dois se sobressaem: a clara evolução tática, os problemas sanados em posições específicas (como nas duas laterais e na figura do atacante titular) e a consolidação de um grupo mais homogêneo. Entre os tantos motivos também está o atual momento vivido pela equipe, que, além de ter perdido apenas um jogo oficial após o Mundial no Brasil, confirmou presença na Copa da Rússia com a sua melhor campanha na história das eliminatórias.

Os tetracampeões mundiais terminaram na liderança do Grupo C, com 100% de aproveitamento (10 vitórias em 10 jogos) e 30 pontos ganhos, completando as eliminatórias europeias com 43 gols feitos (melhor ataque ao lado da Bélgica), sofrendo apenas quatro gols e donos da média de posse de bola mais alta da competição (68,8%). Tais predicados ajudam a entender o estilo adotado por Joachim Löw desde que assumiu o comando da seleção alemã.

Outro ponto importante é que, até

o momento, a Alemanha não conta com os problemas de lesões que atormentaram Löw nos meses que antecederam o Mundial disputado no Brasil. Para se ter uma ideia, os alemães chegaram com quase dez desfalques para a última Copa, sendo İlkay Gündoğan, os irmãos Lars e Sven Bender, Marcel Schmelzer e Marco Reus os principais. A ausência de Reus foi um duro golpe inicialmente, sobretudo porque a estrela do Borussia Dortmund chegaria ao Brasil como o jogador alemão em melhor forma naquele momento, vindo de uma temporada na qual anotou 46 gols em 44 partidas. Para sorte dos germânicos, as baixas não foram decisivas. O sucesso, apesar de tantas ausências, consagrou o sistema de Joachim Löw, que estabeleceu uma aura de “clubes de futebol” na *Nationalmannschaft* desde 2006.

COM A BOLA NOS PÉS

Como dito anteriormente, a Alemanha registrou a maior média de posse de bola das eliminatórias europeias, algo que diz muito sobre o estilo adotado por Joachim

GRUPO F

Löw desde que assumiu o comando da seleção. Ao contrário do antigo modelo alemão, mais voltados aos contra-ataques e transições, Löw quer a posse como um meio para ordenar sua equipe. Neste sentido, o comandante constrói uma saída de bola formada por Jerome Boateng, Mats Hummels e Toni Kroos, enquanto que os laterais Joshua Kimmich e Jonas Hector avançam bastante, posicionados nas zonas de extremos, ao passo que o trio de meias (Julian Draxler, Mesut Özil e Thomas Müller) do 4-2-3-1 centralizam para receber entre as linhas, ficarem próximos do gol e ativarem o atacante Timo Werner.

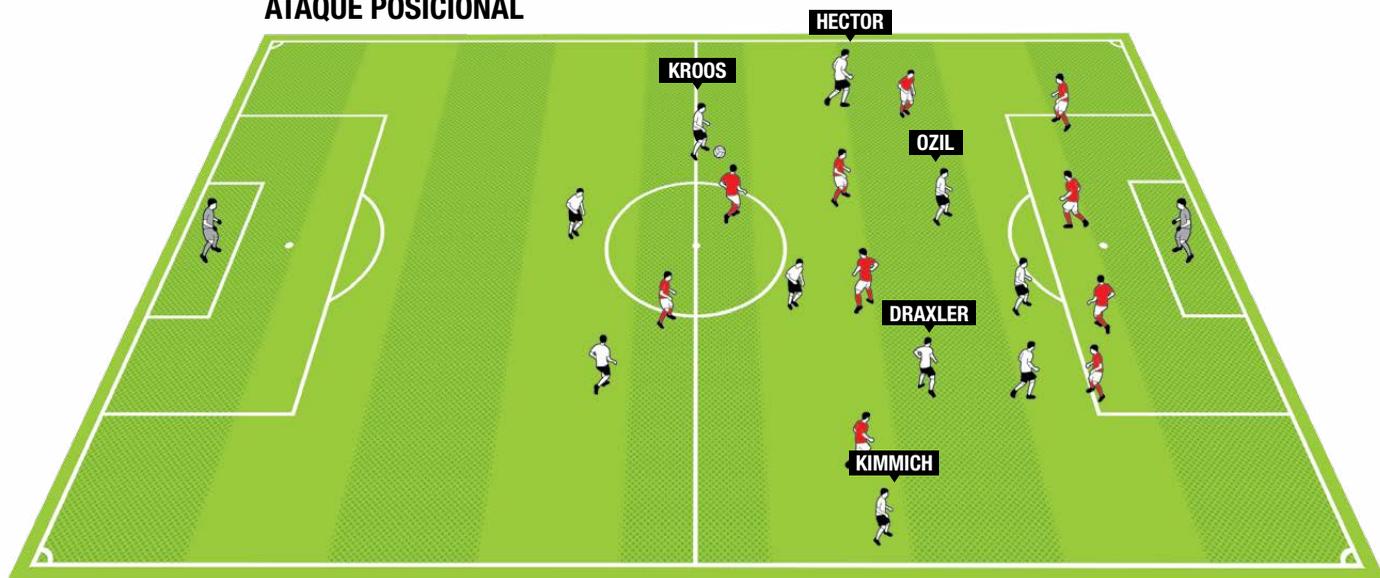
A seleção alemã não conta com nenhuma grande individualidade à altura de Lionel Messi, Cristiano Ronaldo ou

Neymar. Porém, é importante destacar a grande influência de Toni Kroos para o funcionamento da *Mannschaft*, até porque se trata do jogador que está presente em todas as fases ofensivas alemãs. Ou seja, o camisa 8 do Real Madrid pode ser visto trabalhando na saída de bola junto aos zagueiros, pelo centro ao lado de Sami Khedira e na frente da área para dar passes para companheiros ou ordenar as jogadas no terço final. Sem qualquer exagero, Kroos é o epicentro da circulação ofensiva da atual campeã mundial.

A Alemanha também utiliza muitas bolas longas invertidas em direção aos seus laterais para buscar vantagem tática durante suas partidas. Neste sentido, os alemães promovem movimentos de atração para que Toni Kroos ou Mats

QUADRO TÁTICO

ATAQUE POSICIONAL



O ataque posicional alemão é marcado por contar com três jogadores no primeiro escalão (Boateng, Hummels e Kroos), enquanto os laterais se posicionam em zonas de extremos e o trio de meias ocupa zonas interiores para recepções entre linhas. As ações são geralmente comandadas por Toni Kroos.



FIQUE DE OLHO

TONI KROOS

Jogos pela seleção	75
Média de toques na bola por jogo	87
Média de acerto de passes	92%

CONEXÃO THOMAS MÜLLER E JOSHUA KIMMICH

é uma das jogadas mais perigosas quando a Alemanha alcança o campo contrário. Não somente pela brutal capacidade de chegada à linha de fundo de Joshua Kimmich, mas também pelos movimentos de dentro para fora de Müller para receber os passes do lateral-direito às costas dos laterais adversários.

	GOLS	ASSISTÊNCIAS
MÜLLER	9	9
KIMMICH	2	7

(Eliminatórias europeias para a Copa)

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO C*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
30	10	10	0	0	43	4	39

*Irlanda do Norte, República Tcheca, Noruega, Azerbaijão e San Marino

Hummels busquem lançamentos em direção ao lado direito, fazendo com que Joshua Kimmich receba a bola com tempo/espço para dar sequência ao momento ofensivo. Esse trabalho permite que Kimmich possa receber a bola com mais liberdade, facilitando assim sua progressão no campo para execução de seus perigosos cruzamentos nos metros finais. Para se ter noção do perigo de Joshua neste tipo de jogada, o jovem lateral do Bayern terminou as eliminatórias com 10 assistências em 10 jogos (o líder em passes para gol da competição).

Até pelas características dos jogadores, essas inversões não acontecem tanto pelo lado esquerdo. O lateral do setor Jonas Hector é mais construtor. Uma peça voltada ao passe, tanto que, por diversas vezes, atua como meio-campista no Colônia. Além disso, Julian Draxler é um extremo que joga muito por dentro, recebe muitas vezes entre linhas, busca dar passes antes de definir ou acelerar a jogada.

PRESSÃO NA BOLA E LINHAS ALTAS

Utilizando sua tradicional pressão alta, a seleção alemã procura negar saída limpa aos adversários e conquistar desarmes em zonas favoráveis do campo para castigar o rival em poderosos contragolpes já nas proximidades da meta. O intenso trabalho de pressão pós-perda também é um ponto importante no comando de Joachim Löw na Mannschaft, sobretudo por se tratar de um comportamento que visa negar de imediato o contra-ataque ao oponente. Tal

orientação é vital dentro da ideia de jogo bastante ofensiva, que conta com os zagueiros muito expostos em campo aberto como uma consequência natural disto.

Inclusive, é neste ponto que surge a maior fragilidade da Alemanha. Pressionar alto e contar com os seus defensores tão avançados em campo significa ficar mais exposto aos contra-ataques e transições rápidas dos rivais, necessitando de um enorme acerto técnico dos zagueiros em campo aberto, algo que, atualmente, nem Mats Hummels e Jerome Boateng são capazes de oferecer. Primeiro por Hummels não ser um zagueiro de rápida recuperação. E segundo pelo atual momento físico de Boateng, que passou a última temporada convivendo com muitas lesões.

Quando não adota sua habitual pressão alta, a Alemanha geralmente

defende em bloco médio, cedendo espaços entre os setores, expondo os laterais, que contam com poucas ajudas por parte dos extremos. No geral, é um comportamento que incomoda bastante os alemães, que já não contam mais com a mesma capacidade de sobrevivência para defender por longos períodos perto do próprio gol e pela falta de vitalidade ofensiva e contra-ataque, algo que os tetracampeões certamente sentirão durante a Copa, sobretudo após o corte do jovem Leroy Sané da lista final para o Mundial na Rússia. Sané seria a peça que, além de oferecer o desequilíbrio em forma de dribles e aceleração, tiraria o peso de Mesut Özil ser o único atleta a representar alguma ameaça em situações de transições/jogadas de conduções após a recuperação da bola.

ELENCO

GOLEIROS: Manuel Neuer (Bayern de Munique-ALE), Kevin Trapp (PSG – FRA) e Marc-André ter Stegen (Barcelona-ESP)

LATERAIS: Kimmich (Bayern de Munique-ALE), Jonas Hector (Colônia – ALE) e Marvin Plattenhardt (Hertha Berlin-ALE)

ZAGUEIROS: Niklas Süle (Bayern de Munique-ALE), Mats Hummels (Bayern de Munique-ALE), Antonio Rudiger (Chelsea-ING), Jérôme Boateng (Bayern de Munique-ALE) e Matthias Ginter (Borussia Mönchengladbach-ALE)

MEIAS: Sami Khedira (Juventus-ITA), Julian Draxler (PSG-FRA), Toni Kroos (Real Madrid-ESP), Marco Reus (Borussia Dortmund-ALE), Leon Goretzka (Schalke-ALE), Sebastian Rudy (Bayern de Munique-ALE), Julian Brandt (Bayer Leverkusen-ALE) e Ilkay Gündogan (Manchester City-ING)

ATACANTES: Timo Werner (RB Leipzig-ALE), Thomas Müller (Bayern de Munique-ALE) e Mario Gomez (Stuttgart-ALE)

TÉCNICO: Joachim Löw

QUADRO TÁTICO

PRESSÃO ALTA



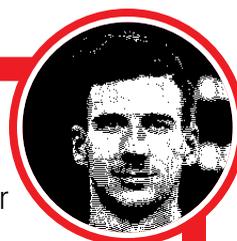
Buscando o controle em qualquer fase do jogo, a Alemanha adota uma postura radical contra saídas de bolas adversária. Encaixes individuais para não oferecer saída limpa, dar o bote em campo contrário para desarmar e transitar já próximo do gol rival.

O COMANDANTE

É um treinador versátil, que utiliza diversos planos táticos e adotando diferentes posturas dependendo do seu adversário. Mesmo assim, Joachim Löw, na maioria das vezes, usa o 4-2-3-1 como formação base, priorizando o controle através da posse de bola para dominar seus rivais, algo que vai bastante ao perfil geral das equipes da atual Bundesliga. Löw sempre estrutura uma saída de bola elaborada em suas equipes, formada por três jogadores na base posicional, com a finalidade de iniciar seus ataques de maneira relativamente lenta, sem saltar etapas, para se estabelecer melhor em campo contrário e facilitar a construção de uma rede de passes e ocupação de espaços. ⚽

UNDERDOG

LEON GORETZKA



Sua versatilidade pode ser importantíssima na Copa, podendo jogar como meio-campista ou extremo-direito. Desfruta de um excelente preparo físico para defender uma larga zona de campo e é um especialista conduzindo e chegando à área adversária como elemento surpresa. Garantiu sua vaga na lista final após seu desempenho na Copa das Confederações de 2017, onde fez três gols e deu uma assistência em quatro jogos. Tendo apenas 640 minutos pela seleção alemã, marcou quase 1 gol a cada 90 minutos.

GRUPO F



MEXICO

OSÓRIO BUSCA UM CAMINHO

Por: *Matheus Eduardo Souza*

Após dificuldades nos torneios sob o comando do colombiano Juan Carlos Osório, o México chega à Copa do Mundo com um retrospecto complicado nas últimas competições disputadas. Sem entrar nas questões de competitividade dentro das partidas, as eliminações com goleada para o Chile (0 x 7), na Copa América de 2016, e para a Alemanha (1 x 4), na Copa das Confederações de 2017, deixaram o problema ainda maior e trouxeram dificuldades no que se refere às questões de campo e também da parte mental.

Uma marca da seleção mexicana atual é a alternância de peças a cada partida. Não só os jogadores são trocados, mas também o sistema e o plano adotado, especialmente como forma de se adaptar aos adversários. Durante os últimos meses, Osório adotou diferentes módulos de jogo: desde a linha de quatro e associações fortes no meio ao sistema com saída de 3 e linha com cinco jogadores atrás na fase defensiva. Muito dessas trocas se dá, também, pelas especificidades do grupo: centro-avantes que dominam bem a área, um trio de zaga com jogadores capazes de

criar bem desde trás, tornando o sistema de três zagueiros em algo produtivo na fase ofensiva, etc. Embora tenha algumas carências, o elenco mexicano também traz variedades interessantes, especialmente visando uma mudança de plano dentro de uma mesma partida.

UM ATAQUE ADAPTÁVEL

A seleção mexicana geralmente chega ao campo ofensivo por meio de passes e construção elaborada. Neste cenário, a intenção é sempre buscar a saída “limpa” com a bola: desde o goleiro com passes rasteiros, explorando o passe com Hector Moreno, inversões buscando o lateral/ala livre e forte jogo pelos lados, em velocidade, a partir do grande círculo. A partir daí, entra a capacidade da equipe em transitar e acelerar os ataques. Para isso, entram os meio-campistas para fazer a “ponte” entre campo defensivo e ofensivo – quando a bola não atravessa esses campos por meio de um passe do zagueiro – e a tentativa de acionar os pontas por fora.

Quando não encontra espaços para finalizar por meio disso, entra o cons-

FIQUE DE OLHO



Durante a Copa das Confederações do ano passado, a seleção mexicana apresentou números interessantes quanto à sua produção de chances de gol e controle por meio da posse.

58,6%

média de posse de bola

16,6

finalizações por jogo

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
4ª	16*	6	5	1	0	13	1	11
5ª	21*	10	6	3	1	16	7	9

*1º LUGAR GRUPO A (Canadá, Honduras e El Salvador) **1º LUGAR GRUPO A (Costa Rica, Trinidad e Tobago, Panamá, Honduras e Estados Unidos)

UNDERDOG



ANDRÉS GUARDADO

Jogador do Real Bétis, tem aprendido muito com técnico Quique Setién, especialmente após virar protagonista num forte sistema com o jogo de posição. Capaz de preencher lacunas e facilitar a participação dos companheiros, o ritmista chega à sua quarta Copa do Mundo melhor que nas anteriores.

53,1

passes por jogo*

7

assistências*

*La Liga 2017-2018

tante plano B: os cruzamentos. Principalmente quando joga com dois atacantes de referência – ainda que um deles comece atuando aberto – Raul Jiménez é um diferencial na bola alçada, o México cruza muitas bolas para a área, especialmente com Miguel Layún. Costuma ser uma espécie de apelo quando as jogadas por dentro não surtem o efeito esperado.

Apesar das variantes, é de costume explorar o jogo por fora, com pontas velozes e individualidades aguçadas e bolas esticadas desde os zagueiros para o campo de ataque. No jogo de Osório, muita intensidade, aceleração e combinação de troca de passes e jogo direto. O México vive em metamorfose e também se adapta ao adversário.

PRESSÃO NO ALTO

Geralmente, os comandados de Osório possuem o intuito de retomar a bola ainda no campo ofensivo. Neste plano, a ideia é ter pressão intensa no campo do adversário quando não tem a posse: muita mobilidade e sempre alguém em cima do portador da bola. Apesar disso, nem sempre o trabalho é eficaz sobre os potenciais receptores de passe.

Ou seja, não é tão difícil assim para o adversário sair jogando, basta que consiga encaixar uma sequência rápida para pegar o time do México desprevenido e com o campo defensivo aberto. Por isso, a seleção mexicana sofre tanto em contragolpes rivais. Quando atraído a pressionar os rivais, o México deixa muito campo aberto e sofre nos contragolpes dos adversários: a zaga sempre passa dificuldades nas transições velozes. ⚽

QUADRO TÁTICO

ZAGUEIROS CONSTRUTORES



Importância dos apoios dos zagueiros na construção ofensiva do México: criam superioridade e permitem que o time seja mais efetivo aproveitando espaços no campo de ataque.

ELENCO

GOLEIROS: Guillermo Ochoa (Standard Liège-BEL), Alfredo Talavera (Toluca-MEX) e Jesús Corona (Cruz Azul-MEX).

ZAGUEIROS: Héctor Moreno (Real Sociedad-ESP), Hugo Ayala (Tigres-MEX), Jesús Gallardo (Pumas UNAM-MEX), Edson Álvarez (América-MEX). Rafael Márquez (Atlas-MEX)

LATERAIS: Miguel Layún (Sevilla-ESP) e Carlos Salcedo (Eintracht Frankfurt-ALE)

MEIAS: Héctor Herrera (Porto-POR), Andrés Guardado (Real Betis-ESP), Erick Gutiérrez (Pachuca-MEX), Giovani Dos Santos (LA Galaxy-EUA), Jonathan Dos Santos (LA Galaxy-EUA), Marco Fabián (Eintracht Frankfurt).

ATACANTES: Javier Hernández (West Ham-ING), Raúl Jiménez (Benfica-POR), Oribe Peralta (América-MEX), Hirving Lozano (PSV Eindhoven-HOL), Carlos Vela (Los Angeles FC-EUA), Jesús Corona (Porto-POR) e Javier Aquino (Tigres-MEX)

TÉCNICO: Juan Carlos Osorio

GRUPO F



SUECIA

NO ZLATAN NO PARTY?

Por: *Douglas Batista*

Após duas edições ausente, a Suécia está de volta à Copa do Mundo. O selecionado escandinavo conseguiu sua classificação passando na segunda colocação em um grupo complicado, onde fazia companhia a França, Holanda e Bulgária. Como se não bastasse o complicadíssimo grupo, ainda precisaram eliminar a poderosa Itália na repescagem.

Nas eliminatórias, algumas partidas dos suecos foram de se destacar, como a vitória contra a poderosa França, que, na época, deu a liderança momentânea do grupo a equipe do técnico Janne Andersson. Equipe esta que surpreendeu a todos não só pela classificação, mas também pela mesma ter vindo sem a participação do centroavante Zlatan Ibrahimovic. Contudo, mesmo sem o estrelado atacante do LA Galaxy, a seleção Nórdica apresentou uma boa organização. Inicialmente a equipe vai a campo no 4-4-2 em linha, tendo como time base: Olsen; Lustig, Lindelof, Granqvist e Augustinsson; Ekdal, Johansson, Forsberg e Durmaz; Berg e Toivonen. Tendo o meio campista Sebastian Larsson como 12º jogador.

DIRETOS E AGRESSIVOS

Ofensivamente, a Suécia se porta de forma direta e agressiva, buscando sempre o gol. Na maioria das vezes é realizado um ataque direto. Onde os laterais e zagueiros tentam bolas longas procurando a dupla de ataque, tendo Berg como principal alvo, após recebida a bola, o homem de frente busca escorar para alguém que vem de trás ou dos lados. Quando não usam ataque direto, buscam um jogo mais acelerado e agressivo. Troca de passes rápida, com os atletas dando poucos toques na bola. Algumas movimentações interessantes podem ser notadas nesse ataque mais veloz: um dos atacantes mantém o pivô, enquanto o outro vai para o lado, com o intuito de atrair a marcação e um dos meio campistas busca a infiltração. Porém, tudo isso ocorre de forma variada e dinâmica. Sem jogadores específicos. Em determinados momentos, é um dos meias que vai para os lados, e um atacante busca a ruptura. A chave de tudo isso é a sinergia entre os atletas. Todos procuram melhorar o todo.

FIQUE DE OLHO



50% Dos jogos sem sofrer gols

0,9 Média de gols sofridos por jogo

2,6 Média de gols marcados por jogo

57% **DOS GOLS MARCADOS** foram do trio: Forsberg, Toivonen e Berg

ELIMINATÓRIAS: (2º LUGAR | GRUPO A*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
21	10	6	1	3	26	9	17

*França, Holanda, Bulgária, Luxemburgo e Bielorrússia

PLAYOFFS

Suécia 1 x 0 Itália
Itália 0 x 0 Suécia

UNDERDOG



ALBIN EKDAL

O volante do Hamburgo funciona como um relógio na equipe sueca. Agindo como o ponto de calma no momento ofensivo, Ekdal é diferente do restante da equipe, que sempre busca acelerar as jogadas. Quando ocorre uma falha na definição de uma jogada em velocidade, a equipe procura Albin para prender a bola, acalmar o jogo e procurar os companheiros mais bem colocados para recomeçar o ataque.

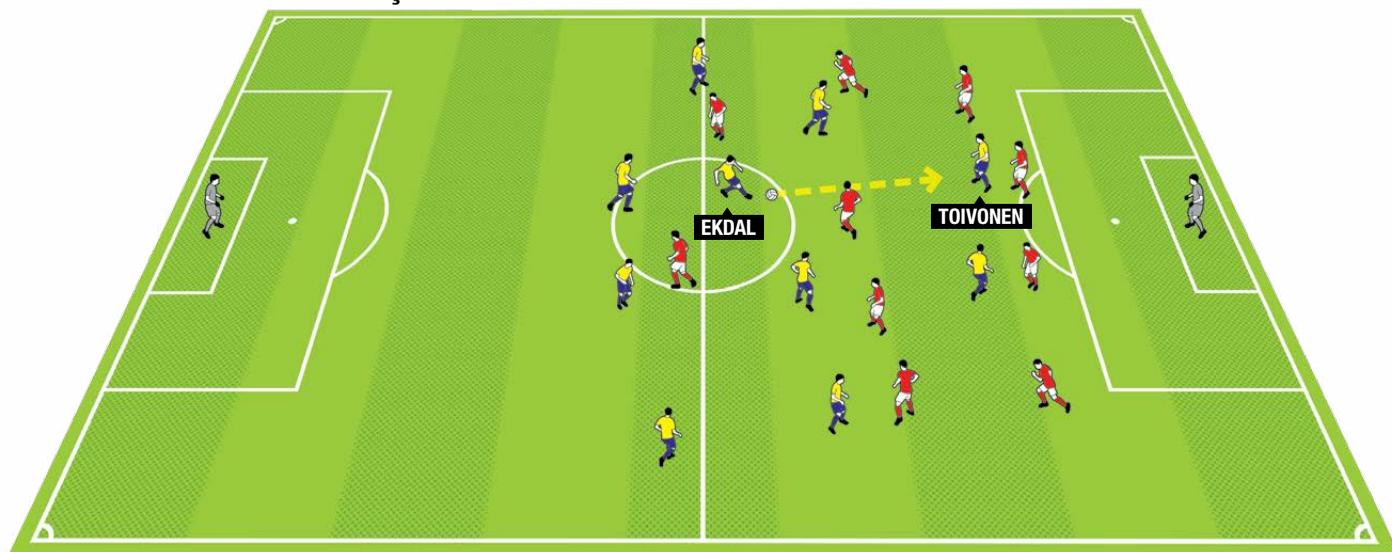
CUIDAR DO ESPAÇO

A fase defensiva começa com a marcação pressão que é feita nos momentos iniciais. Assim que perdem a bola, os suecos agredem os atletas adversários que passam a possuir a bola, gerando desconforto e ocasionando o erro. Caso essa primeira pressão não dê resultado, os jogadores se posicionam atrás da linha da bola, em um 4-4-2, marcando por zona. Neste momento, deixam de pressionar os defensores adversários e voltam a fazê-lo somente quando o portador da bola for um jogador de meio campo, essa pressão é feita pelo atleta mais próximo e muitas vezes é descoordenada, o que gera buracos nas laterais (os homens da posição fecham a entrada da área e não os lados). E quando algum atleta sai para cobrir um espaço, abre-se outro, em um efeito cascata que culmina em lances de perigo do oponente.

Na ausência já citada de Ibrahimovic, Emil Forsberg é a estrela da companhia. O meia conduz muito bem a bola, consegue criar uma boa quantidade de chances para os companheiros, além de também marcar gols (nas eliminatórias foram 4). Além do jogador do RB Leipzig, destacam-se: Olsen, Ekdal, Berg e Toivonen. É provável que os problemas defensivos compliquem os suecos (principalmente contra a Alemanha), mas os Nórdicos contam com um bom ataque e um elenco bastante coeso, sendo assim, vão com chances boas de classificação e com possibilidade de surpreender na Copa do Mundo 2018. 🌐

QUADRO TÁTICO

CONSTRUÇÃO COM PIVÔ



Uma das principais armas da seleção sueca é a enorme aceleração no terço final, os jogadores se aproximam e conseguem trocar passes de forma rápida e objetiva, porém, nem sempre eficiente. Para o funcionamento desta aceleração, um dos atacantes faz o pivô, enquanto outro atleta abre o campo pelos lados e alguém busca a infiltração.

ELENCO

GOLEIROS: Robin Olsen (Copenhague-DIN), Karl-Johan Johnsson (Guingamp-CHN) e Kristoffer Nordfeldt (Swansea-ING)

LATERAIS: Martin Olsson (Swansea-ING), Ludwig Augustinsson (Werder Bremen-ALE), Mikael Lustig (Celtic-ESC) e Emil Kraft (Bologna)

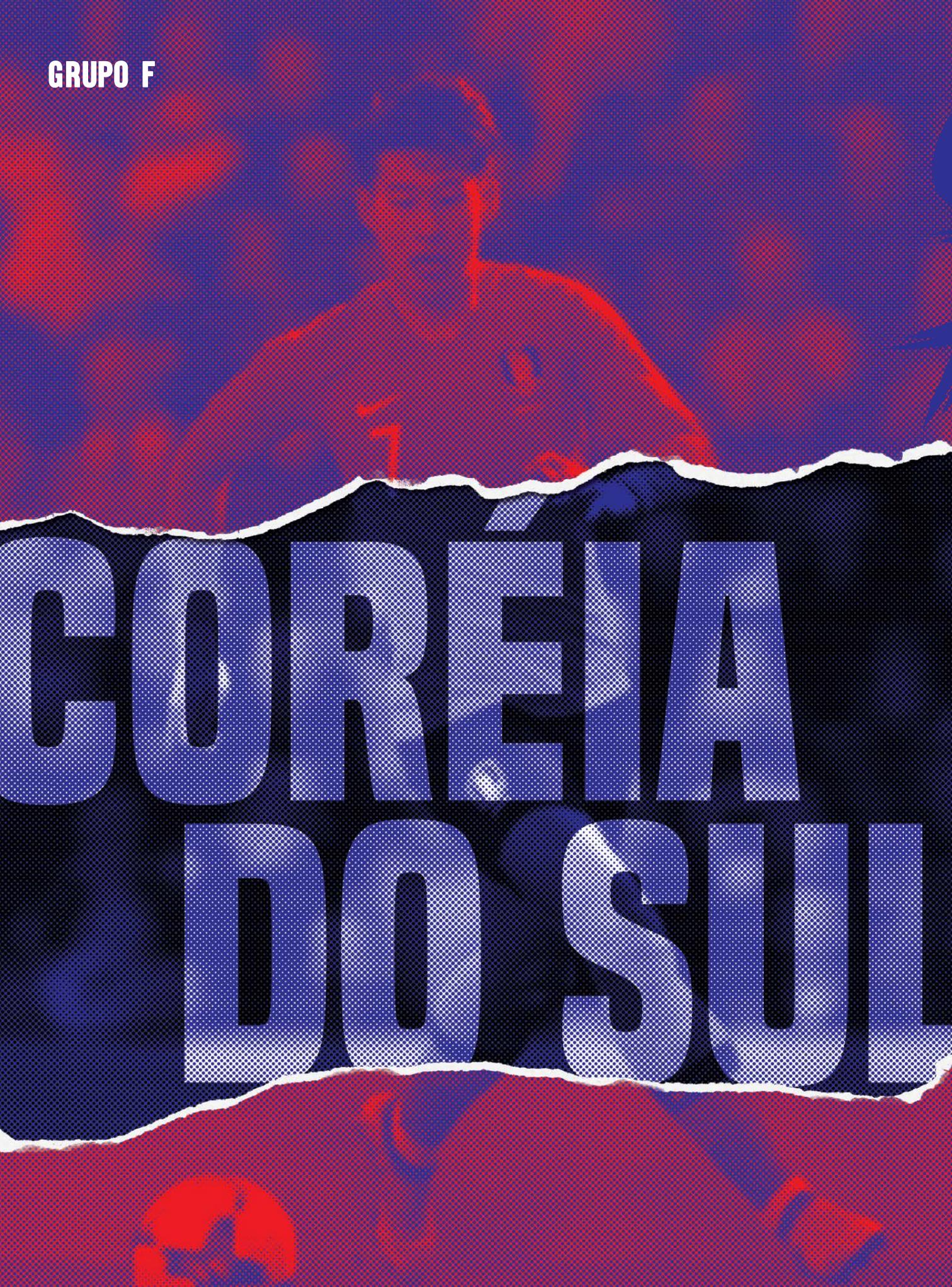
ZAGUEIROS: Victor Nilsson-Lindelöf (Manchester United-ING), Andreas Granqvist (Krasnodar-RUS), Filip Helander (Bologna-ITA) e Pontus Jansson (Leeds United-ING)

MEIAS: Albin Ekdal (Hamburgo-ALE), Gustav Svensson (Seattle Sounders), Sebastian Larsson (Hull City-ING), Viktor Claesson (Krasnodar), Emil Forsberg (RB Leipzig-ALE), Jimmy Durmaz (Toulouse-FRA), Oscar Hiljemark (Genoa-ITA) e Marcus Rohdén (Crotone-ITA)

ATACANTES: Marcus Berg (Al Ain-EAU), Ola Toivonen (Toulouse-FRA), John Guidetti (Alavés-ESP) e Isaac Kiese Thelin (Waasland-Beveren-BEL)

TÉCNICO: Janne Andersson

GRUPO F



COREIA DO SUL

GUIADOS POR SON

Por: *Leonardo Hartung*

A Coreia do Sul se classificou para a sua nona Copa do Mundo consecutiva sem empolgar. A derrota para o Catar em Doha por 3x2 custou o cargo do alemão Uli Stielike e o auxiliar Shin Tae-yong comandou os sul-coreanos em dois empates sem gols contra Irã e Uzbequistão.

Campeão da Champions League da Ásia pelo Seongnam aos 40 anos e em seu primeiro trabalho como treinador, Shin Tae-yong não se prende a uma disposição tática. Nos amistosos de março, a Coreia do Sul variou entre um 4-4-2/4-2-3-1 e um 3-4-3/5-4-1 conforme os adversários e o momento (físico e técnico) vivido pelos jogadores à disposição.

Ao optar por Shin Tae-yong, que comandou os sul-coreanos nos Jogos Olímpicos de 2016 disputado no Rio de Janeiro, a Coreia do Sul deixou de praticar o seu jogo reativo e passou a atuar de forma equilibrada variando sua postura conforme o adversário e as necessidades da partida.

CONSTANTE ADAPTAÇÃO

A Coreia do Sul tem preferência por uma saída de jogo pelo chão contan-

do com os seus jogadores próximos e oferecendo opções de passe. Também ajuda ter uma geração de zagueiros com bom passe como Jang Hyun-soo, Kim Min-jae e Hong Jeong-ho. Um dos meios recua até os zagueiros podendo realizar uma saída de três - é possível ver Ki Sung-yueng realizando a saída mais vezes durante a partida. Os laterais/ alas abrem o campo de jogo gerando amplitude pelos lados.

Caso haja dificuldades na saída pelo chão, uma boa opção para os sul-coreanos é a escalação de Kim Shin-wook na referência do ataque. O atacante de 1,96m aparece como uma boa opção na bola longa e no jogo pelo alto, além de oferecer maior profundidade à Seleção sul-coreana no campo de ataque. Caso opte por Hwang Hee-chan, vinte centímetros mais baixo que Kim, Shin Tae-yong ganha mais dinamismo no ataque (principalmente pelo chão) e aumenta a imprevisibilidade de seu setor ofensivo.

A transição ofensiva da Coreia do Sul também varia entre passes rápidos para manter a posse da bola e assim avançar ou uma progressão vertical em velocidade, ambas facilitadas pela pro-

FIQUE DE OLHO



A DUPLA Lee Jae-seung e Son Heung-min (antes um trio com Kwon Chang-hun, cortado por lesão). Lee é um meia criativo e habilidoso, enquanto Son é ótimo finalizador. Sem Kwon, a dupla pode ficar ainda mais rápida e dinâmica com a possível titularidade de Hwang Hee-chan.

DESTAQUES NOS AMISTOSOS

(NOVEMBRO-MARÇO)

	GOLS	ASSISTÊNCIAS
Son Heung-min	2	1
Kwon Chang-hun	1	1

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
2ª	24*	8	8	9	0	27	0	27
3ª	15**	10	4	3	3	11	10	1

*1º LUGAR GRUPO G (Líbano, Kuwait, Mianmar e Laos) **2º LUGAR GRUPO A (Irã, Síria, Uzbequistão, China e Catar)

UNDERDOG



LEE JAE-SEUNG

Os olhos estarão no atacante Son Heung-min, mas é aí que pode brilhar a estrela de Lee Jae-seung. O meia de 25 anos se destaca com a camisa do Jeonbuk Hyundai Motors, pentacampeão nacional e bi asiático (Lee participou de quatro das sete conquistas). Criativo e técnico, Lee Jae-seung ainda pode aprimorar nas finalizações, mas nada que diminua o talento do meia que pode pintar na Europa em breve.

ximidade dos jogadores no campo de jogo. A situação e o contexto dirão qual das duas possibilidades será executada.

UMA DEFESA MISTA

Quando a equipe adversária tem que iniciar o jogo pelo goleiro através de um tiro de meta, a Coreia do Sul costuma subir as suas linhas de marcação, mas não repete o movimento quando os zagueiros adversários têm que iniciar a construção já com a bola em jogo. Neste momento, a prioridade é manter as linhas bem próximas e evitar o avanço adversário.

Independente de estar disposta na fase defensiva com uma linha de cinco zagueiros ou em duas linhas de quatro, a Coreia do Sul sempre estará com os seus jogadores bem alinhados e próximos. A referência é mista com perseguições médias. Seja com linha de cinco ou de quatro defensores, não é raro acontecerem quebras na defesa sul-coreana.

Na transição defensiva, é possível ver os jogadores sul-coreanos pressionando o adversário logo após a perda da bola na tentativa de retomá-la, comportamento possível graças à proximidade que os sul-coreanos se posicionam no campo de jogo.

Caso a pressão pós-perda não funcione, é possível ver a Coreia do Sul com três ou quatro jogadores em buscando densidade defensiva (relação entre os jogadores da equipe que ataca e da equipe que se defende): a dupla de zagueiros e um ou até os dois meias. ⚽

QUADRO TÁTICO

PACIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO



A Coreia do Sul retoma a bola e tenta acelerar a transição ofensiva, porém o adversário impede o avanço. A solução é trocar passes entre Ki Sung-yeung, Lee Yong e Hong Jeong-ho até sair da zona de pressão e achar o atacante Son Heung-min livre.

ELENCO

GOLEIROS: Kim Seung-gyu (Vissel Kobe-JAP), Kim Jin-hyeon (Cerezo Osaka-JAP), Cho Hyun-woo (Daegu FC-COR)

LATERAIS: Lee Yong (Jeonbuk Hyundai Motors-COR), Hong Chul (Sangju Sangmu-COR), Jang Hyun-soo (FC Tokyo-JAP)

ZAGUEIROS: Kim young-gwon (Guangzhou Evergrande-CHN), Jung Seung-hyun (Sagan Tosu-JAP), Yun Yong-sun (Seongnam FC-COR), Oh Ban-suk (Jeju United-COR), Kim Min-woo (Sangju Sangmu-COR), Park Joo-ho (Ulsan Hyundai-COR), Go Yo-han (FC Seoul-COR)

MEIAS: Ki Sung-yeung (Swansea City-WAL), Jung Woo-young (Vissel Kobe-JAP), Ju Se-jong (Asan Mugunghwa FC-COR), Koo Ja-cheol (FC Augsburg-ALE), Lee Jae-sung (Jeonbuk Hyundai Motors-COR), Lee Seung-woo (Hellas Verona-ITA), Moon Seon-min (Incheon United-COR)

ATACANTES: Kim Shin-wook (Jeonbuk Hyundai Motors-COR), Son Heung-min (Tottenham Hotspur-ING), Hwang Hee-chan (FC Red Bull Salzburg-AUS)

TÉCNICO: Shin Tae-yong





GRUPO G

BÉL GICA

A HORA DA GERAÇÃO

Por *Mairon Rodrigues e Bolívar Silveira*

De boa Copa em 2014 a Bélgica carrega o fardo de ser um bom time, com grandes jogadores, poucas ideias em campo e uma cobrança, por vezes, desmedida. Marc Wilmots, ex-treinador dos Diabos Vermelhos e expoente de outra geração belga de qualidade, não conseguia fazer Eden Hazard, a dupla de ferro do Tottenham Ardelweireld e Verthongen, Kompany, Mertens, De Bruyne, Lukaku, Moussa Dembelé e Witsel renderem. Sofreram com a expectativa criada, mas, a despeito disso, caíram apenas nas quartas diante da finalista Argentina. Wilmots seguiu no cargo até a campanha na Eurocopa, considerada fraca pela maioria. A eliminação por 3 a 1 para o País de Gales ganhou ares vexatórios no país e custou o emprego do treinador.

A federação belga colocou um inusitado anúncio de vaga para técnico na seleção principal, mas acabou mesmo fechando com um velho conhecido do futebol britânico, o espanhol Roberto Martinez, ex-West Bromwich, Swan-

sea e Everton. Ele assumiu pressionado a renovar a tão falada geração belga, que contava com talentos ainda insipientes, mas promissores, como Tielemans, Dedoncker e Thomas Foket. A “Ótima Geração Belga” tem uma bala de prata: dos seus expoentes técnicos, possivelmente apenas De Bruyne e Hazard terá vigor para chegar na próxima Copa ainda no auge.

A SOLUÇÃO SEM LATERAIS

Nos amistosos, que foram essenciais para o que ocorre hoje na equipe, Martínez sinalizou com um 4-2-3-1 contra a Espanha. A equipe foi dominada e diagnosticou-se o problema: ao passo que há ótimos zagueiros, o time não dispõe de dois laterais confiáveis. O que ficou ainda mais evidenciado no empate contra a Irlanda do Norte.

Diante das dificuldades de encontrar equilíbrio com uma linha de 4, Martínez lançou mão do 4-2-3-1 e partiu para o 3-4-3 que até hoje é a princi-

GRUPO G

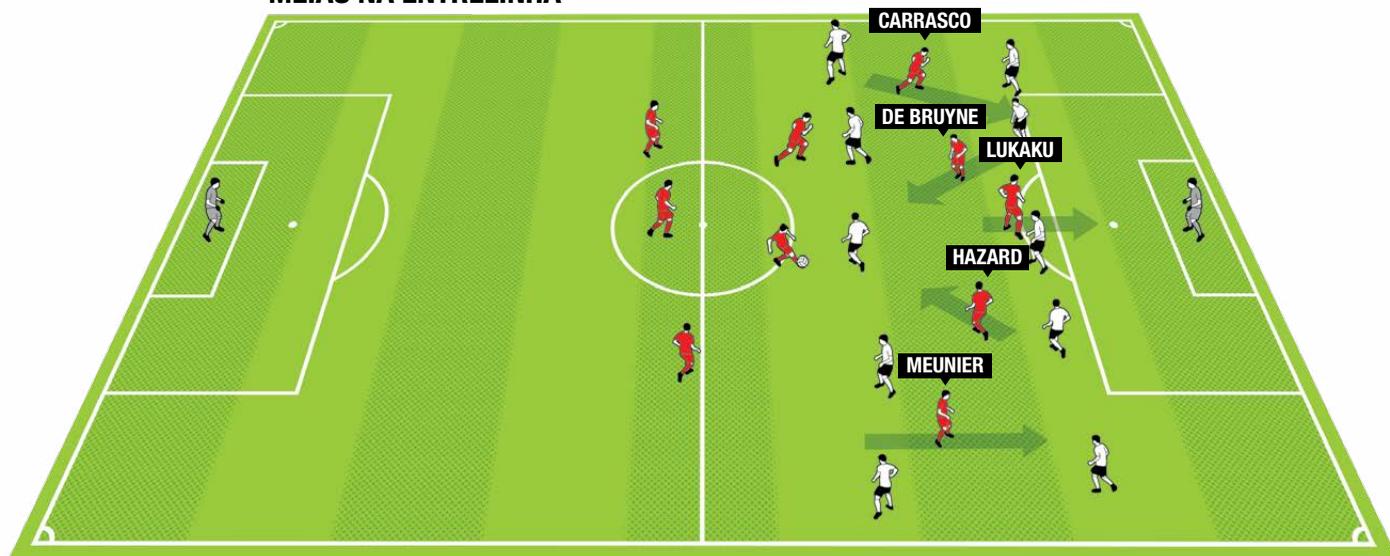
pal plataforma da equipe, com Meunier e Carrasco nas alas direita e esquerda, respectivamente. A partir daí o bom futebol veio e a classificação foi consequência. É bem verdade que a Bélgica não caiu em um grupo dos mais difíceis nas Eliminatórias. Mas quem disse que isso interessa? Com dez jogos, nove vitórias e um empate, foi a primeira seleção a garantir classificação à Rússia. Junto com Portugal, está entre as “não campeãs” com mais chances de surpreender. Nas eliminatórias, muita gente boa se destacou, o sistema se assentou e a Bélgica chega com boas perspectivas à Copa. Hazard deu cinco assistências, Mertens e Meunier também. Foram absurdos 43 gols feitos. Desses, 11 de Lukaku, que vive grande fase.

O momento defensivo é misto. Quem direciona se há ou não perseguições individuais é a zona onde a bola se encontra. É comum ver um dos três zagueiros desgarrando da linha para pressionar um adversário e retomar a posse o mais rápido possível. Sem a bola os extremos recompõem rápido, deixando apenas Lukaku à frente. A rápida transição defensiva é uma das marcas desta Bélgica.

Na construção é comum ver De Bruyne ou Witsel recuando até os zagueiros para iniciar a construção pelo chão. A partir daí, os mais acionados são Hazard, Mertens e Lukaku. O camisa 9 é constantemente solicitado e, quando isso ocorre, ele retém a bola se privilegiando da força física e assiste um companheiro que vem de trás. A

QUADRO TÁTICO

MEIAS NA ENTRELINHA



A bola sai do pé do volante em direção à entrelinha. Normalmente ela tem como endereço Hazard ou Mertens, que ocupam a área entre as costas dos volantes e a frente da defesa. Lukaku dá a profundidade.



proposta é fazer a bola chegar em Mertens ou Hazard próximos do gol. A dupla, que combina velocidade e drible, é a principal arma belga.

FORÇA PELO MEIO

Uma das principais virtudes belgas é o encontro de qualidade e força no setor de meio campo. De Bruyne, Witsel e Moussa Dembele são jogadores de refinada qualidade técnica e biotipo de força, o que traz uma dificuldade tremenda para seleções rivais.

Destaque dos *citizens*, De Bruyne, cresceu exponencialmente com Pep Guardiola. Atuando por dentro, o belga trabalha entre as linhas adversárias, geralmente criando espaço para infiltrações dos meias ou movimentações do Lukaku. Aliás, se Lukaku estiver livre, o ruivo bom de bola acha o centroavante em condições de marcar. Sua qualidade no passe é de alto nível.

Axel Witsel, o volante com nome de roqueiro, talvez seja o mais underdog dessa geração belga. Quando surgiu em alta pelo Benfica, mudou-se para o Leste Europeu e hoje atua em solo chinês. Witsel entrega qualidade nas duas fases do jogo. Possui vitória pessoal em duelos defensivos e um aprimorado tempo de bola e posicionamento para interceptar. Na fase ofensiva, oferece suporte para construção do jogo. Seus números pela seleção são excelentes nesse quesito. Em média passa a bola 63 vezes por jogo e tem 95% de acerto, sendo 12 destes passes para o terço de ataque, com 91% de aproveitamento.

FIQUE DE OLHO

HAZARD, de temporada oscilante no Chelsea, é um jogador diferente na seleção. Ele, Mertens e Meunier participaram de onze gols nas eliminatórias. Puxando contragolpe ou dando a bola final, é o grande jogador da seleção. O que também impressiona estatisticamente é a forma como os gols de Lukaku são marcados. São quatro de direita, quatro de esquerda e três de cabeça. O "Tanque", como é chamado por torcedores do United, é pura versatilidade. Usando seu corpo, é um dos centroavantes mais letais da Europa. Lukaku é um dos potenciais artilheiros da Copa dependendo do quão longe a Bélgica for.

HAZARD

Acerto em passes longos **83,5%**

Acerto em passes para o terço final do campo **86,9%**

LUKAKU

Gols na temporada **27**

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO H*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
28	10	9	1	0	43	6	27

*Grécia, Bósnia e Herzegovina, Estônia, Chipre e Gibraltar

O reserva imediato de Kevin De Bruyne e Axel Witsel é Moussa Dembele, que não perde em qualidade para os titulares. O coração do Tottenham de Pochettino é aquele jogador que todo treinador sonha em ter. Alia força física com qualidade de construção. É um organizador de jogo com qualidade requintada no passe. Naturalmente equilibra as equipes com sua habilidade e simplicidade. Regularidade e efetividade são, com certeza, as palavras-chave desse reserva de luxo.

CONFUNDINDO O ADVERSÁRIO

Outro ponto positivo é a amplitude. Os alas abrem o campo gerando dúvida nos defensores adversários: perseguir ou se manter posicionado? Trata-se de um time com talento em todos os

setores, o que causa problemas aos marcadores.

A Bélgica vai para a Copa em um grupo que terá Inglaterra, Panamá e Tunísia. Tem bola pra passar com 100% de aproveitamento? Tem. Vive um momento melhor que o da Seleção Inglesa. Panamá e Tunísia não deverão oferecer muita resistência. Se passar, pode pegar Colômbia ou Polônia, e serão dois confrontos complicados. Como disse o icônico técnico argentino Ricardo LaVolpe, a Bélgica é o medo de muitos. Jogar contra ela não é bom, pois não deve ser confortável enfrentar um time que tem técnica e força física em altíssimo grau. Os belgas nas quartas de final seria um prêmio que deveria ser comemorado por eles e por quem gosta de futebol, mas deixaria aquele gosto de quero mais se parasse por ali. Pode mais.

ELENCO

GOLEIROS: Koen Casteels (Wolfsburg-ALE), Thibaut Courtois (Chelsea-ING) e Simon Mignolet (Liverpool-ING).

ZAGUEIROS: Toby Alderweireld (Tottenham Hotspur-ING), Dedryck Boyata (Celtic-ESC), Vincent Kompany (Manchester City-ING), Thomas Vermaelen (Barcelona-ESP) e Jan Vertonghen (Tottenham Hotspur-ING).

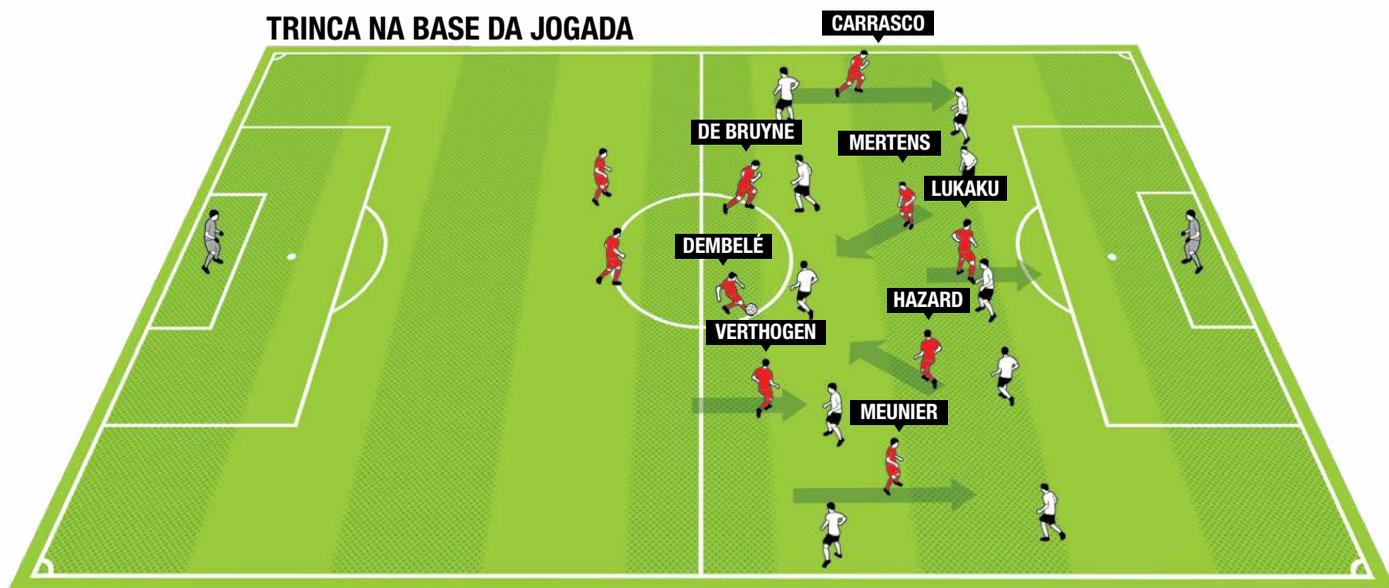
LATERAL: Thomas Meunier (Paris St-Germain-FRA)

MEIAS: Yannick Carrasco (Dalian Yifang-CHI), Kevin de Bruyne (Manchester City-ING), Mousa Dembele (Tottenham Hotspur-ING), Leander Dendoncker (Anderlecht-BEL), Marouane Fellaini (Manchester United-ING), Eden Hazard (Chelsea-ING), Thorgan Hazard (Borussia Mönchengladbach-ALE), Adnan Januzaj (Real Sociedad-ESP), Dries Mertens (Napoli-ITA) e Youri Tielemans (Monaco-FRA) e Axel Witsel (Tianjin Quanjian-CHI)

ATACANTES: Michy Batshuayi (Chelsea-ING), Nacer Chadli (West Bromwich-ING) e Romelu Lukaku (Manchester United-ING)

TÉCNICO: Roberto Martínez

QUADRO TÁTICO



Construção com o Verthogen se soltando e entrando na linha dos meias pra dar superioridade numérica. Com ele ali, forma uma trinca com Dembelé (ou Witsel) e De Bruyne. Mertens e Hazard voltam para entrelinha e os alas abrem esperando a bola em profundidade para acionar Lukaku.

O COMANDANTE

Roberto Martínez, apesar de espanhol, fez carreira no Reino Unido. Começou no Swansea. Jogando com um 4-4-2 bem britânico, obteve dois acessos com os galeses. Depois disso, partiu para o Wigan, onde adotou uma linha de cinco num período em que o formato nem era tão disseminado ainda. Desta forma venceu a Copa da Inglaterra, com jogadores como Mauro Boselli e Figueroa. Com cartaz, mais um salto na carreira: o Everton. Lá desenvolveu jogadores como Jagielka, Lukaku, o ótimo Baines, Ross Barkley e John Stones. Não teve títulos, mas um trabalho aceitável que o credenciou para chegar aos Diabos Vermelhos 🏆

UNDERDOG



THOMAS MEUNIER

De boa técnica, potência física e chute de meia distância, Meunier foi banco de Dani Alves, mas ainda assim tem quatro gols e três assistências em dezenove jogos na Ligue 1. Na seleção, com impressionantes cinco gols em oito jogos, ainda mais projetado no lado direito, alterna com Mertens ou Hazard. Ele pode potencializar ainda mais Lukaku em um cruzamento diagonal. Olho nele.

87.5% Passes certos na Champions League

GRUPO G

PANAMÁ



HEROISMO E VAGGA INEDITA

Por: *Smack Neto*

Foi dramático, mas o Panamá conquistou a sua primeira passagem para a fase final da Copa do Mundo, após uma vitória épica sobre a Costa Rica, em casa, por 2 a 1. A nossa análise se baseou nas partidas que o Panamá realizou no hexagonal final da Concacaf a partir da sétima rodada, na derrota para o México, além dos amistosos realizados pela equipe após garantir a classificação para o mundial.

O Panamá é uma equipe que chega para Copa do Mundo com um bom nível de organização tática imposta pelo seu técnico Hernán Darío Gómez, treinador colombiano que já participou de duas Copas do Mundo no comando das seleções da Colômbia e do Equador. O comandante tenta adequar o seu estilo de jogo a equipe panamenha, com a valorização da posse de bola e a tentativa de associações curtas entre os jogadores, ainda que as limitações técnicas dos panamenhos acabem dificultando

por vezes a proposição deste estilo.

Nos últimos amistosos, a equipe tem variado a sua formação entre o 4-4-2 clássico, com duas linhas de quatro e dois jogadores a frente, com uma tentativa de um 5-3-2, com os laterais Ovalle e Adolfo Machado com bastante amplitude e chegando muito à frente no momento ofensivo. A formação deve ser a escolhida para iniciar o mundial contra a Bélgica na estreia da equipe no grupo G, até pelos testes realizados nos últimos amistosos contra Dinamarca e Suíça, quando o Panamá iniciou as partidas com os três zagueiros.

SAÍDA PELOS LADOS

Apesar de uma limitação técnica perceptível, o Panamá é uma equipe que tenta construir o jogo através da troca de passes. O experiente Gabriel Gómez comanda as ações no centro do campo e

FIQUE DE OLHO



O zagueiro Roman Torres foi um dos heróis da classificação quando se lançou ao ataque nos minutos finais e marcou o gol contra a Costa Rica. E não foi a primeira vez. Ele tem esse costume marcou também no empate por 2 a 2 contra Honduras.

Para o Panamá, o jogo só acaba quando termina. A seleção caribenha marca **62,5% dos seus gols na segunda etapa**, sendo **37,5% depois dos 30 minutos do segundo tempo**.

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
4ª	10*	6	3	1	2	7	5	2
5ª	10*	10	4	4	2	14	8	6

*2º LUGAR GRUPO B (Costa Rica, Haiti e Jamaica)

**2º LUGAR GRUPO A (México, Trinidad e Tobago, Costa Rica, Honduras e Estados Unidos)

UNDERDOG



GABRIEL TORRES

É um atacante de 29 anos que atualmente joga no Huachipato, do Chile. Com passagens por clubes da Colômbia, Venezuela, Estados Unidos, Suíça, tem como principais características o ataque de espaços fazendo a diagonal por ambos os lados do campo, além da finalização com ambas as pernas. Em 2018, Torres vive grande momento: são sete gols em dez partidas pelo Huachipato e pela seleção. Uma média de um gol a cada 157 minutos, aproximadamente.

a saída de bola da equipe quase sempre tem a sua interferência. Sem meias de qualidade que possam municiar os atacantes, os panamenhos acabam trabalhando bastante pelos lados do campo, principalmente pelo setor direito com o lateral Adolfo Machado e o meia direita Edgar Bárcenas. Olho no centroavante Blas Perez, que é um dos principais alvos dos cruzamentos. Com muitos jogadores altos e fortes na bola aérea, uma das armas da seleção caribenha também são as bolas paradas, incluindo os laterais arremessados buscando Blas e o zagueiro Román Torres, que marcou o gol da classificação do time para o mundial.

DEFESA EXPOSTA

A estreia da Copa do Mundo contra a Bélgica, seleção mais forte do grupo, deve fazer com que o Panamá se reforce defensivamente jogando com um terceiro zagueiro. Ainda assim, os panamenhos são bastante disciplinados no posicionamento defensivo, se posicionando numa marcação meia-presão com duas linhas bem próximas de defesa. Os atacantes normalmente agridem pouco o adversário, deixando os zagueiros trocarem passes sem muito aperto. O que pode ser o calcanhar de aquiles da seleção da Concacaf é a recomposição quando a equipe perde a posse de bola no ataque. A última linha normalmente fica mais exposta, facilitando os contra-ataques dos adversários. Uma triangulação acelerada de passes normalmente consegue pegar a defesa desprevenida. 🏆

QUADRO TÁTICO

ESPAÇOS ENTRE AS LINHAS



Apesar de atuar com linhas bastante compactas, o Panamá por vezes comete erros infantis abrindo espaços entre as linhas. Uma rápida troca de passes do adversário pode gerar uma irregularidade na marcação.

ELENCO

GOLEIROS: Jaime Penedo (Dinamo Bucareste-ROM), José Calderón (Chorrillo-PAN) e Alex Rodríguez (San Francisco-PAN).

LATERAIS: Adolfo Machado (Dynamo Houston-EUA), Luis Ovalle (Olimpia-HON), Michael Amir Murillo (NY Red Bulls-EUA) e Éric Davis (DAC Dunajská Streda-ESL).

ZAGUEIROS: Fidel Escobar (NY Red Bulls-EUA), Román Torres (Seattle Sounders-EUA), Felipe Baloy (Municipal-GUA) e Harold Cummings (San Jose Earthquakes-EUA).

MEIAS: Ricardo Ávila (KAA Gent-BEL), Aníbal Godoy (San José Earthquakes-EUA), Armando Cooper (Club Universidad de Chile-CHI), Édgar Bárcenas (Cafetaleros de Tapachula-MEX), Gabriel Gómez (Bucaramanga), Luis Rodríguez (KAA Gent-BEL) e Valentín Pimentel (Plaza Amador-PAN).

ATACANTES: Abdiel Arroyo (Liga Deportiva Alajuelense-CRC), Ismael Díaz (Deportivo de La Coruña-ESP), Blas Pérez (Municipal-GUA), Luis Tejada (Sport Boys-PER) e Gabriel Torres (Huachipato-CHI).

TÉCNICO: Hernán Darío Gómez

GRUPO G

TUNISIA

CAMINHO DIFÍCIL

Por: *Mairon Rodrigues*

A Seleção volta à Copa depois de ficar fora de 2010 e 2014. Seus jogadores históricos; Abdennour, do Marseille, e Youssef Msakni, esse o craque da equipe, ficaram de fora dessa Copa por lesão. É um baque. Mas quem disse que tudo não são rosas? Benalouane, um dos pilares da defesa, vai para o torneio. O grupo tunisiano não é dos mais fáceis; enfrenta Panamá, Bélgica e Inglaterra. Se em 2006, com a sua “geração dourada” que era encabeçada pelo brasileiro Francileudo Santos e Hamed Namouchi, não passou para a segunda fase, caindo tendo só um ponto contra a Arábia Saudita; perdendo para Ucrânia e tomando uma virada contra a Espanha.

Em 2010, a classificação para a Copa era quase certa e uma derrota contra a nada tradicional seleção de Moçambique colocou o planejamento por água abaixo já nas eliminatórias. O ciclo para a Copa de 2014 foi inter-

rompido cedo demais. O sorteio da eliminatória colocou Camarões, um dos gigantes do continente, no caminho e deu 4x1 a favor dos Leões Indomáveis.

Mas no ciclo para a Copa de 2018 foi totalmente diferente e bem satisfatório. A campanha no grupo A das eliminatórias africanas foi boa, entre playoff e fase de grupos, seis vitórias e dois empates. Em um grupo que contava com Líbia, República Democrática do Congo e Guiné; foram 11 gols feitos e só 4 sofridos. Com a dupla Msakni e Kharzi em alta sintonia e o ótimo Abdennour coordenando a defesa, chegou sem sustos na Copa.

Já nos amistosos de preparação, com mais exigência, deixam a torcida dividida. As boas atuações contra Irã e Costa Rica, com Kharzi puxando a responsabilidade no ataque. O treinador aproveitou para mudar as plataformas e usá-los como testes. Jogou em 4-2-3-1 ou 4-3-3, o primeiro, um pouco

FIQUE DE OLHO



BEN ARMOR, o coração do meio campo tunes, comanda defensivamente e ofensivamente os africanos.

0,67 assistência para gols por jogo

28 duelos defensivos por jogo

*Pela seleção

ELIMINATÓRIAS: 2º FASE

Tunísia 2 x 1 Mauritânia
Mauritânia 1 x 2 Tunísia

3ª FASE (1º LUGAR | GRUPO B*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
14	6	4	2	0	11	4	7

* Líbia, República Democrática do Congo e Guiné

UNDERDOG



BASSEM SRARFI

O extrema-direita tem trajetória curta na seleção e já merece atenção pelas amostras de talento que deu em seu clube, o OGC Nice. De bom drible e associação é daqueles jogadores que a gente fica de olho no primeiro toque na bola. Com 20 anos, o franco-tunisiano, pode surpreender saindo do banco com a incumbência de substituir Msakni usando seus dribles e chutes de média distância.

4 dribles certos por jogo*

28 jogos pelo Nice

*Pela seleção

mais solidificado com o que a equipe tem no plantel. Como dito antes, o poder de fogo da equipe fica prejudicado sem Msakni. O extrema-esquerda fez três gols e duas assistências em quatro jogos; com seus chutes de média distância, dribles e muita inventividade, agora a incumbência de dar os passes fica para Nahim Sliti. O meia nascido na França tem muita criatividade e é bom na bola em profundidade para achar Kharzi, a grande estrela. Sliti, de sete gols e seis assistências no seu clube, o Dijon da França é mais um dos jogadores para ficar de olho nesse elenco. Mesmo com somente quatro convocações, já que foi recém naturalizado. Ben Amor, meio-campista do Etoile du Sahel, é o cão de guarda da equipe. De muita força física, recupera 4,5 bolas por jogo e bom passe, acerta 86%, é jogador chave do time de Nabil Maâouli.

A Seleção virá cheio de jogadores recém naturalizados. Como o próprio Sliti, Dylan Bronn, zagueiro do KAA Gent e uma das revelações da Jupiler Ligue, o campeonato belga, Bassem Srarfi, extrema do Nice, e Yohann Benalouane. Benalouane, de 31 anos e zagueiro do Leicester, com carreira sólida na Itália e França; chega com o cartaz de liderar um setor que é pouco testado na seleção. O jogador de mais internacionalizações é Ali Maâloul, com 45, lateral-esquerdo e um dos líderes; tanto do grupo, quanto técnico, das Águias. Ali dá profundidade pelo lado esquerdo, ataca muito forte e tem a média de correr 10km por jogo. É um concorde. 🏆

QUADRO TÁTICO

ATAQUE EM PROFUNDIDADE



A Tunísia abusa dos lances de profundidade para seus atacantes ocuparem o espaço nas costas de uma possível linha alta. Quando joga em 4-2-3-1, o meia da linha de três e os dois pontas ocupam o ataque, formando um 4-2-4, aí que Ben Amor brilha. O volante de boa bola na profundidade, quase o cérebro da equipe por dentro, lança a bola para Khazri ou Ben Khalifa por dentro. Uma jogada forte que prioriza a velocidade dos atacantes e a força dos pontas dessa equipe.

ELENCO

GOLEIROS: Farouk Bem Mustapha (Al-Shabab-RSA), Aymen Mathlouthi (Al-Batin-RSA), Mouez Hassen (LB Châteauroux-FRA)

ZAGUEIROS: Yohan Benalouane (Leicester-ING), Syam Bem Youssef (Kasimpasa-TUR), Yassine Meriah (Club Sfaxien-TUN), Rami Bedoui (Etoile du Sahel-TUN)

LATERAIS: Ali Maâloul (Al-Ahly-EGI), Hamdi Nagguez (Al-Nassr-RSA), Dylan Bronn (KAA Gent-BEL), Oussama Haddadi (Dijon-FRA)

MEIAS: Saïf-Eddine Khaoui (Olympique de Marseille-FRA), Ferjani Sassi (Al-Nasr-KSA), Ben Amor (Etoile du Sahel-TUN), Ahmed Khalil (Club Africain-TUN), Ellyes Skhiri (Montpellier-FRA), Ghaylene Chaalali (ES Tunis-TUN), Naïm Sliti (Lille-FRA)

ATACANTES: Bem Youssef (Al-Ettifaq-UAE), Acine Badri (ES Tunis-TUN), Wahbi Khazri (Sunderland-ING), Bassem Srarfi (OGC Nice-FRA), Saber Khalifa (Club Africain-TUN)

TÉCNICO: Nabil Maâloul

GRUPO C



INGLIA TERRA

ENFIM A RENOVAÇÃO

Por: Mairon Rodrigues

Uma liga consagrada, com craques mundiais, dinheiro estrangeiro e a maior verba de transmissão para os clubes. Essa é a Premier League. Isso tudo cobrou um preço caríssimo no *English Team*, que, na Copa passada, com média de 26 anos e uma base jovem, caiu na primeira fase. Joe Hart, Baines, Milner e Rooney perderam espaço para jovens como Pickford, Kyle Walker, Eric Dier e Harry Kane. De 2014 para 2018 se mantiveram quatro jogadores: Gary Cahill, Jordan Henderson, Raheem Sterling e Danny Welbeck.

Nesse ciclo, a seleção inglesa teve Sam Allardyce como técnico. Escolha muito criticada pela imprensa local, Big Sam nunca foi um treinador que empolgou muito nem mesmo no velho *kick and rush* inglês. O *English Team* precisava de renovação e ele não era o treinador mais indicado para o momento. Mesmo treinando um só jogo após substituir Roy Hodgson, foi demitido por escândalos de corrupção no esporte. A chance recaiu sobre o colo de Gareth Southgate. O ex-jogador da seleção inglesa e de Crystal Palace, Aston Villa e Middlesbrough é acostumado às categorias de base. Treinou a seleção

inglesa sub-21 e de lá trouxe Pickford, Maguire, Dele Alli, Loftus-Cheek e Jesse Lingard para a Copa. E isso é fruto do trabalho de base feito pela FA, que investe forte em capacitação dos técnicos e em teste dos jogadores jovens em torneios de base.

A Inglaterra foi campeã mundial sub-17 com a dupla Phil Foden, Ryan Brewster e ainda ficaram de fora Ryan Sessegnon, que fez uma Championship impressionante, e Jadon Sancho, que nesta temporada ganhou minutos no time principal do Borussia Dortmund. São prospectos para pintar já na Copa de 2022 no Catar. Também campeões com a seleção sub-20, Solanke, vice-campeão europeu com o Liverpool, Calvert-Lewin e Lookman, do Everton, podem ganhar chances num futuro próximo. A renovação inglesa começou debaixo para cima e, quando Southgate convoca atletas como Alexander-Arnold, assina seu compromisso com a repaginação da fotografia inglesa. Enfim, uma renovação efetiva na seleção principal.

Tamanha mudança reverbera em todos os aspectos. O jogo muda: do consagrado 4-4-2, o time experi-

GRUPO G

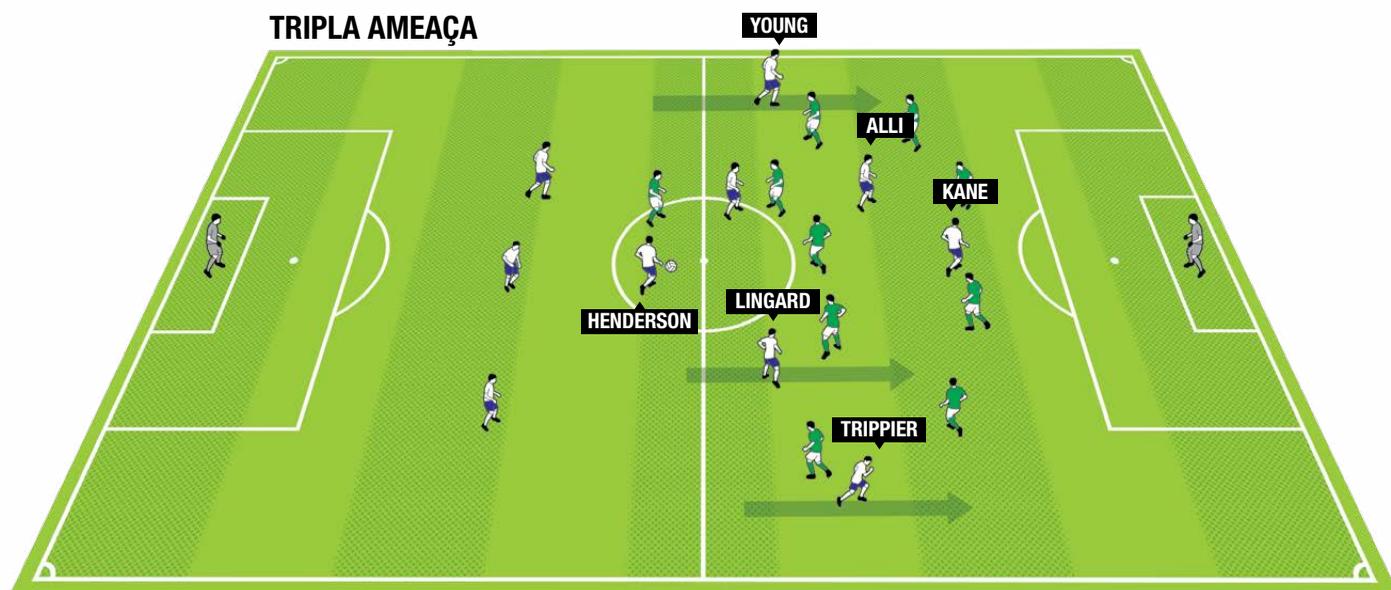
mentou a tão utilizada linha de 5. A Inglaterra usa o 5-4-1 em casos que necessita de proteção defensiva maior e o 5-3-2 quando precisa de mais agressividade ofensiva. Não deixe se levar pela linha defensiva, o time ataca bastante pelos lados e toma poucos gols. Foram somente três nas eliminatórias em dez jogos.

OS ESPELHOS DA PREMIER LEAGUE

A Inglaterra usa dois times que encantam em cenário nacional e internacional como base: Tottenham e Liverpool. O primeiro vendeu caríssimo a eliminação pra Juventus na Champions

e o segundo foi finalista e teve o ataque mais goleador do torneio. Isso reflete nas ações de jogo, com jogadores físicos, de boa estatura (a média de altura é 1m82) rápidos e confortáveis com ou sem bola. Kyle Walker, por exemplo, é um lateral de origem que joga como zagueiro por alguns motivos: é bom defensivamente, rápido para aguentar embates com atacantes leves e tem boa saída de bola, sendo um bom parceiro para Cahill e Stones, que evoluiu bastante no City. Henderson e Dier, muito físicos e com boa média de passe (ambos com 90%), Jesse Lingard, ponta com José Mourinho e interior no *English Team*, têm média de seis passes para o terço final, acionando o bom Har-

QUADRO TÁTICO



A bola sai de Henderson para Dele Alli. Ele espera pra definir onde irá dar o passe: ultrapassagem de Ashley Young ou profundidade de Harry Kane. Se for a primeira, os meias centrais Henderson e Lingard se somam à área junto com Kane para finalizar. Se acontecer a segunda, Kane dá profundidade e os meias centrais pisam na área ao mesmo tempo. O conceito de “tripla ameaça” usado no basquete agora em prol dos *Three Lions*.



FIQUE DE OLHO

ry Kane. Dele Alli é um jogador muito dinâmico, está por todo campo e pisa demais na área. A Inglaterra trabalha bem a bola, mas no último terço acelera e tenta surpreender. É um time que joga com ritmo forte e intenso, como pede o futebol atual. “Nós precisamos de jogadores que se sintam confortáveis defendendo e jogando com a bola entre as duas áreas”, afirmou Southgate à Sky Sports.

Em que pese o fraco grupo das Eliminatórias Europeias, que fez os *Three Lions* avançarem em primeiro e invictos, os ingleses saem da classificatória fortalecidos. Enfrentaram Eslováquia, Escócia, Eslovênia, Lituânia e Malta para chegar à Rússia. O ataque funcionou bastante, com dezoito gols em dez jogos. Harry Kane, de grande temporada no Tottenham mesmo com lesão no joelho, participou de sete jogos e fez seis gols. Sterling, que vem de evolução considerável desde que Guardiola chegou no City, foi um pouco mais tímido nas eliminatórias. A Inglaterra criou muito, mas ainda centraliza muito suas ações em Kane, e isso pode pesar na Copa. A força criativa ficou dividida entre Kyle Walker, mesmo de zagueiro, e Jordan Henderson, com três assistências cada.

TESTES DE POUCO PESO

O que deixa a torcida inglesa de pé atrás é o desempenho nos testes em amistosos que a Inglaterra fez desde que foi eliminada melancolicamente das eliminatórias – resultado que custou o cargo de técnico a Roy Hodgson.

BOLA PARADA: Com a média de 1,83 de altura, a seleção inglesa é fortíssima na bola aérea. Ela pode ser decisiva em confrontos com os pé calibrado de Jordan Henderson em escanteios e faltas.

ALTURA DOS JOGADORES (m)

Stones	Eric Dier	Cahill
1,88	1,88	1,93

33,3% dos gols ingleses foram anotados depois dos 75 minutos, o que evidencia um pouco os problemas do time de Gary Southgate para criar. Ao que tudo indica, diante de Panamá e Tunísia, Southgate terá propor jogo.

TIME JOVEM: a segunda seleção mais jovem do mundial, ficando bem atrás de times experientes como Argentina e Brasil.

MÉDIA DE IDADE

Inglaterra	Brasil	Argentina
26	28,6	29,3

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO F*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
39	10	8	2	0	18	3	15

*Eslováquia, Escócia, Eslovênia, Lituânia e Malta

GRUPO G

Nos amistosos contra seleções do seu nível, teve um rendimento abaixo. Empatou contra França, Alemanha e Brasil, e vitória contra a Holanda.

A Inglaterra chega na Copa como sempre: empolgando no grupo das eliminatórias, com bons nomes e bastante desconfiança. A queixa antes das Copas eram de que o time jogava um futebol “descolado” da realidade mundial, mesmo com a Premier League sendo a liga mais globalizada do Mundo. Com Southgate isso é diferente: o treinador modernizou o modo de jogar, porém ainda peca na contundência ofensiva. Seu grupo na Rússia não é dos mais difíceis. Enfrentará a Bélgica reestruturada, de De Bruyne, Hazard e cia, a Tunísia desfalcada de Msakni e Abdenour, seus dois melhores jogadores, e a zebra Panamá. Para bater os dois últimos, o time inglês colocará à pro-

va seu poderio ofensivo. Será preciso trabalhar pacientemente a bola e colocar à mesa todas as cartas desse novo jogo de proposição inglês, que mescla toques curtos com aceleração no terço final do campo.

O prognóstico básico é passar de fase. Diferentemente da Copa passada, onde caíram no grupo da morte, os *Three Lions* chegam pressionados a avançar. Se avançar, terá outro tabu: ultrapassar a barreira das oitavas de final. Foram impressionantes quatro eliminações consecutivas recentemente neste estágio do torneio. As oitavas de final são a kriptonita inglesa, as quartas e semi a miragem e a final Eldorado.

O COMANDANTE

Gareth Southgate é um dos treinadores ingleses que parece olhar para fora da

ELENCO

GOLEIROS: Jordan Pickford (Everton-ING), Jack Butland (Stoke City), Nick Pope (Burnley-ING)

ZAGUEIROS: John Stones (Manchester City-ING), Harry Maguire (Leicester City-ING), Gary Cahill (Chelsea-ING), Phil Jones (Manchester United-ING)

LATERAIS: Kyle Walker (Manchester City-ING), Kieran Trippier (Tottenham-ING), Danny Rose (Tottenham-ING), Fabian Delph (Manchester City -ING), Trent Alexander-Arnold (Liverpool-ING), Ashley

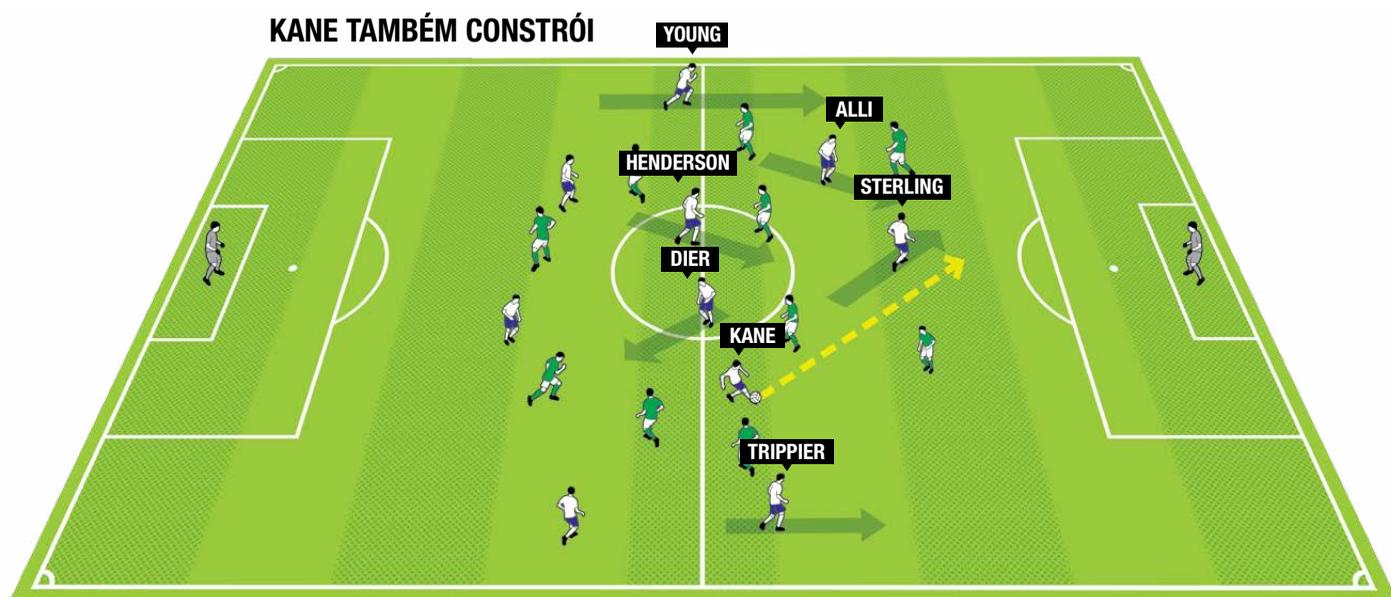
Young (Manchester United-ING)

MEIAS: Eric Dier (Tottenham-ING), Jordan Henderson (Liverpool-ING), Jesse Lingard (Manchester United-ING), Dele Alli (Tottenham-ING), Ruben Loftus-Cheek (Chelsea-ING)

ATACANTES: Raheem Sterling (Manchester City -ING), Harry Kane (Tottenham-ING), Jamie Vardy (Leicester-ING), Danny Welbeck (Arsenal-ING), Marcus Rashford (Manchester United-ING)

TÉCNICO: Gareth Southgate

QUADRO TÁTICO



Kane é o jogador mais influente do ataque e isso não se resume a gols, já que ele é bem completo. Nesse momento, Harry se junta aos meias quando a defesa rival estrutura sua a linha próximo ao gol. Mas quem disse que isso é problema? Com visão de jogo, ele dá um lançamento esperando Dele Alli ou Sterling atacar o espaço.

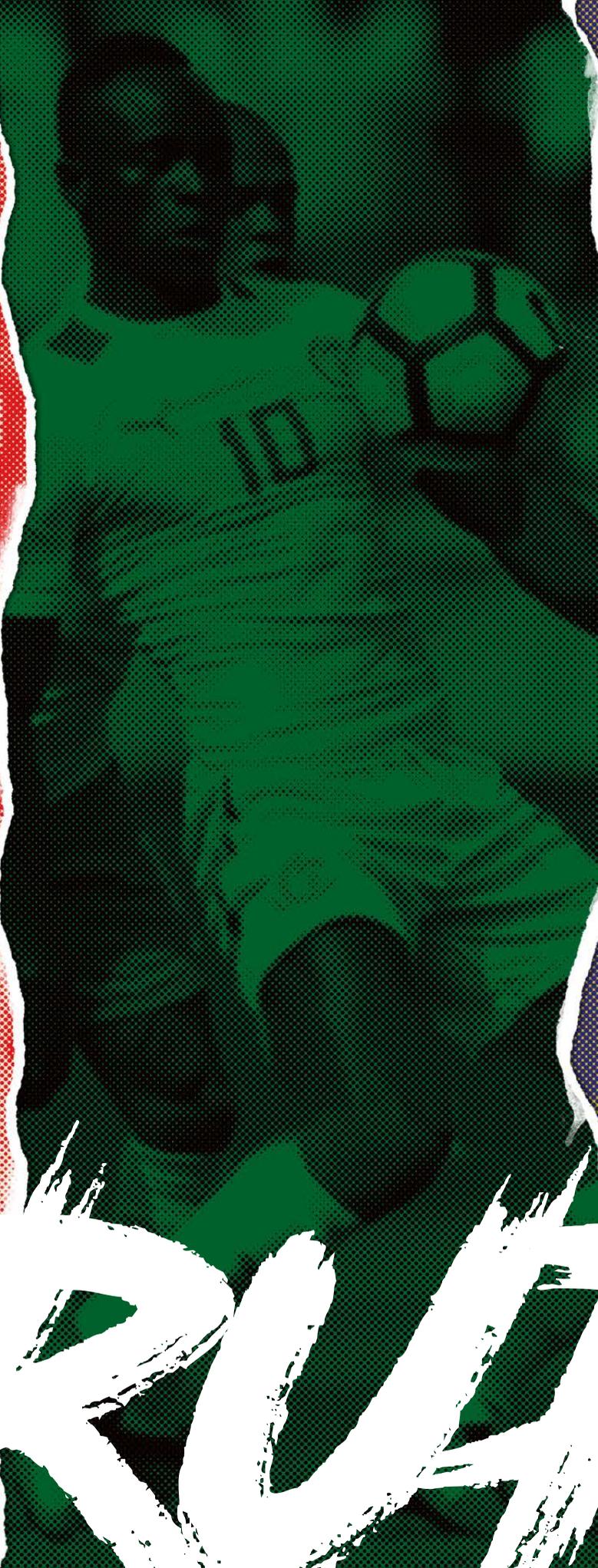
Ilha quando fala e faz futebol. Gareth diz que procura jogadores inteligentes e adaptáveis a plataformas diferentes no próprio jogo e em outros esquemas, caso precise. Isso se refletiu, antes da seleção, em seus clubes. O Middlesbrough, time que treinou antes de assumir a seleção sub-21, jogou em 3-5-2, 4-5-1, 4-3-3 e por aí vai. Medo de ousar, sabemos que ele não tem. A Inglaterra abandonou o 4-4-2 de sempre, testou plataformas não usuais na Terra da Rainha, como o 4-3-3 e 4-2-3-1. Agora joga em 5-4-1 ou 5-3-2, com um time que aposta em transições longas e profundidade em Harry Kane, usando volantes controladores e alas ofensivos. ⚽

UNDERDOG

ALEXANDER-ARNOLD

O menino é uma jóia do futebol inglês. De ascensão meteórica ano passado, quando ainda militava no time sub-23 do Liverpool, Trent chegou ao *English Team* no amistoso contra a Costa Rica. Bastaram 34 jogos na temporada entre Champions League e Premier League para se credenciar. O bom apoio e técnica, colocaram Clyne no banco dos Reds. Parece destinado a brilhar em grandes palcos. O golaço logo em sua estreia na Champions contra o Hoffenheim foi o prenúncio do que estava por vir.







GRUPO H

POLÓNIA

O SONHO CONTINUA

Por: *João Lira*

Cabeça de chave do seu grupo, a seleção da Polônia vai para copa do mundo de 2018 com estrelas, feito inédito, um treinador determinado e uma equipe forte e unida.

Durante a Eurocopa, a seleção polonesa jogou no 4-4-2 com Milik e Lewandowski no ataque, porém, durante as eliminatórias para a copa, Nawałka optou por dar mais força ao meio campo, tirando Milik e pondo mais um jogador no centro do jogo, passando a jogar no 4-2-3-1.

Nos últimos amistosos contra Uruguai, México e Coréia do Sul, Nawałka testou uma formação com 3 zagueiros. Um 3-4-3 que traz uma tendência recente na Europa: A utilização de linha de 5 para se defender.

BOLA PARA ROBERT

A seleção polonesa não é a mais brilhante com a bola, no entanto, quando a tem, tentam utilizar da melhor forma possível. Buscando os flancos como a melhor maneira de chegar ao gol. Optam por construir em ritmo baixo e aceleram apenas no último terço do campo.

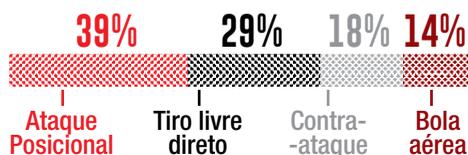
A construção feita desde a defesa encontra sempre seus laterais mais a frente e um dos meio-campistas recuando para ajudar na saída de bola. Assim que eles recebem a bola, já buscam os laterais e os pontos para iniciar a jogada em velocidade.

Chegando próximo à área adversária, tentam acelerar e aproveitar os espaços para a criação de chances de gol. Kuba e Grosicki se posicionam mais centralizados para abrir corredor pro lateral. Grosicki é destro jogando pela esquerda, assim tendo mais facilidade para ter a bola pelo meio e Kuba possui um bom passe e um ótimo cruzamento para a área. O lateral se projeta tendo espaço para correr, Zieliński sempre se desloca para o lado onde se esteja trabalhando a bola, participando de uma triangulação ou girando com a bola para um lado que não tenha marcador e partindo com ela, e o olho aberto buscando um passe decisivo. No fim, quase todas as elaborações de jogadas são para Robert Lewandowski. O goleador Polonês é referência para o time, com uma incrível força física e equilíbrio, Lewandowski consegue dominar e

FIQUE DE OLHO



GOLS MARCADOS POR TIPO DE CONSTRUÇÃO DE JOGADA:



**Dos 28 gols marcados nas eliminatórias*

ELIMINATÓRIAS: (1º LUGAR | GRUPO E*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
25	10	8	1	1	28	14	14

**Polônia, Dinamarca, Montenegro, Armênia, Romênia e Cazaquistão*

UNDERDOG



PIOTR ZIELINSKI

Titular em todas as partidas da eliminatória, o meio campista de 23 anos atua pelo Napoli, participando de jogos com certa frequência. Dono de uma visão de jogo e uma tomada de decisão apurada, Piotr ainda possui valências físicas que o permite jogar mais próximo da área e se manter firme no meio campo. Seu passe e sua condução da bola também não deixam nada a desejar. Na seleção atuando mais como meia atacante, Zielinski flutua e busca participar das jogadas. Com 4 assistências em 10 jogos e sua contribuição coletiva nas eliminatórias, o colocam como um jogador a se observar de perto nessa copa do mundo de 2018.

prepara uma perigosa finalização independente do nível de disputa física que os defensores impuserem. Os laterais quando chegam à frente com espaço, buscam o centroavante e levantam a bola pro seu poderoso cabeceio.

Se encontrar problemas de levar a bola da defesa até o ataque por baixo, Nawałka tem em Glik e Krychowiak os passes longo que tendem a encontrar os extremos que partem em velocidade nas costas da defesa ou achando Lewandowski que pode segurar a bola ou puxar um ataque rápido.

APROXIMAR E COMPACTAR

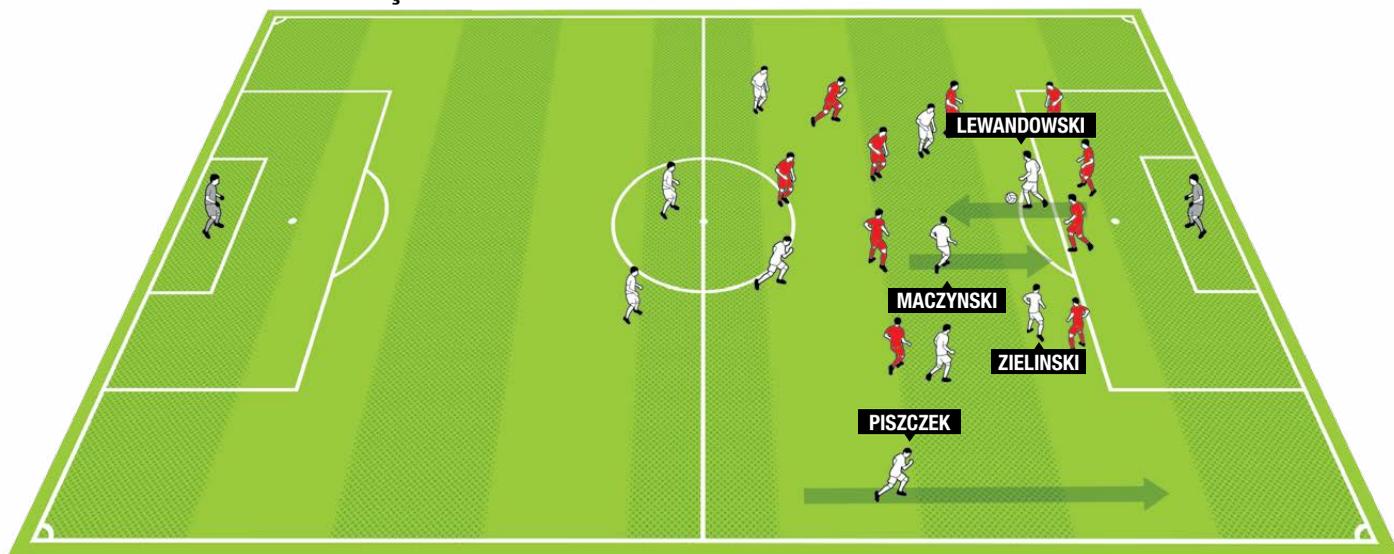
Quando a equipe polaca está postada para se defender, Nawałka faz valer as capacidades físicas de seus jogadores. Mudando na forma de agir dependendo da altura da linha de defesa.

A princípio, com o bloco defensivo mais alto, Zieliński ajuda Lewandowski apertando, de forma até contundente, a saída de bola adversária. Os encaixes individuais curtos são mantidos com uma marcação forte para fazer o adversário levar o jogo pros lados. Lá os laterais participam e a equipe se compacta mais para não sofrer desvantagem numérica.

Se o adversário consegue levar a bola mais para dentro do campo defensivo da Polônia, os poloneses passam a se defender com linha mais baixa. Você tem duas linhas defensivas compactadas em 14 metros. A dupla de zaga fica um pouco atrás da 1ª linha da defesa. Rara as vezes que largam a linha e partem para um combate mais longe da defesa. ⚽

QUADRO TÁTICO

CONSTRUÇÃO PELAS LATERAIS



Maczynski tabela com os atacantes pelo corredor central, aproveitando o pivô de Lewandowski e a boa técnica de Zielinski até abrir a jogada com Piszczek em velocidade que aproveita o corredor livre e cruza pro meio da área, o próprio Maczynski pisa na área para marcar o gol.

ELENCO

GOLEIROS: Lukasz Fabianski (Swansea-ING), Wojciech Szczesny (Juventus-ITA) e Bartosz Bialkowski (Ipswich Town-ING).

LATERAIS: Lukasz Piszczek (Borussia Dortmund-ALE), Artur Jedrzejczyk (Legia Varsóvia-POL) e Bartosz Bereszynski (Sampdoria-ITA).

ZAGUEIROS: Marcin Kaminski (Stuttgart-ALE), Michal Pazdan (Legia Varsóvia-POL), Thiago Cionek (SPAL-ITA), Jan Bednarek (Southampton-ING) e Kamil Glik (Mônaco-FRA)

MEIAS: Jakub Blaszczykowski (Wolfsburg-ALE), Jacek Goralski (Ludogorets-BUG), Kamil Grosicki (Hull City-ING), Grzegorz Krychowiak (West Bromwich Albion-ING), Rafal Kurzawa (Gornik Zabrze-POL), Karol Linetty (Sampdoria-ITA), Slawomir Peszko (Lechia Gdansk-POL), Maciej Rybus (Lokomotiv Moscou-RUS) e Piotr Zielinski (Napoli-ITA).

ATACANTES: Dawid Kownacki (Sampdoria-ITA), Robert Lewandowski (Bayern de Munique-ALE), Arkadiusz Milik (Napoli-ITA) e Lukasz Teodorczyk (Anderlecht-BEL)

TÉCNICO: Adam Nawalka

GRUPO H



SENEGAL

SOB A BATUTA DE Cissé

Por: Renato Gomes Rodrigues

Desde 2002, ano da última participação de Senegal numa Copa do Mundo, nove treinadores passaram pelo banco dos Lions de la Teranga, sem nenhum grande resultado obtido no período até a chegada de Aliou Cissé, em 2015. O antigo defensor, que fez sua carreira sólida, passando por clubes como Paris Saint-Germain, Birmingham e Portsmouth, esteve entre os 23 que disputaram a Copa do Mundo da Coreia e do Japão e capitaneou seus companheiros durante o torneio no qual a seleção africana bateu a poderosa França em sua trajetória. Desde 2012 envolvido com a seleção olímpica de seu país, Cissé assumiu o grupo principal em 2015 e cresceu junto com uma grande geração de jogadores promissores.

Atletas como Sadio Mané e Kalidou Koulibaly, que passam por seus melho-

res momentos em seus clubes, formam a espinha dorsal do time. Ainda testemunhamos o surgimento de jovens como Ismaïla Sarr, nativo de Senegal e fruto da parceria Génération Foot/Metz, que revelou o próprio Mané, além de Diafra Sakho, Papiss Cissé e vários outros atletas que fizeram carreira na Europa e chegaram a atingir o status internacional com a seleção senegalesa.

O trabalho de Cissé e da Federação Senegalesa de Futebol também é marcado pela busca de nomes com dupla nacionalidade. Keita Baldé, Kalidou Koulibaly e Youssouf Sabaly são exemplos de jogadores que não nasceram no continente africano, mas que decidiram representar Senegal ao competir no futebol internacional. O trabalho da FSF continua na busca por laterais, posição mais carente do elenco. Graças

FIQUE DE OLHO



SADIO MANÉ se tornou o principal trunfo da seleção de Senegal. Por vezes posicionado como o “camisa 10” em sua seleção nacional, cabe ao atacante do Liverpool liderar os momentos ofensivos de sua equipe em busca do sucesso.

4
GOLS

6
ASSISTÊNCIAS

(em 16 jogos nas eliminatórias)

ELIMINATÓRIAS: 2º FASE

Madagascar 2 x 2 Senegal
Senegal 3 x 0 Madagascar

3ª FASE (1º LUGAR | GRUPO D*)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
14	6	4	2	0	10	3	7

*Senegal, Burkina Faso, Cabo Verde e África do Sul.

UNDERDOG



ISMAÏLA SARR

O winger é mais um produto da parceria Génération Foot/Metz, que dá frutos aos clubes que passou e também à seleção senegalesa. Com capacidades físicas acima da média para o padrão da Ligue 1, o jovem foi essencial ao Metz na luta contra o rebaixamento, registrando três gols e uma assistência nas últimas cinco rodadas do campeonato. Atualmente é um dos jogadores que mais sofre faltas e provoca cartões na Ligue 1.

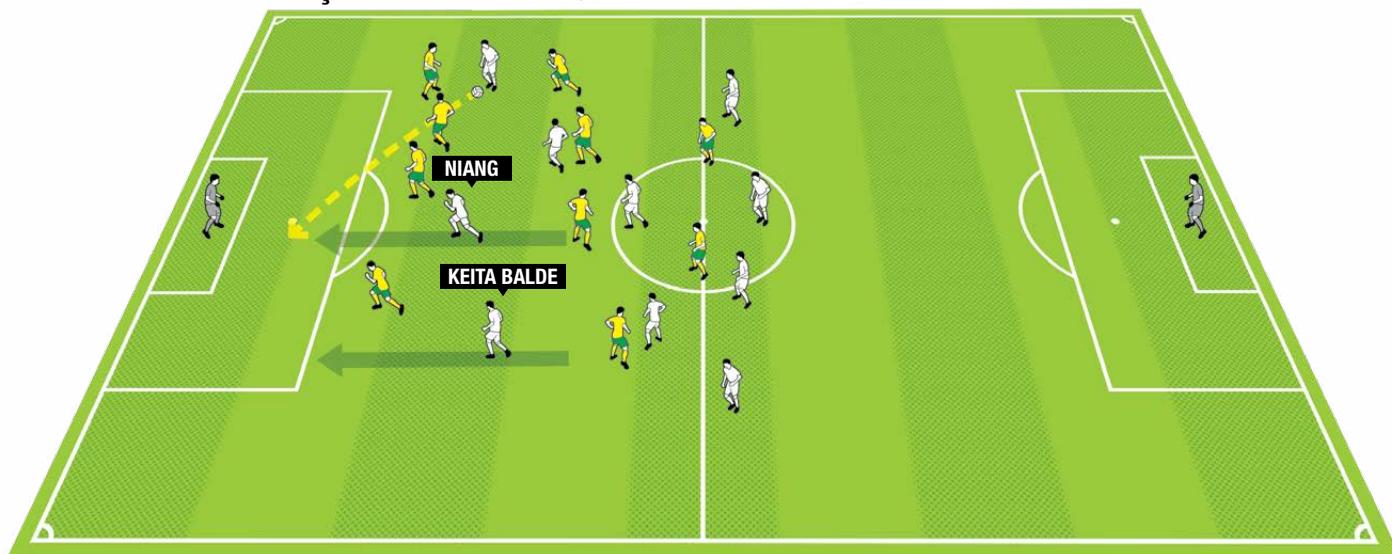
a esta limitação, Cissé se viu obrigado a implantar um sistema com três defensores. Bouna Sarr, que realizou uma grande temporada pelo Olympique de Marseille ao deixar a ponta e partir para a lateral direita, e Ferland Mendy, um dos laterais esquerdos de maior potencial jogando na França, foram sondados, mas rejeitaram o convite de naturalização. Com bons nomes disponíveis em todas as posições, sendo testados no mais alto nível do futebol mundial, Aliou Cissé possui um objetivo claro de acordo com a imprensa local: utilizar a Copa do Mundo para calejar o time e prepara-lo para Copa Africana de Nações de 2019.

ESQUEMAS

Em amistosos pré-Copa, Cissé testou um esquema com três defensores, mas desde que assumiu o comando da seleção, a sua disposição base passa por um esquema de quatro defensores que alterna entre o 4-3-3 e o 4-2-3-1. Com a solidez defensiva garantida pelas duplas Kara-Koulibaly e Kouyaté-Gueye, são Mané e Keita Baldé os responsáveis pela criação de jogadas. Enquanto o misto de equilíbrio físico e defensivo está garantido pelo perfil dos jogadores disponíveis na linha média e defensiva, há a dificuldade em encontrar o nome ideal para gerir os ataques. Mané e Keita Baldé, que possuem uma capacidade de desequilíbrio determinante, por vezes acabam por desperdiçar o potencial agressivo por decisões questionáveis ou gestos (seja um passe, uma finalização ou um cruzamento) mal executados ou executados no momento equivocado. ⚽

QUADRO TÁTICO

FORÇA NO CONTRA-ATAQUE



Pelas características dos jogadores, Senegal é uma seleção muito mais propensa a causar dano contra-atacando do que construindo. Dentro da própria África é fácil perceber os problemas que os comandados de Cissé possuem para desestabilizar defesas fechadas, mas ao mesmo tempo também possuem uma facilidade imensa para causar dano correndo e atacando espaços.

ELENCO

GOLEIROS: Abdoulaye Diallo (Rennes-FRA), Khadim N'Diaye (Horoya-GUI), Alfred Gomis (SPAL-ITA)

LATERAIS: Moussa Wagué (Eupen-BEL), Lamine Gassama (Alanyaspor-TUR), Youssouf Sabaly (Bordeaux-FRA), Saliou Ciss (Angers-FRA)

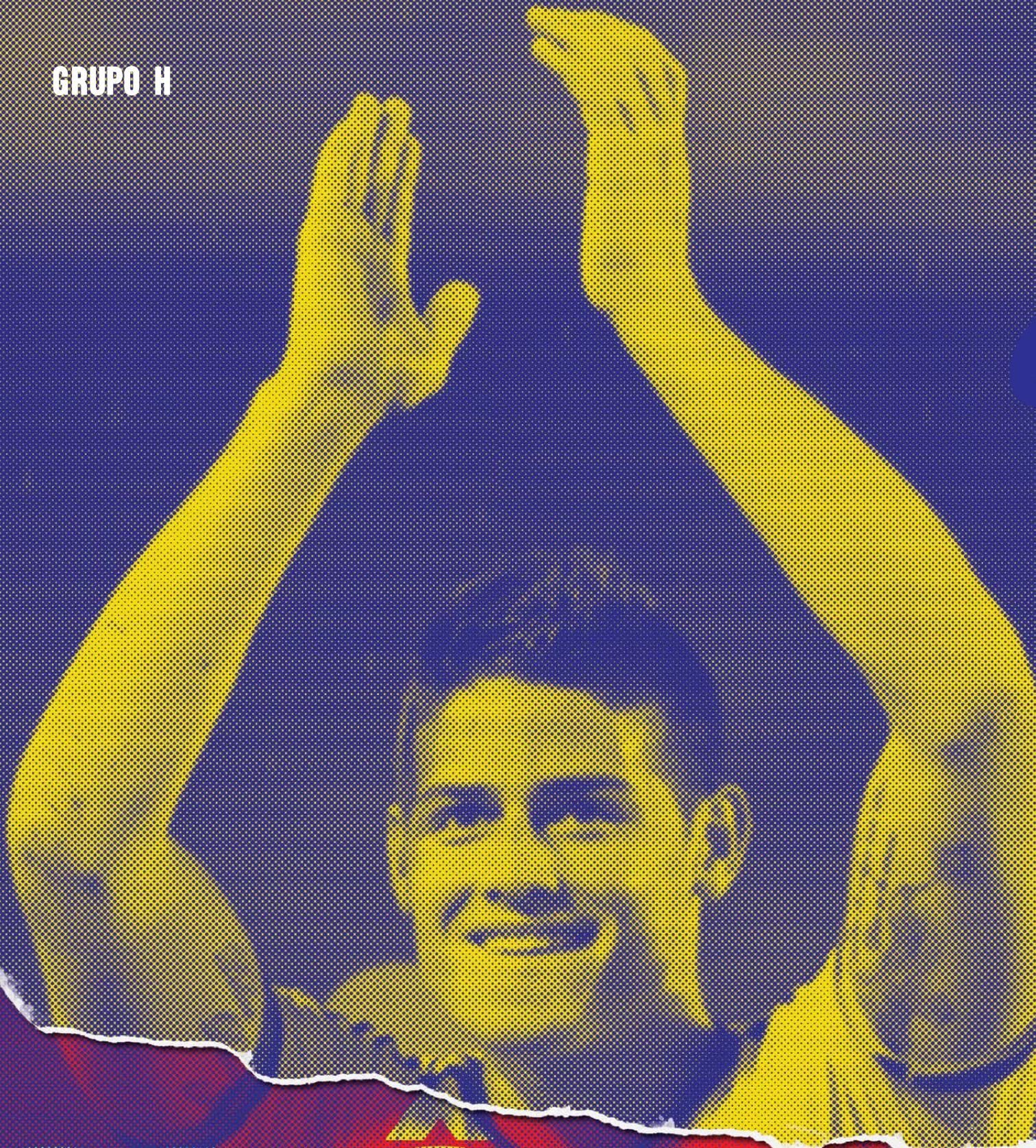
ZAGUEIROS: Kara Mbodji (Anderlecht-BEL), Kalidou Koulibaly (Napoli-ITA), Cheikou Kouyaté (West Ham-ING), Salif Sané (Schalke-04-ALE)

MEIAS: Idrissa Gueye (Everton-ING), Cheick N'Doye (Birmingham-ING), Alfred N'Diaye, Badou Ndiaye (Stoke-ING)

ATACANTES: Moussa Sow (Bursaspor-TUR), Mame Biram Diouf (Stoke-ING), Sadio Mané (Liverpool-ING), Moussa Konaté (Amiens-FRA), Diafra Sakho (Rennes-FRA), Ismaïla Sarr (Rennes-FRA), M'Baye Niang (Torino-ITA), Keita Baldé (Monaco-FRA)

TÉCNICO: Aliou Cissé

GRUPO H



COLOMBIA

TALENTOS CAFETEROS

Por: *Rodrigo Coutinho*

Depois de fazer a melhor campanha de sua história em Copas em 2014, a seleção colombiana chega à Rússia com mais holofotes e disposta a pelo menos igualar o feito. O rendimento atual não é tão bom quanto o de outras jornadas sob o comando do próprio José Pekerman, mas é possível sonhar. Há qualidade técnica e base competitiva. A equipe necessita de alguns ajustes importantes e o cruzamento das oitavas deve ser cruel. O grupo relativamente tranquilo, porém, pode oferecer a oportunidade de evoluir e ganhar confiança.

Mais uma vez o principal expoente é James Rodrigues. A partir dele Pekerman monta a Colômbia com algumas variações. Boa notícia pro treinador é o retorno de Cuadrado, que ficou de fora nos últimos meses devido a uma lesão. A Colômbia vem jogando na alternância entre o 4-3-3, para atacar, e o 4-1-4-1, para defender.

NO RITMO CADENCIADO

A principal característica é a saída curta e o trabalho de bola cadenciado. Até

contra equipes que marcam de forma mais adiantada, o goleiro Ospina busca o passe para um dos zagueiros ou para o volante Carlos Sanchez. A ideia inicial é progredir no campo através da participação dos três homens da faixa central de meio-campo. Os laterais se projetam no campo adversário e são acionados. A partir daí, os extremos se aproximam por dentro para uma tabela ou triangulação, já contando com a participação dos meias centrais. James Rodrigues é o grande centro dessa estratégia. Quando está jogando mais recuado, como meia interior, é ele quem aciona os laterais na grande maioria das vezes. Já quando está mais adiantado, como um falso ponta, recua para participar da base da jogada e um meio-campista, Aguilar ou Uribe, se projeta para equilibrar o posicionamento do time.

Há pouco jogo entrelinhas na Colômbia. A tentativa é quase sempre utilizar os corredores laterais. Ter superioridade pelos flancos e ganhar o fundo para o cruzamento de quem chega de trás ou a bola para Falcão Garcia. O camisa 9 até flutua entre as linhas, mas somente para atrair a atenção e

FIQUE DE OLHO



A Colômbia é uma seleção que constrói suas jogadas sempre de forma curta. Foi a terceira equipe que menos deu passes longos nas Eliminatórias da América do Sul. E a terceira que mais acertou passes para o terço final. Ou seja, quando entra numa faixa de campo mais aguda, sabe o que faz.

73,1% Acerto de passes para o terço final do campo

(média de 53 passes por jogo)

ELIMINATÓRIAS: (4º LUGAR)

P	J	V	E	D	GP	GC	SG
27	18	7	6	5	21	19	2

UNDERDOG



MATEUS URIBE

O meia Uribe vem ganhando cada vez mais espaço no time. Tem muitas chances de formar a trinca de meio ao lado de Carlos Sanchez e Aguilar. Pode ser escalado também pelo lado se Pekerman preferir James no centro. É um jogador de dinâmica, intensidade, qualidade técnica e mobilidade. Tem 27 anos e joga no América (MEX).

75% acertos nos dribles

1,5 recuperações de bola são no campo de ataque

*Temporada mexicana

ajudar na circulação da bola. Um dado que revela como o jogo pelos lados é um padrão bem executado é o acerto nos cruzamentos. São 37,2% de eficiência, melhor aproveitamento das últimas eliminatórias sul-americanas. Em transição ofensiva, o jogo pausado dá lugar a movimentos de profundidade e passes buscando o ataque. Quando retoma a bola da metade do campo pra frente fica muito clara a agressividade dos Cafeteros.

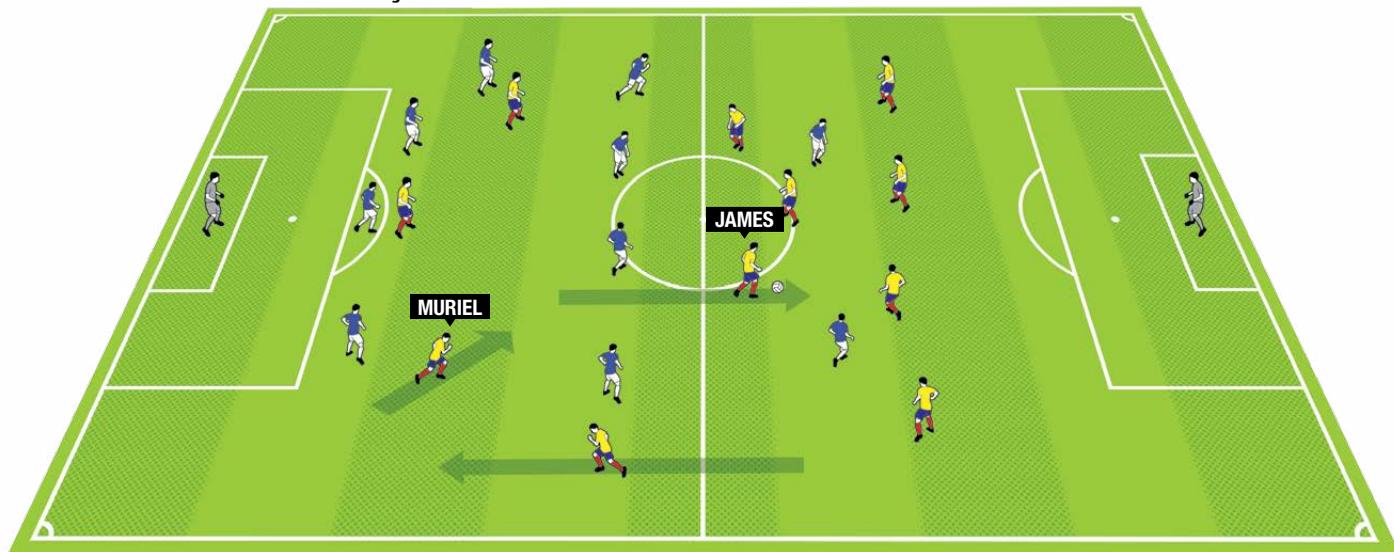
UM SISTEMA POUCO SÓLIDO

O sistema de marcação adotado é o de encaixes no setor com algumas perseguições longas. Está aí o principal problema da Colômbia. Não pela escolha do sistema em si, mas pela forma como é executado. Até há intensidade e agressividade na abordagem de marcação (foi a segunda seleção que mais venceu duelos defensivos nas Eliminatórias), mas as coberturas e compensações são falhas. O bloco de marcação geralmente é médio, com alguns períodos de subida de linhas. Quando James joga como “falso ponta”, há em muitas ocasiões a necessidade de um volante cobrir o lado do campo para que o camisa 10 não tenha tantas obrigações defensivas. Este movimento também costuma gerar problemas.

Na bola aérea a Colômbia marca individualmente. E as transições defensivas são bem irregulares. A equipe até responde rápido à perda da bola, mas falta organização quando o adversário vence a pressão inicial. A Colômbia sofre muitos gols de contra-ataque. ⚽

QUADRO TÁTICO

CONSTRUÇÃO PELAS LATERAIS



James recebe dos zagueiros e já aciona os laterais em campo ofensivo. Ao mesmo tempo, o ponta do lado da jogada busca o centro para se oferecer ao lateral para uma tabela ou triangulação. O "camisa 10" se aproxima da bola e torna-se a base da jogada. A Colômbia utiliza quase que exclusivamente os lados do campo para criar.

ELENCO

GOLEIROS: José Fernando Cuadrado (Once Caldas-COL), David Ospina (Arsenal-ING) e Camilo Vargas (Deportivo Cali-COL)

LATERAIS: Santiago Arias (PSV-HOL), Farid Díaz (Olimpia-PAR) e Johan Mojica (Girona-ESP)

ZAGUEIROS: Yerry Mina (Barcelona-ESP), Óscar Murillo (Pachuca-MEX), Dávinson Sánchez (Tottenham-ING) e Cristian Zapata (Milan-ITA)

MEIAS: Abel Aguilar (Deportivo Cali-COL), Wilmar Barrios (Boca Juniors-ARG), Juan Cuadrado (Juventus-ITA), Jefferson Lerma (Levante-ESP), Juan Quintero (River Plate-ARG), James Rodríguez (Bayern München-ALE), Carlos Sánchez (Espanyol-ESP) e Mateus Uribe (América-MEX)

ATACANTES:

Miguel Borja (Palmeiras), Carlos Bacca (Villarreal-ESP), Falcao García (Monaco-FRA), José Izquierdo (Brighton-ING) e Luis Muriel (Sevilla-ESP)

TÉCNICO: José Pékerman

GRUPO H

JAPÃO

EM BUSCA DE UM NOVO MILAGRE

Por: *Leonardo Hartung*

Líder do Grupo B da terceira e última fase das Eliminatórias Asiáticas, o Japão carimbou o passaporte rumo à Rússia com uma rodada de antecedência e participará de sua sexta Copa do Mundo consecutiva. Mas a situação pós Eliminatórias não é nada animadora.

Após tropeços diante de Haiti (empate em 3x3) ainda em 2017 e depois contra Mali (empate em 1x1) e Ucrânia (derrota por 2x1) em março de 2018, o bósnio Vahid Halilhodzic perdeu o cargo que assumiu em março de 2015. Em seu lugar assume Akira Nishino, que atuava como diretor técnico da JFA (sigla em inglês para Associação de Futebol do Japão) e que levou a Seleção Olímpica japonesa a derrotar o Brasil por 1x0 em 1996 nos Jogos Olímpicos de Atlanta - que ficou conhecido como “o Milagre de Miami”.

Sob o comando de Halilhodzic, o Japão transitou entre 4-3-3 e 4-2-3-1 (disposição adotada nas últimas partidas contra Mali e Ucrânia). Nishino costuma flertar mais com o 4-4-2, não muito distante do 4-2-3-1 de seu antecessor. Entre dúvidas e incertezas, Nishino iniciará sua caminhada no Japão pouco tempo antes do Mundial, em busca de “um novo milagre” japonês.

ATAQUE POR BAIXO

O Japão tem preferência por uma saída pelo chão. Sem muitas opções de estatura no setor ofensivo, a construção longa é o último recurso da equipe. Os laterais, geralmente Hiroki Sakai e Yuto Nagatomo, alargam o campo de ataque, auxiliam na circulação de bola da Seleção Japonesa e sempre possibilitam uma rápida virada de jogo. Tendo bons passadores em seu elenco e com os jogadores próximos em campo, ficar com a bola não é um problema para os japoneses. Mas nas últimas partidas contra Mali e Ucrânia, o Japão tem mostrado dificuldades em criar situações com a equipe organizada no campo de ataque, além de falhar com certa regularidade na finalização.

Outro ponto forte do Japão é a transição ofensiva, sempre veloz em busca de uma conclusão rápida - muitas vezes fruto da postura agressiva quando o Japão não tem a bola. Embora tenha capacidade para acelerar a transição sem perder a qualidade, o Japão costuma falhar nos últimos movimentos, seja no último passe ou na finalização. Não à toa, a seleção vivia um momento de indefinição na

FIQUE DE OLHO



Bolas paradas, tanto defensivas quanto ofensivas, são grandes armas. Os zagueiros Maya Yoshida e Tomoaki Makino, de 1,89m e 1,82m, respectivamente, têm boa impulsão e tendem a se sobressair no jogo aéreo.

O Japão marcou três gols nos quatro amistosos e dois deles vieram de Makino em lances de bola parada.

ELIMINATÓRIAS:

FASE	P	J	V	E	D	GP	GC	SG
2ª	22*	8	7	1	0	27	0	27
3ª	20**	10	6	2	2	17	7	10

*1º LUGAR GRUPO E (Síria, Cingapura, Afeganistão e Camboja)

**1º LUGAR GRUPO A (Arábia Saudita, Austrália, Emirados Árabes Unidos, Iraque e Tailândia)

UNDERDOG



SHOYA NAKAJIMA

O promissor meia de 23 anos desperta como uma grata surpresa. Jogador do Portimonense, de Portugal, em sua estreia fez o gol que salvou o Japão da derrota para Mali e ainda gerou boas oportunidades no setor esquerdo do ataque japonês. Habilidade e veloz, o destro Nakajima não participou da campanha japonesa nas Eliminatórias.

25 ASSISTÊNCIAS* **9 GOLS***

*Primeira Liga (Portugal) 2017-2018

escolha dos jogadores que ocupariam o setor ofensivo sob o comando de Vahid Halilhodzic.

AGRESSIVOS SEM A BOLA

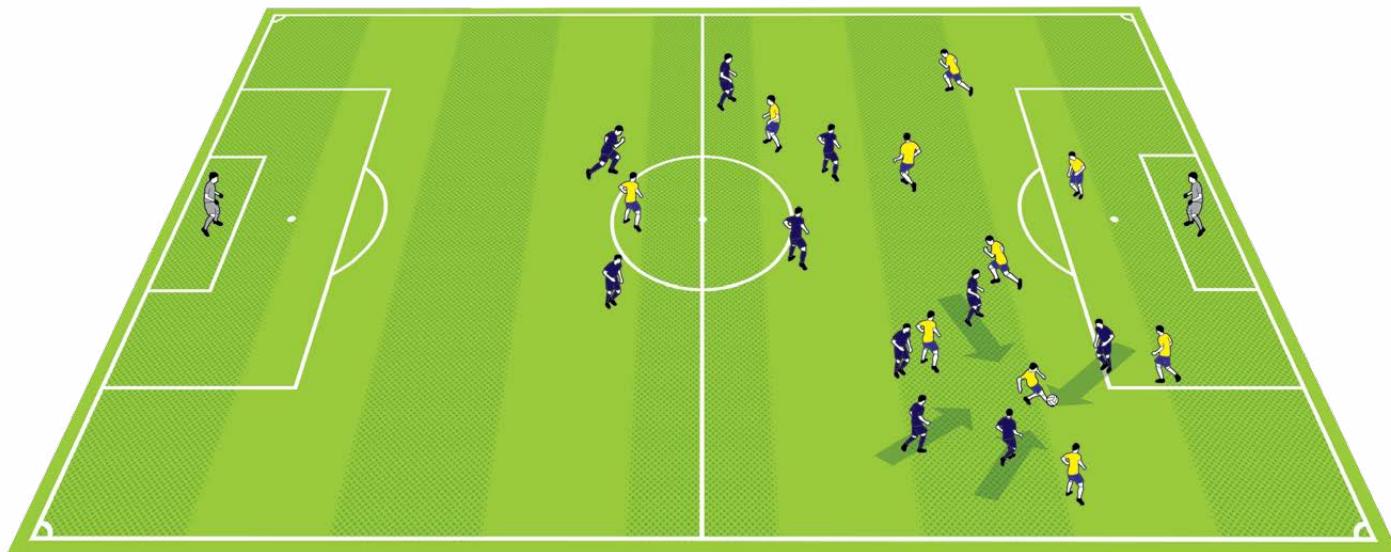
Independente da estratégia adotada em seus jogos, o time adota uma postura bastante agressiva quando o seu adversário tem a bola. Seja tiro de meta ou até mesmo no rolar da bola, o portador sempre é pressionado por pelo menos um jogador japonês. O adversário pode ser Brasil, Mali ou Austrália, o Japão avançará as suas linhas de marcação a fim de dificultar o trabalho de seu oponente com a posse de bola. Em fase defensiva, é possível ver os japoneses marcando de forma mista, e muitas vezes trabalhando com encaixes por setores e perseguições variando entre curtas e médias.

Outro ponto de destaque do Japão é a transição defensiva. Após perder a bola, os jogadores pressionam o adversário para retomar a posse. A pressão pós-perda pode ser uma benção se a bola for recuperada assim como uma maldição quando os japoneses não conseguem retomar a posse - Brasil, Mali e Ucrânia se saíram muito bem ao enfrentarem a pressão japonesa.

Caso a pressão pós-perda não funcione, é possível ver o Japão com três jogadores em busca de oferecer uma densidade defensiva segura (relação entre os jogadores da equipe que ataca e da equipe que se defende): a dupla de zagueiros e um dos meias - na maioria dos casos, o capitão Makoto Hasebe. ⚽

QUADRO TÁTICO

PRESSÃO NA BOLA



Independente do adversário o Japão avançará as suas linhas de marcação a fim de dificultar o trabalho de seu adversário com a posse de bola. O adversário fica com pouco espaço para circular a bola.

ELENCO

GOLEIROS: Eiji Kawashima (Metz-FRA), Masaaki Higashiguchi (Gamba Osaka-JAP), Kosuke Nakamura (Kashiwa Reysol-JAP)

LATERAIS: Yuto Nagatomo (Galatasaray-TUR), Hiroki Sakai (Olympique de Marseille-FRA), Gotoku Sakai (Hamburgo-ALE)

ZAGUEIROS: Tomoaki Makino (Urawa Red Diamonds-JAP), Maya Yoshida (Southampton-ING), Gen Shoji (Kashima Antlers-JAP), Wataru Endo (Urawa Red Diamonds-JAP), Naomichi Ueda (Kashima Antlers-JAP)

MEIAS: Makoto Hasebe (Eintracht Frankfurt-ALE), Keisuke Honda (Pachuca-MEX), Takashi Inui (Eibar-ESP), Shinji Kagawa (Borussia Dortmund-ALE), Hotaru Yamaguchi (Cerezo Osaka-JAP), Genki Haraguchi (Herta Berlin-ALE), Takashi Usami (Augsburg-ALE), Gaku Shibasaki (Getafe-ESP)

ATACANTES: Shinji Okazaki (Leicester City-ING), Yuya Osako (Köln-ALE), Yoshinori Muto (Mainz-ALE), Takuma Asano (Stuttgart-ALE)

TÉCNICO: Akira Nishino

TODAS AS SEXTAS



THE
PITCH INVADERS

OUÇA NOSSOS PODCASTS

footurefc



soundcloud



itunes



Podcast quinzenal
com Leonardo Miranda
e Renato Rodrigues.
Sempre às terças.

FOOTURE

WORLD FANTASY CUP



FOOTURE

FOOTURE

A Copa Footure começou na RealFevr
o melhor fantasy do mundo.

Monte a sua seleção!

Acesse: fantasy.realfevr.com/t/footwc18

Disponível para:



android



iOS

Use o token: [footwc18](#)